



UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**DEPARTAMENTO DE DIVERSIDADE: A NOVA SOCIABILIDADE DO
CAPITAL E AS CONSULTORIAS ANTIRRACISTAS**

DAYANA DA SILVA FERREIRA

PINDORAMA / ABYA YALA

2023



UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**DEPARTAMENTO DE DIVERSIDADE: A NOVA SOCIABILIDADE DO
CAPITAL E AS CONSULTORIAS ANTIRRACISTAS**

DAYANA DA SILVA FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação. Área de concentração: XXX.

ORIENTADOR: CELSO SÁNCHEZ PEREIRA

PINDORAMA / ABYA YALA

2023

DAYANA DA SILVA FERREIRA

DEPARTAMENTO DE DIVERSIDADE: a nova sociabilidade do capital e as
consultorias antirracistas

Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado,
apresentado ao Programa de Pós-graduação em
Educação da Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Mestre em Educação. Área de
concentração: XXX.

Aprovado em: ___/___/___

Banca examinadora:

Prof. Dr. Celso Sánchez Pereira (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Prof^{ta}. Dr^a. Cláudia Miranda
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Prof. Dr. Carlos Frederico Bernardo Loureiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

UM PEDAÇO DE MIM...

Dedico este árduo - árduo por muitos motivos - trabalho, à minha mãe!

MAS ENTRE ESPINHOS, ENCONTREI BELAS FLORES...

Agradeço a oportunidade de existir
Agradeço os diversos modos de amar
Agradeço à ancestralidade
Agradeço à humanidade
Agradeço à Oyá
Agradeço à minha mãe
Agradeço, por mais incrível que possa parecer, ter nascido na minha família
Agradeço aos meus professores
Agradeço à Professora alfabetizadora Fátima
Agradeço à irmã Terezinha do Sagrado
Agradeço à UERJ
Agradeço ao Professor Luiz Carlos Ferreira da Silva
Agradeço ao Prof. Dr. Lucio Sanfillipo
Agradeço ao Grupo de Cultura Popular Pé-de-chinelo
Agradeço à Rede das Pretas
Agradeço ao Coletivo Educação & Insubmissão
Agradeço à turma do mestrado do ano de 2022 (ainda bem que a gnt tem a gnt)
Agradeço ao GT - Formação de Professores e Trabalho, Colemarx-UFRJ
Agradeço ao Prof. Dr. Ivan, por me ofertar escrita sensível diante da dureza da temática
Agradeço ao meu orientador, Celso Sánchez
Agradeço aos meus abençoados (por vezes, encapetados) filhos
Agradeço à banca: Prof^ª. Dr^a. Claudia e Prof. Dr. Carlos Frederico
Agradeço aos poucos amigos que ficam
Agradeço aos amigos que se foram
Agradeço aos nunca amigos que sumiram
Agradeço aos desafetos que foram ou que em breve irão
Todos fizeram e fazem de mim o que sou

AVISO:

Caros Leitores,

Caso intencionem camuflar, se apropriar ou desencaminhar as presentes intenções afetivamente belicosas, não leiam. Partimos (é coletivo, é ancestral) de um cenário desonestamente argumentativo, que distorce falas e contextos em prol de interesses escusos. Peço-lhes que usem as referências que lhe agradem e lhe deem esteios, pois aqui só cabem críticas e pensamentos reformuladores que nos encaminhem para o fim do capitalismo enquanto modelo econômico globalizado. Minha fala não é sedosa como a feminilidade. Consinto e permaneço no lugar de negra raivosa, pois descobri que este espaço me foi legitimado pelo meu algoz.

E é ele meu motor revolucionário...

Um prazer (talvez não), me chamo Dayana. Ousarei falar sobre consultorias antirracistas em uma empresa!

ME GRITARON NEGRA

Por Victoria Santa Cruz

Tenía siete años apenas,
Apenas siete añõs
¡Qué siete años!
¡No llegaba a cinco siquiera!
De pronto unas voces en la calle
me gritaron ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
“¿Soy acaso negra?”- me dije
¡SÍ!
“¿Qué cosa es ser negra?”
¡Negra!
Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía.
¡Negra!
Y me sentí negra,
¡Negra!
Como ellos decían
¡Negra!
Y retrocedí
¡Negra!
Como ellos querían
¡Negra!
Y odie mis cabellos y mis labios gruesos
y mire apenada mi carne tostada
Y retrocedí
¡Negra!
Y retrocedí . . .
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
Y pasaba el tiempo,
y siempre amargada
Seguía llevando a mi espalda

mi pesada carga
¡Y cómo pesaba!...
Me alacé el cabello,
me polvee la cara,
y entre mis entrañas siempre resonaba la misma palabra
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
Hasta que un día que retrocedía, a retrocedía y qué iba a caer
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¿Y qué?
¿Y qué?
¡Negra!
Si
¡Negra!
Soy
¡Negra!
Negra
¡Negra!
Negra soy
¡Negra!
Si
¡Negra!
Soy
¡Negra!
Negra
¡Negra!
Negra soy
De hoy en adelante no quiero
lacia mi cabello
No quiero
Y voy a reírme de aquellos,
que por evitar -según ellos-
que por evitarnos algún sinsabor

Llaman a los negros gente de color

¡Y de qué color!

NEGRO

¡Y qué lindo suena!

NEGRO

¡Y qué ritmo tiene!

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO

Al fin

Al fin comprendí

AL FIN

Ya no retrocedo.

AL FIN

Y avanzo segura.

AL FIN

Avanzo y espero.

AL FIN

Y bendigo al cielo porque quiso Dios

que negro azabache fuese mi color

Y ya comprendí.

AL FIN

¡Ya tengo la llave!

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO

¡Negra soy!

FERREIRA, Dayana da Silva. **Departamento de Diversidade: a nova sociabilidade do capital e as consultorias antirracistas**. 2024. 201 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

RECORTE DO QUE AQUI QUERO CONVERSAR... OU RESUMO

Uma caminhada ontologicamente científica. Entre ideologias e deslumbramentos teórico-epistemológicos, o encerramento de um ciclo que começara em 2004: a entrada como cotista na UERJ no bacharelado em Oceanografia. Exatamente 20 anos depois, os sentidos se coadunam e se exprimem em uma escolha consciente por rejeitar modelos sociais predominantes. O instinto é algo que amedronta mesmo que seja um bom conselheiro em alguns instantes. Pena você não estar por aqui para entender tudo isso comigo, mãe! O presente trabalho se desbobra a partir das teorias marxianas e marxistas para um reconhecimento inicial de fenômeno social tipificado recentemente: as consultorias identitárias com enfoque antirracista. O objetivo da pesquisa se espria pelo mapeamento de uma conduta empresarial permeada pelo conceito de *Diversity Washing*, trazendo as peculiaridades fenomênicas para terras brasileiras. São as consultorias antirracistas capazes de questionar as herdas da nossa formação sócio-histórica racista? Para tentar responder tal pergunta e gerar inúmeras outras, realizo um estudo de caso com análise de conteúdo sobre o grupo empresarial Carrefour, tendo como marcos constitutivos da análise os relatórios produzidos em 2019 (antes do Caso Beto), 2020 (ano do incidente) e nos anos de 2021 e 2022. Como se posicionou e hoje se posiciona a empresa nas questões antirracista? Algumas ferramentas metodológicas como a (auto)biografia, as revisões e as pesquisas exploratórias me possibilitam avanços analíticos para tal labor. Pensar o departamento de diversidade, me aciona inquietude pesquisadora sobre o quanto este “remendo” sociorracial é capaz de minimizar as marcas das relações sócio-históricas brasileiras, da colonialidade e da competição material, sem confrontar o sistema socioeconômico capitalista e suas continuidades histórico-dialéticas. Talvez não tenhamos respostas. Com certeza, mesmo que a tenhamos, estas não serão definitivas. Contudo, posicionar-se é revolucionário.

Palavras-chave: Departamento de diversidade. *Diversity Washing*. Consultoria antirracista.

FERREIRA, Dayana da Silva. **Departamento de Diversidad: la nueva sociabilidad del capital y las consultorías antirracistas**. 2024. 201 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

PARTE DE LO QUE QUIERO HABLAR AQUÍ... O RESUMÉN

Un viaje ontológicamente científico. Entre ideologías y asombro teórico-epistemológico, el fin de un ciclo que comenzó en 2004: el ingreso como estudiante de cuota a la UERJ en la Licenciatura en Oceanografía. Exactamente 20 años después, los significados se alinean y expresan en una elección consciente de rechazar los modelos sociales predominantes. El instinto es algo que asusta aunque a veces sea un buen consejero. ¡Qué pena que no estés aquí para entender todo esto conmigo, mamá! Este trabajo se desarrolla desde las teorías marxianas y marxistas hasta un reconocimiento inicial de un fenómeno social recientemente tipificado: las consultorías identitarias con enfoque antirracista. El objetivo de la investigación se extiende a mapear una conducta empresarial permeada por el concepto de Lavado de Diversidad, trayendo peculiaridades fenomenales a tierras brasileñas. ¿Son las consultorías antirracistas capaces de cuestionar el legado de nuestra formación sociohistórica racista? Para intentar dar respuesta a esta pregunta y generar muchas otras, realicé un estudio de caso con análisis de contenido sobre el grupo empresarial Carrefour, a partir de los informes elaborados en 2019 (antes del Caso Beto), 2020 (año del siniestro) y en 2021 y 2022. ¿Cómo se posicionó y hoy se posiciona la empresa en temas antirracistas? Algunas herramientas metodológicas como la (auto)biografía, las revisiones y la investigación exploratoria me permiten realizar avances analíticos en este trabajo. Pensar en el departamento de diversidad me preocupa como investigador sobre hasta qué punto este “parche” socio-racial es capaz de minimizar las marcas de las relaciones sociohistóricas brasileñas, la colonialidad y la competencia material, sin confrontar el sistema socioeconómico capitalista y su dialéctica histórico-continuidades. Quizás no tengamos respuestas. Eso sí, aunque lo tengamos no será definitivo. Sin embargo, tomar una postura es revolucionario.

Palabras clave: Departamento de Diversidad. Lavado de Diversidad. Consultoría antirracista.

FERREIRA, Dayana da Silva. **Diversity Department: the new sociability of capital and anti-racist consultancies**. 2024. 201 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

CUT OUT WHAT I WANT TO TALK ABOUT HERE... OR ABSTRACT

An ontologically scientific journey. Between ideologies and theoretical-epistemological wonder, the end of a cycle that began in 2004: entry as a quota student at UERJ in the Bachelor's degree in Oceanography. Exactly 20 years later, the meanings are aligned and expressed in a conscious choice to reject predominant social models. Instinct is something that scares even if it is a good advisor at times. It's a shame you're not here to understand all this with me, mom! This work unfolds from Marxian and Marxist theories to an initial recognition of a recently typified social phenomenon: identity consultancies with an anti-racist focus. The objective of the research extends to mapping a business conduct permeated by the concept of Diversity Washing, bringing phenomenal peculiarities to Brazilian lands. Are anti-racist consultancies capable of questioning the legacy of our racist socio-historical formation? To try to answer this question and generate countless others, I carried out a case study with content analysis on the Carrefour business group, using the reports produced in 2019 (before the Beto Case), 2020 (year of the incident) and in 2021 and 2022. How did the company position itself and today does it position itself on anti-racist issues? Some methodological tools such as (auto)biography, reviews and exploratory research allow me to make analytical advances in this work. Thinking about the diversity department makes me worried as a researcher about how much this socio-racial "patch" is capable of minimizing the marks of Brazilian socio-historical relations, coloniality and material competition, without confronting the capitalist socioeconomic system and its historical-dialectic continuities. Maybe we don't have answers. Of course, even if we have it, it will not be definitive. However, taking a stand is revolutionary.

Keywords: Diversity department. Diversity Washing. Anti-racist consultancy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 - Mais um partido, mais uma causa. Mais do mesmo?	26
Fig. 2 - Retomo a cor ao distanciar-me das máscaras alvas que tentam me impor	32
Fig. 3 - Ela sou eu...	35
Fig. 4 - Uma tentativa despreziosa de explicar a mesclatividade/totalidade que produz ad-eternamente qualquer análise científica	44
Fig. 5 - Informes “O Marxista” - Extra, extra!!!	68
Fig. 6 - Constituição do ser social em totalidade, partindo dos principais determinantes que contribuem para a sua formação (mesclados a multivariadas mediações histórico-culturais).....	78
Fig. 7 - Os caminhos até os conhecimentos históricos	87
Fig. 8 - Esquematização das categorias constitutivas do método MHD	89
Fig. 9 - Pelo menos a gente tem liberdade, né?	99
Fig. 10 - Gráficos: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r: com as porcentagens (quantidades) das palavras nos anos de 2019, 2020, 2021 e 2022	103
Fig. 11 - Gráficos: Porcentagem dos conjuntos lexicais por ano	104
Fig. 12 - Gráficos: a, b, c, d, e, f, g, h: com as porcentagens de categorias por exposição - 2019, 2020, 2021 e 2022	109
Fig. 13 - Gráficos: com as porcentagens de categorias por intenção - 2019, 2020, 2021 e 2022. Desvio de 0,1% (+ou-)	110

Fig. 14 - Gráficos: com as porcentagens das menções dos presidentes pelo uso dos termos - 2019, 2020, 2021 e 2022. Desvio de 0,1% (+ou-)	111
Fig. 15 - “ <i>Eu, por exemplo, entre direita e esquerda, continuo sendo preta.</i> ” (Sueli Carneiro)	114
Fig. 16 - “ <i>Essa foi de lasciar o cano!</i> ” (Lucia) ... você não estar aqui	123

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 — Categorias na EREER - Resumos ANPEds Nacionais - 2019/2021	93
Quadro 2 — Constando as Quantidades de Palavras/Ano e Relatórios	100
Quadro 3 — As Quantidades em % das Palavras/Ano	103
Quadro 4 — N° de Classificação por Exposição nos Textos	107
Quadro 5 — % de Classificação por Exposição nos Textos	107
Quadro 6 — N° de Classificação por Intenção dos Termos nos Textos	109
Quadro 7 — % por Intenção dos Termos nos Textos	110
Quadro 8 — N° de Usos de Termos Destacados pelos Presidentes (1 E 2) da Empresa	111
Quadro 9 — % de Usos de Termos Destacados pelos Presidentes (1 E 2) da Empresa	111
Quadro 10 — Compilação dos Resumos Expandidos / GT 21 Anped/2019	124
Quadro 11 — Compilação Dos Resumos Expandidos / GT 21 Anped/2021	128
Quadro 12 — Palavra Equidade Extraída do Relatório do Ano de 2019	136
Quadro 13 — Palavra Diversidade Extraída do Relatório do Ano de 2019	136
Quadro 14 — Palavra <i>Compliance</i> Extraída do Relatório do Ano de 2019	137
Quadro 15 — Palavra Raça Extraída do Relatório do Ano de 2019	138

Quadro 16 — Palavra Etnia Extraída do Relatório do Ano de 2019	138
Quadro 17 — Palavra Racismo Extraída do Relatório do Ano de 2019	139
Quadro 18 — Palavra Racial Extraída do Relatório do Ano de 2019	139
Quadro 19 — Palavra Antirracismo Extraída do Relatório do Ano de 2019	139
Quadro 20 — Palavra Antirracista Extraída do Relatório do Ano de 2019	139
Quadro 21 — Palavra Consultoria Extraída do Relatório do Ano de 2019	140
Quadro 22 — Palavra Inclusão Extraída do Relatório do Ano de 2019	140
Quadro 23 — Palavra Igualdade Extraída do Relatório do Ano de 2019	141
Quadro 24 — Palavra Negro(As) Extraída do Relatório do Ano de 2019	142
Quadro 25 — Palavra Preto(As) Extraída do Relatório do Ano de 2019	142
Quadro 26 — Palavra Pardo(As) Extraída do Relatório do Ano de 2019	143
Quadro 27 — Palavra Afro (Prefixo) Extraída do Relatório do Ano de 2019	143
Quadro 28 — Palavra Preconceito Extraída do Relatório do Ano de 2019	143
Quadro 29 — Palavra Discriminação Extraída do Relatório do Ano de 2019	143
Quadro 30 — Palavra Equidade Extraída do Relatório do Ano de 2020	144
Quadro 31 — Palavra Diversidade Extraída do Relatório do Ano de 2020	144
Quadro 32 — Palavra Inclusão Extraída do Relatório do Ano de 2020	148

Quadro 33 — Palavra Igualdade Extraída do Relatório do Ano de 2020	151
Quadro 34 — Palavra <i>Compliance</i> Extraída do Relatório do Ano de 2020	151
Quadro 35 — Palavra Consultoria Extraída do Relatório do Ano de 2020	153
Quadro 36 — Palavra Raça Extraída do Relatório do Ano de 2020	153
Quadro 37 — Palavra Racial Extraída do Relatório do Ano de 2020	154
Quadro 38 — Palavra Afro (Prefixo) Extraída do Relatório do Ano de 2020	154
Quadro 39 — Palavra Negro(As) Extraída do Relatório do Ano de 2020	155
Quadro 40 — Palavra Preto(As) Extraída do Relatório do Ano de 2020	157
Quadro 41 — Palavra Pardo(As) Extraída do Relatório do Ano de 2020	157
Quadro 42 — Palavra Racismo Extraída do Relatório do Ano de 2020	157
Quadro 43 — Palavra Preconceito Extraída do Relatório Do Ano De 2020	159
Quadro 44 — Palavra Discriminação(s) Extraída do Relatório do Ano de 2020	160
Quadro 45 — Palavra Antirracismo Extraída do Relatório do Ano de 2020	161
Quadro 46 — Palavra Antirracista(s) Extraída do Relatório do Ano de 2020	161
Quadro 47 — Palavra Etnia(s) Extraída do Relatório do Ano de 2020	162
Quadro 48 — Palavra Equidade Extraída do Relatório do Ano de 2021	162

Quadro 49 — Palavra Diversidade Extraída do Relatório do Ano de 2021	163
Quadro 50 — Palavra Inclusão Extraída do Relatório do Ano de 2021	165
Quadro 51 — Palavra (des)Igualdade Extraída do Relatório do Ano de 2021	167
Quadro 52 — Palavra <i>Compliance</i> Extraída do Relatório do Ano de 2021	168
Quadro 53 — Palavra Consultoria(s) Extraída do Relatório do Ano de 2021	169
Quadro 54 — Palavra Raça Extraída do Relatório do Ano de 2021	169
Quadro 55 — Palavra Etnia Extraída do Relatório do Ano de 2021	170
Quadro 56 — Palavra Racial Extraída do Relatório do Ano de 2021	170
Quadro 57 — Palavra Afro(Prefixo) Extraída do Relatório do Ano de 2021	171
Quadro 58 — Palavra Negro(As) Extraída do Relatório do Ano de 2021	171
Quadro 59 — Palavra Preto(As) Extraída do Relatório do Ano de 2021	173
Quadro 60 — Palavra Pardo(As) Extraída do Relatório do Ano de 2021	173
Quadro 61 — Palavra Racismo Extraída do Relatório do Ano de 2021	174
Quadro 62 — Palavra Preconceito Extraída do Relatório do Ano de 2021	175
Quadro 63 — Palavra Discriminação Extraída do Relatório do Ano de 2021	175
Quadro 64 — Palavra Antirracismo Extraída do Relatório do Ano de 2021	176
Quadro 65 — Palavra Antirracista Extraída do Relatório do Ano de 2021.....	177

Quadro 66 — Palavra Equidade Extraída do Relatório do Ano de 2022	177
Quadro 67 — Palavra Diversidade Extraída do Relatório do Ano de 2022	178
Quadro 68 — Palavra Inclusão Extraída do Relatório do Ano de 2022	179
Quadro 69 — Palavra (Des)Igualdade Extraída do Relatório do Ano de 2022	180
Quadro 70 — Palavra <i>Compliance</i> Extraída do Relatório do Ano de 2022	181
Quadro 71 — Palavra Consultoria(as) Extraída Do Relatório Do Ano De 2022	182
Quadro 72 — Palavra Raça Extraída do Relatório do Ano de 2022	182
Quadro 73 — Palavra Etnia Extraída do Relatório do Ano de 2022	182
Quadro 74 — Palavra Racial Extraída do Relatório do Ano de 2022	183
Quadro 75 — Palavra Afro(Prefixo) Extraída do Relatório do Ano de 2022	183
Quadro 76 — Palavra Negro(as) Extraída do Relatório do Ano de 2022	184
Quadro 77 — Palavra Preto(as) Extraída do Relatório do Ano de 2022	186
Quadro 78 — Palavra Pardo(as) Extraída do Relatório do Ano de 2022	186
Quadro 79 — Palavra Racismo Extraída do Relatório do Ano de 2022	186
Quadro 80 — Palavra Preconceito Extraída do Relatório do Ano de 2022	187
Quadro 81 — Palavra (anti)Discriminação Extraída do Relatório do Ano de 2022	188

Quadro 82 — Palavra Antirracismo Extraída do Relatório do Ano de 2022 189

Quadro 83 — Palavra Antirracista Extraída do Relatório do Ano de 2022 189

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABREVIATURAS:

8M	Dia 08 de Março / Dia Internacional da Mulher
Dez.	Dezembro
Dir+	Direção
Discr.	Discriminação
Docência E. Superior	Docência do Ensino Superior
Ed. E. Quilombola	Educação Escolar Quilombola
Educação E. Indígena	Educação Escolar Indígena
Fig.	Figura
Ger+	Gerência
Gnt	Gente
Ling. e Etnia Indígena	Língua e Etnia Indígena
Lit. A. e Afro-brasil.	Literatura Africana e Afro-brasileira
Nº	Número
Nov.	Novembro
P. de Permanência	Política de Permanência
Pesq.	Pesquisa
Pg.	Página
Pres.	Presidente
Prod. B. Acadêmica	Produção Bibliográfica Acadêmica
Prof. Dr.	Professor Doutor
Prof ^a . Dr ^a .	Professora Doutora
S.d.	Sem Data
S.p.	Sem Página
T/R/PC - Marx	Título, Resumo do resumo expandido, Palavra-chave sobre teoria crítica
T. Zero	Toiletância Zero
Valor. divers.	Valorização da diversidade

SIGLAS:

ABVTEX	Associação Brasileira do Varejo Têxtil
ACD	Análise Crítica do Discurso
ALARI	Afro Latin American Research Institute
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APBN	Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as
APH	Aparelho Privado de Hegemonia
B. O.	Boletim de Ocorrência (gíria para um problema grande, de difícil resolução)
BNCC	Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica
BNC-Formação	Base Nacional Comum para a Formação de Professores
CEBRASPE	Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos
CEO	<i>Chief Executive Officer</i>
Colemarx	Coletivo de Estudos em Marxismo e Educação
COVID 19	Corrona Virus Disease 19
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNEEQ	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola
DNA	<i>DeoxyriboNucleic Acid</i>
EAD	Educação a Distância
E&I	Educação e Insubmissão
EEQ	Educação Escolar Quilombola
EI	Educação Infantil
EM	Ensino Médio
EM	Escola Municipal
EMEIF	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ERER	Educação para as Relações Ètnico-raciais
ESG	<i>Environmental, Social and Governance</i>
FAN	Festival de Arte Negra
FEBARJ	Federação de Blocos Afros e Afoxés do Rio de Janeiro

FME	Fundação Municipal de Educação
FNB	Frente Negra Brasileira
GARU	Grupo de Afinidade Racial Ubuntu
GEASur	Grupo de Estudos em Educação Ambiental Desde el Sur
GEPOC-UFF	Grupo de Estudos e Pesquisas em Ontologia Crítica
GDI	Gente, Diversidade e Inclusão
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibovespa	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo
ICS	Iniciativa de <i>Compliance</i> e Sustentabilidade
IHGB	Instituto Historiográfico e Geográfico Brasileiro
LGBTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans(travestis), Intersexos Mais
MA	Maranhão
MHD	Materialismo Histórico Dialético
MNR	Movimento Negro Revolucionário (fictício)
MNU	Movimento Negro Unificado
MP-RS	Ministério Público do Estado do Rio de Grande do Sul
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
Neab	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros
NEM	Novo Ensino Médio
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONECA	Rede Continental de Organizações Afroamericanas, Organização Negra Centro-americana
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCD	Pessoas com Deficiência
PE	Pernambuco
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PPP	Projeto Político Pedagógico
PT	Partido dos Trabalhadores
QR Code	<i>Quick Response Code</i>

RS	Rio Grande do Sul
SARS-CoV-2	Coronavirus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave
SP	São Paulo
TAC	Temo de Ajuste de Conduta
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFOP	Universidade Federal do Ouro Preto
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

UM PEDAÇO DE MIM...	03
MAS ENTRE ESPINHOS, ENCONTREI BELAS FLORES	04
AVISO	05
ME GRITARON NEGRA	06
RECORTE DO QUE AQUI QUERO CONVERSAR... OU RESUMO	09
PARTE DE LO QUE QUIERO HABLAR AQUÍ... OR RESUMÉN	10
CUT OUT WHAT I WANT TO TALK ABOUT HERE... OR ABSTRACT	11
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	12
LISTA DE QUADROS E TABELAS	14
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	20
A PESQUISA E SUAS MESCLAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS	27
PEDAÇO 1 - OS CAMINHOS DE UMA PESQUISA...	33
1.1 - CORPO-DOCUMENTO: UMA ESCRITA DE SI	33
1.2 - PREOCUPAÇÕES: UM CUIDAR SÓCIO-HISTÓRICO COM AS MESCLATIVIDADES	42
1.3 - FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA: O MOURO BRASILEIRO PELOS APORTES DE MOURA	46
1.3.1 - O MOVIMENTO (EDUCADOR) NEGRO E AS AÇÕES AFIRMATIVAS	58
1.3.2 - DA ESCRAVIDÃO À DURBAN: PINCELADAS EDUCACIONAIS	58
1.3.3 - DE DURBAN ÀS CONSULTORIAS RACIALIZADAS: 20 ANOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS	61
PEDAÇO 2 - CAMINHOS MARXISTAS PARA ENTENDER O BRASIL	69
2.1 - AS CATEGORIAS MARXISTAS DE GRAMSCI: IDEOLOGIA, HEGEMONIA, REVOLUÇÃO PASSIVA E APH	69
2.2 - ONTOLOGIA DO SER EM LUKÁCS	74
2.3 - A AUSÊNCIA DO DEBATE MARXISTA NA ERER	79

2.4 - CONSULTORIAS IDENTITÁRIAS: ANTIRRACISTA COM CERTIFICADO E TUDO!	80
PEDAÇO 3 - METODOLOGIA	88
3.1 - (AUTO)BIOGRAFIA	89
3.2 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA E POR CONVENIÊNCIA	92
3.3 - ESTUDO DE CASO <i>CARREFOUR</i> COM ANÁLISE DE CONTEÚDO	95
4 - RESULTANTES ANALÍTICAS	100
COLAGEM TEÓRICO-PRÁTICA	115
ANEXOS	124
ANEXO I - QUADRO COM A COMPILAÇÃO DOS RESUMOS EXPANDIDOS PUBLICADOS NO GT 21 DA ANPED NACIONAL - ANO DE 2019	124
ANEXO II - QUADRO COM A COMPILAÇÃO DOS RESUMOS EXPANDIDOS PUBLICADOS NO GT 21 DA ANPED NACIONAL - ANO DE 2021	128
ANEXO III - QUADROS E DESCRIÇÕES DOS RELATÓRIOS DE 2019- 20 -21 - 22 C/ TERMOS	136
RELATÓRIO/ANO: 2019	136
RELATÓRIO/ANO: 2020	144
RELATÓRIO/ANO: 2021.....	162
RELATÓRIO/ANO: 2022	177
CAMINHOS BIBLIOGRÁFICOS	190

MNR - Movimento Negro Revolucionário

Dayana da S. Ferreira
0001-2022/Brasil-mundo
Educador de base
em práxis
revolucionária

MNR

Por ..., Zumbi, ..., Marx, Engels, Rosa, Lênin, Trotski, ..., Cabral, Fanon, Césaire, Mao, Che, Fidel, ..., Lula, Janja ...

Comunista de carteirinha

Dayana da Silva Ferreira

Dayana da S. Ferreira - Matr.: 0001-2022/
Brasil ou Mundo?

0 2042 62306 78 1

Mais do mesmo?

Fig. 1 - Mais um partido, mais uma causa. Mais do mesmo?

A PESQUISA E SUAS MESCLAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O presente e “querido” *frankstein* teórico subapresentado compõe uma exigência acadêmica para a tão famigerada (necessária e não endeusadora) certificação ao nível de mestrado *stricto sensu*. Ademais, trata-se de produção intelecto-perceptiva que me insere em polêmico, ao mesmo tempo que unânime (para o bem e/ou para o mal), campo epistemológico marxista. Sem bem entender, inicialmente, a importância da escolha epistêmica na elaboração de análises da pesquisa, a coerência e a confiança nos sentires acerca do meio social foram condições do encaminhamento para um sentido pesquisador marxista. Então, é isso: a perspectiva teórico-metodológica é a crítico-marxista, caso pudessem surgir dúvidas pela escrita e atravessamentos, inicialmente, decoloniais e pós-modernos. O termo *frankstein* se justifica pela captura das partes extraídas de categorias isoladas de autores marxistas, sendo necessário, em futuro breve, entendê-las dentro de um conjunto de suas obras e suas trajetórias. Confesso felicidade inexplicável ao deparar-me com tais fazeres científicos que colaboram para o meu *locus mundi* acadêmico (visão de mundo). Como disse meu orientador: “*Um deslumbramento*”. Sinto-me deslumbrada de veras.

A Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER) surgiu umbilicalmente como possibilidade de aplicar ao campo da História uma práxis educativa. Em 2018, ao escolher a cadeira formativa acima mencionada, os desconfortos advindos dos conselhos professorais da graduação em Oceanografia vieram à tona: “*Aprenda a teoria, reproduza ela nas avaliações e na prática faça o que mandarem ou o que for possível!*”. Mas como assim? Então porque a teoria não se reformula na prática possível? A pergunta, dentre outras, era recorrente. Concebi que como professora de História em formação faria o possível para criar uma relação harmônica entre teoria e prática. Como previsto, deu tudo errado. Nascia o entendimento de que as estruturas sociais são mais fortes e duradouras. O bom e velho messianismo, em tardios traços de juventude, era posto à prova, primeiro pelos aprendizados acadêmicos positivistas e, segundo, pelo trabalho de cuidadora de alunos com deficiências em escolas municipais. Como merendeira, pude experimentar as artimanhas das gestões escolares, mas como cuidadora, aí foi diferente: as relações interpessoais e de classe se intensificaram continuamente perante minhas vistas. Na mesma

proporção, o desejo de embate aos mecanismos relacionais da Educação se aflorou em mim...

O intuito primário do estudo era tratar das aproximações entre as consultorias antirracistas e as produções educacionais inspiradas nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, ao mapear conglomerados empresariais que obtiveram a prestação do serviço especializado, objetivando equalizar os conflitos identitários aparentes nas novas conjunturas do trabalho. Não descartada a relevância do recorte, este mostrou-se insuficiente para entender os movimentos educadores negros, as leis vigentes no ensino básico e o *bloom* de grupos de consultorias para a diversidade na atual conjuntura brasileira na tentativa de correlacioná-los. Haveria uma vinculação ideológica dos movimentos negros históricos nestas práticas ou seria uma oportuna profissionalização de um discurso antirracista distanciada da *nossa formação social*? Nossa formação social... que formação social? Como foi encaminhada na História? O B.O passou a ser a formação social. Aí, é um mestrado de dois anos, com intercorrências no meio do caminho... Escolher era necessário, não daria para fazer tudo. O trabalho se reestrutura na emergência da apreensão da formação sócio-histórica brasileira e da compreensão da criação dos departamentos de diversidade como nova sociabilidade do capital. E, que bom. Com os dados educacionais sobre o GT 21 - Educação e Relações Étnico-raciais da ANPEd compilados e organizados, o espectro do instinto preguiçoso rondou e me fez titubear sobre a mudança de foco. Porém, no fim o esforço não foi em vão, pois pude compor meus argumentos a partir das ausências epistêmicas do marxismo nas pesquisas do GT apresentadas na associação nos anos de 2019 e 2021.

Passa a importar a construção de bases teórico-históricas que possam justificar as falhas socioeducacionais no escopo da ERER, reafirmando os achados dos dados quantitativos publicizados pelo Instituto Alana e Géledes, no ano de 2023 e debatidos em artigo publicado por mim na Revista *Nuestramerica* (Ferreira, 2023), no mesmo ano. A intelectualidade generosa do Prof. Amauri Mendes, ao mencionar a institucionalização das leis atingindo um teto limitador (inédito, 2023), me trouxe tranquilidade perceptiva e diretiva para dar continuidade à pesquisa por novos rumos. Então surge Clóvis de Moura. Não com primeiro, mas como citação após cursos e leituras sobre Jacob Gorender, Fanon e Amílcar Cabral. Tinha uma convicção: não citaria ninguém por mera identificação identitária. Se fossem todos homens brancos e anglo-saxões, paciência. Era fulcral a coerência e a perseguição de honestidade teórica. Marx já era ponto passivo, mesmo que

fosse por intérpretes. O restante seriam encaminhados pelos conceitos corroboradores da explicação acerca do objeto estudado. O encontro com os meus aconteceu de maneira fluída e descompromissada.

A totalidade (Marx, 2017; Barata-moura, 1977), antes mesclatividade, tinha apresentado profícuo caminho interpretativo, içando a inseparável dualidade sujeito-objeto (Segato, 2021). Gramsci e Lukács sinalizaram a possibilidade explicativa de tal observação, em seus aportes culturais e ontológicos. Mas não só de corpo e de mente se constitui um ser, mas também do meio social no qual este se insere. E, que bom é ter você aqui, Clóvis! É Brasil purinho (quase, mas ... nem tanto)! Historicamente, o jornalista marxista preocupou-se, entre muitas contribuições e análises conjunturais, em entender o papel da resistência negra nas construções histórico-dialéticas da formação social brasileira que desembocou, ainda antes de sua morte, nas ações afirmativas com cotas raciais. O discorrer teórico mouriano dará ritmo as acepções sociais e imagéticas do negro enquanto um trabalhador passivo, conformado no período escravagista e, no pós-abolição, como um ser indesejado, mau cidadão e descartável às pretensões desenvolvimentistas da nação aburguesada. A resistência negra, segundo Moura, habitara as mentes dos dirigentes governistas e dos proprietários dos meios de produção pelas sendas da História. Oficialmente, tudo sob controle. No duro, as insurgências negras nacionais e internacionais apavoravam as nobrezas e as elites brasileiras com o passar do tempo. O controle era exercido por muitas formas de crueldades e de acordos com maior vantagem senhorial/burguesa.

O problema da pesquisa então parte do seguinte questionamento: A formação social brasileira passa por uma peculiar construção de sentidos e de relações pautados no racismo estrutural (Almeida, 2019) proveniente de seu caráter escravocrata e eugênico. Seriam as consultorias antirracistas capazes de dar conta das cicatrizes sociais brasileiras através de contextos formativos oferecidos às empresas cotizadas? Tais relações se refletem no dia a dia da população negra? As estatísticas sociais são refletidas numa real intenção de mudança sociorracial no Brasil? O estudo estatístico, aqui não realizado por motivos limitadores, seria a cereja do bolo na confirmação argumentativa. O passo subsequente seria fazer este amplo levantamento e desmontar as narrativas de que anda tudo muito bem encaminhado. Alguns pontos servem com pressupostos analíticos para os devidos

direcionamentos da pesquisa: **a)** a economia como estruturante das relações materiais-sensíveis. Logo, de uma existência física e perceptiva; **b)** o capitalismo como modelo econômico pautado em desigualdades a partir de padronizações, desconsiderando amplos espectros de diversidade de gênero, de raça e de classe; **c)** o racismo como condição fundante das relações de classe e ferramenta basilar para a manutenção do modo econômico.

Neste sentido, os departamentos de diversidade, hipoteticamente, seriam um processo de mediação entre a formação social brasileira e as contradições capitalistas sobre a história, vida e realidade socioeconômico dos negros no pós-abolição da escravatura, fundado por um novo contexto histórico-econômico, dentro das erupções identitárias ocorridas após a redemocratização do país. É isso, moçada: quem estava escondido no armário, embranquecido pelas máscaras ou ciente de sua pobreza inventada, se rebelou (como historicamente é de costume). Uma pergunta, que com certeza ficará sem resposta é: com que grau de consciência de coletividade estas liberdades têm ocorrido? E na ausência de respostas plausíveis e possíveis, o objetivo deste trabalho será, através de um estudo de caso com análise de conteúdo (Yin, 2015), entender como estes departamentos de diversidade têm trabalhado na reconstrução das relações laborais entre brancos e negros em um dado contexto intransponível de desigualdades. Para a execução bem-sucedida, desmembrarei o objetivo geral supracitado em outros três para fins de: **a)** compilar os contributos teórico-epistêmicos que expliquem a conjuntura social brasileira no contexto das ações afirmativas; **b)** Realizar um estudo de caso do Grupo Carrefour quanto às suas políticas organizativas sugeridas pelas consultorias antirracistas, a fim de cumprir as exigências do termo de ajustamento assinado por provocação do Ministério Público do Estado do Rio de Grande do Sul (MP-RS). Isto posto, depois da morte de um homem negro por seguranças terceirizados nas dependências de hipermercado da rede; e **c)** Analisar o objeto alçado por ferramentas metodológicas denominadas, respectivamente, como: (auto)biografia (Nóvoa & Finger, 2014; Passeggi, 2011); revisão bibliográfica sistemática e por conveniência (Galvão e Ricarte, 2020) e análise crítica de conteúdo (Fairclough, 2012). A (auto)biografia situa as escolhas epistemológicas e a temática tratada. A revisão por conveniência vem a ser os imperativos categóricos embasados nas produções bibliográficas dos autores citados, compondo o fio teórico e analítico. A revisão sistemática de literatura garante o rigor da afirmação sobre a ausência dos debates

marxistas no campo educacional da EREER e na extração dos termos semânticos dos relatórios *Carrefour*, ao permitir a criação de dados consistentes. E, por fim, a análise de conteúdo dos documentos nortearão a elaboração argumentativa sobre o papel das consultorias racializadas na resolução dos conflitos histórico-sociais brasileiros.

A conjunção de dados qualitativos e quantitativos são fulcrais para o estudo, apreciando relevâncias discursivas e quantificadas para corroborar o problema apresentado. Os dados coletados foram bastante condizentes com a mudança de cenário empresarial entre os anos de 2019, 2020, 2021 e 2022, mostrando as nuances de “lavagem de diversidade”, de embates seculares e da recente criação de mecanismos que buscam questionar e adequar as presenças negras aos espaços de poderes empresariais. E, para concluir, alguns entrecruzamentos de informações foram realizados para fins de reafirmar o caráter dos dados, afunilando as análises em classificações que me permitiram confirmar o câmbio na posição do Carrefour antes, durante e depois do caso João Alberto. Com certa sensação de certezas incertas sobre o comportamento do conglomerado, nada de surpresas: o Carrefour foi coerente em sua posição de se resguardar dos riscos, assumindo uma postura condizente ao controle e manutenção dos ganhos financeiros aos quais a empresa se propõe: o lucro desnudado de uma mais-valia camuflada (Marx, 2015). Pegaram sua estampa de cor, seus atabaques e suas tinturas! Agora tudo é bem-visto e bem quisto.

O que mostra a mudança de termos entre os relatórios é que esta dança tem seus altos e baixos de acordo com as pesquisas de mercado e de consumo. Finalizo a pesquisa com muitas inquietações, com mesclas entre sonhos de revolução (se passiva, que seja, por hora!) e de tensionamentos, onde o hoje se faça firme e contemplador de espaços para o direito de ser e de estar. Que o futuro seja pensado para as equidades reais, as coletividades materiais e as individualidades *sentipossíveis*.



Fig. 2 - Retomo a cor ao distanciar-me das máscaras alvas que tentam me impor.

PEDAÇO 1 - OS CAMINHOS DE UMA PESQUISA...

1.1 - CORPO-DOCUMENTO: UMA ESCRITA DE SI

Por que História? Não era Biologia? Como você foi parar na Oceanografia da UERJ? De onde surge a Educação Étnico-racial na perspectiva das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 como campos de pesquisas? São perguntas que, provavelmente, circulam pelo imaginário de quem minimamente conhece minha caminhada existencial. Sem a menor intenção de convencimentos perante minhas predileções formativas, constitutivas e reflexivas, meu lócus crítico-epistêmico dialogiciza com o meu fazer pesquisador-ativista-militante, transcorrido, *a posteriori*, em palavras duramente carregadas de justas intencionalidades relacionais. Não confundam, por favor, com messianismos antes desejados, porém a pouco superados pelas lógicas educacionais, contextos sócio-históricos pendulares e compreensão do direito aos infernos possíveis. E, acho relevante explicar que como infernos possíveis, considero os desejos, os anseios e as práticas confrontadoras dos costumes sociais aos quais o céu não contempla, contudo, quando notoriamente arguidos (por alguns), até passam pelo buraco da agulha junto ao camelo.

Começo esta (auto)biografia por uma descrição suleadora de mim: a história de vida da minha mãe, Lucia Maria da Silva Ferreira (É... ela fez questão de casar após trinta anos de relacionamento e assumir o nome: Ferreira, paciência!), a quem dediquei breve texto após sua partida:

“A origem de toda majestade”

“Uma menina de família numerosa e pobre, criada nos interiores de Pernambuco, Carpina. Teve sua infância roubada após a orfandade, aos nove anos, mediante falsas promessas. Viveu a realidade de muitas meninas negras, a servidão por comida e cama em casa de altos escalões militares e burgueses. Nunca quis ser vítima de sua história tão sofrida, encontrando uma autodefesa: ser forte, guerreira e muito decidida. Decidiu vencer, sair das amarras e buscar sua família, projeto nada fácil e tranquilo. Foi Lucia do Quiosque, de Babau, da Vila, da escola, Lucia, de onde passou. Sua presença era como você, manifestação enérgica constante. A gente discordava de quase tudo: no que

seria sucesso, no que vale a pena na vida, mas toda minha formação e possibilidade de pensar em um mundo mais harmônico e justo, advém da sua luta incansável de nos dar boa educação. Por isso, quando você dizia que eu era inteligente, sabia que de você esse elogio tinha grande valia, pois mesmo na discordância, você tentou no fim, considerar as minhas inquietações com o mundo. Queria te provar que daria certo, que vai dar certo; queria ter tempo de te mostrar que sucesso é fazer desse lugar ainda caótico, um mundo melhor. Que pena! Não tenho fé no transcendental como a maioria das pessoas, mas nós somos o seu legado, nós três e eles dois... Nós somos sua eterna força impetuosa na terra, nós somos a sua história viva e por todos os cantos, sua vivência não será esquecida. Pouco me consola, mas pra você foi suficiente, uma família que te amou e cuidou de você até os últimos segundos. Conseguimos deixar você ir em paz e nos seus últimos suspiros ao chamar meu nome, entendi que você me perdoou por ser teimosa igual você e me acolheu. Queria você aqui pra dizer que minha boca é feia, para eu tirar sua roupa do "corô", para falar dez vezes a mesma coisa, e se meter em como faço tudo. Quando penso que falava que te odiava e, hoje vejo meus filhos fazendo o mesmo, tenho certeza de que estou no caminho certo, criando as melhores pessoas para habitarem esse lugar e deixarem depois o nosso legado... Nossas brigas, nada mais foram do que nossos gênios semelhantes, sempre buscando o melhor de cada ponto de vista! Te amo, mãezinha. Você é inesquecível!"

Ela sou eu...

**SIGA A SETA, PARE,
REFLITA OU VOLTE, COMO
PREFERIR**





Fig. 3 - Ela sou eu...

Rememoro da brincadeira de infância, “O que você quer ser quando crescer?”, a opção, dentre muitas outras, de ser professora. Mas, as expectativas durante muitos anos afastaram tal lembrança, mesmo quando a intenção formativa aos doze anos, circundava os anseios por cursar Biologia com especialidade marinha. Retorno alguns passos, algo em torno dos cinco, seis anos, quando em processo de alfabetização fui alçada ao cargo cativo de escriba da turma, transcrevendo os documentos comemorativos das festas e da formatura. Neste período, a equipe diretiva da Escola Adolpho Beranger Júnior, sob influente orientação da professora-alfabetizadora Fátima, resolveu convidar minha mãe para uma reunião, cujo assunto era a antecipação de classe para a segunda série do fundamental. A decisão decorria dos meus avanços escolares estarem além do que se podia ofertar na classe da primeira série, segundo os relatórios e observação da equipe pedagógica. Lucia, meu eixo materno, se preocupou com a pouca idade, uma imaturidade para tal inserção e demais atravessamentos aquém dos conteúdos escolares. A determinação foi de permanência na escola e continuidade formativa no escopo da primeira série. Já na turma da Prof^a. Alcimar, as constatações eram similares e a expectativa, algo que faria parte de mim desde então, era de progressão escolar o quanto antes.

O exposto acarretaria em solução determinística para minha constituição ontológica: pleitear uma bolsa de estudos, no ano de 1994, na renomada e elitizada Escola Sagrado Coração de Jesus, atualmente detentora de uma alcunha similar, Colégio Franciscano Sagrado Coração de Jesus. Inicialmente, enalteço as contribuições conformativas de uma trajetória que passou a compor meus “sucessos” sociais, pautando aprovações em concursos públicos, vestibulares (ainda durante formação no Ensino Médio) e avanços acadêmicos na atualidade. Das ausências aterradoras, a cor, o cabelo, a qualidade do material escolar e dos uniformes, a necessidade de deslocamento da cidade vizinha, o lanche na cantina e um forçado silêncio autodeterminado me acompanharam até o terceiro ano do Ensino Médio. Ao longo do percurso, as notas tornaram-se medianas, a sociabilidade era comprimida-distendida frequentemente e o eco materno era o que me mantinha na linha para fins de manutenção da bolsa de estudo integral. Uma breve espiada pela janela, no Colégio Estadual Ismar Gomes de Azevedo (atual Instituto de Educação de mesmo nome), vizinho de muros com minha escola, me permitiu materializar um sentimento internalizado: de que o lugar ali ocupado não me pertencia. Eram corpos múltiplos, de cores variadas, de classes centralmente misturadas, de imperfeições

toleráveis e em mim reconhecíveis. Era o amor platônico por um pertencimento tão sonhado e somente, anos depois, encontrado nos meandros da militância cultural. Como recompensa frutífera do processo, a observação como ferramenta de compreensão do mundo, das pessoas e da percepção de espaços acolhedores (ou não) fora uma herança valorosa para meu fazer-pesquisador.

Ainda sobre as experiências escolares no Sagrado, referencio-me a dois professores que fizeram de mim um pouco do que sou: o professor de História Ronaldo dos Santos Faria (de quem ainda herdei um modelo de rubrica) e o professor de Física (e História da Ditadura Militar) Fernando R. da Silveira. Ronaldo, ao lecionar História durante Ensino Médio, me possibilitou refletir sobre o lugar da religião, das teologias e das construções sociais pautadas no modelo judaico-cristão, ao questionar meus conhecimentos correlacionados à participação da Igreja Católica nas conjunturas históricas da escravização, da inquisição com perseguição às bruxas e seus acúmulos seculares de riquezas. No período, eu era fervorosamente católica e frequentadora assídua dos ritos litúrgicos, estando sempre com brincos, cordões e ornamentos que pudessem representar minha prática religiosa. Como toda adolescente de 16 anos, no auge de sua fictícia vida adulta, cerquei-me de razão e recusa diante dos questionamentos que, futuramente, decantariam e revelariam algumas incoerências/percepções que revestem a senda hoje trilhada. O professor Fernando remonta algumas histórias, para mim, fascinantes e que puderam criar uma aura revolucionária-afetuosa nos meus caminhos dodiscentes. Amplamente discorro sobre suas aulas onde pouco falávamos de Física e muito ouvíamos acerca de suas histórias pessoais e familiares durante a ditadura militar brasileira. Sua saga de bombas de cocô e xixi alçados dos altos prédios da UFRJ, empreitada ocorrida durante uma incursão da polícia ditatorial à universidade. O encontro com sua amada esposa, filha de militar, nos protestos e elocubrações estudantis. A vantagem deste contexto de alta patente que cercava a família dela e as dosagens punitivas diante dos “maus” comportamentos juvenis de ambos. A escrita da célebre frase atribuída a Che Guevara, grafada no topo do quadro branco em um início de aula qualquer: *“Hay que endurecerse pero sin perder la ternura jamás”*. Os 0,5 pontos na média (na média da disciplina de Física) por cantar perante a turma a música “Carinhoso”. Ele, ali, diante do possível, já nos ensinava que os “homens maus” não toleram a arte, o amor, as paixões, a poesia. O seminário sobre carreiras onde, sei lá o porquê, resolvi alçar a carreira de oceanógrafa

como uma opção viável juntamente a Biologia e Ciências Biológicas modalidades médicas, Biomedicina. O “*médicas*” surge a partir de um desejo de minha mãe por ter uma filha médica da Marinha do Brasil; desejo este que não se concretizaria por muitas razões de repulsa à carreira, mas que minimamente poderia ser acionada de outras formas. A prova sobre Termodinâmica, gabaritada na recuperação e acompanhada de um “*eu acredito muito que você é capaz, quando você entende que pode ser capaz*”. Lembro de fazer muita força para não chorar na sua frente, afinal as minhas experiências “desconhecidamente” racistas já haviam me ensinado a ir ao banheiro chorar, sempre que necessário fosse. Professor Fernando, o da boina, me possibilitou enxergar o poder das aulas ministradas com afeto e compromisso socioeducativo.

Em reflexões tardias, muitas histórias de classismos e racismos me catapultavam para minhas memórias escolares. Me ateno apenas a uma que fora muito marcante. Aos dez anos, em aula de História sobre a escravidão, com o “*gentil*” contributo imagético das telas em óleo de *Debret*, um coro de muitas vozes estridentes, gargalhantes e histéricas entoavam ofensas racistas como: “Volta pra senzala, bolinho queimado, bolinho queimado!” e outros termos não rememorados. A professora tinha ausentado-se da sala durante o acontecido, eu não pude conter as lágrimas que silenciosamente escorriam pelo meu rosto. Algumas amigas se puseram em minha defesa e foram acionar a docente. Ao retornar, suas palavras foram na tentativa de amenizar, docilmente inclusive. Devido isto, o peso da culpabilização, por ter sentido vergonha, me acompanhou por muito tempo. A culpa passou a ser minha, por sentir vergonha de como minha confluência fenotípica me aproximava da escravidão e aguçava os demais alunos da escola rica, branca e de excelência. Aprendi a ir chorar no banheiro. No entanto, meu terceiro ano foi algo libertador. Anos de contenção, de dedos e de pisar em ovos para não perder a bendita bolsa de estudo, algumas vezes ameaçada de cancelamento por não ser mais uma discente brilhante, na verdade bem mediana, acabariam naquele 2003 de notas mais altas, de uma vida escolar mais intensa e de exames para as principais universidades públicas.

Os resultados viriam no ano de 2004. No princípio, o planejamento era fazer um bom pré-vestibular ao longo deste ano, pensando nas possibilidades de aprovações para o ano seguinte. No dia 29 de março de 2004 (dia do meu aniversário de dezoito anos), encontrava-me na aula de capoeira com alguns amigos e vizinhos, no centro da cidade de

Arraial do Cabo, distante uns trinta minutos do bairro residencial onde morava. O celular toca, insistentemente. Era minha mãe eufórica: *“Você foi aprovada, como cotista, para fazer Oceanografia na UERJ!”*. Dentre UFF (a almejada) e a UFRJ, a possível havido sido a UERJ. Encaminhei-me para casa com inúmeras dúvidas, medos e tentativas de desistências. Afinal era cedo, tinha o pré-vestibular, a capoeira, os colegas, o medo de morar no Rio de Janeiro com suas violências e inseguranças. Talvez, a escolha pela UFF tenha sido mais pelo medo do que por uma opção consciente. O convencimento veio incorporado pelas expectativas, eu seria a primeira de toda a minha família materna e paterna a entrar na universidade. E mais expectativas surgiram sobre caminhos profissionais, possibilidades de uma carreira militar e mobilidade social. Um novo contexto sensorial se apresentaria, sendo a UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) um lugar de muitos atravessamentos, encontros, felicidades e dores. Uma estranheza, por vezes, circundava minhas relações acadêmico-burocráticas e pessoais. As forças ancestrais forneceram-me (acho que para suportar mesmo) uma mistura simbiótica, reconfigurando meu trajeto existencial de maneira profunda, através do Jongo de Lúcio Sanfilippo, no Instituto de Educação Física da UERJ e do Jongo do Grupo de Cultura Popular Pé-de-chinelo, no antigo casarão da Rua Costa Barros, em Santa Teresa, um bairro histórico da Cidade do Rio de Janeiro. A militância do movimento social afrocultural havia se iniciado de uma forma silenciosa, sorrateira, sedenta por pertencimentos e identidades, perante um processo dialógico produtor de novos sentidos, continuamente, disputados e tensionados. A infelicidade das exigências socioformativas da carreira promissora lançou-me em cheio nos braços do tambor. As felicidades inebriantes redimensionavam os formatos sociais, as opções outras de existência e as negociações pautadas num usufruto de vida; negociações não mais pautadas em fotos artificialmente coloridas por performances socioeconômicas. Agora, simplesmente alicerçadas pelo desejo de bem viver.

Nasce um amor pela Lapa, pela pujança de sua boêmia, entre sambas e côcos de Pernambuco, cirandas e salsas na FEBARJ, jongs e tambores de crioulas sob os Arcos. Renasce uma ancestralidade em mim, antes vivenciada por minha avó paterna de pele alva, pelos encantos e magias de um candomblé baiano negado devidos os atropelos neopentecostais que a fazem rejeitar tal correlação. A temática da cor, do cabelo, da umbanda, do candomblé e da relação com meio natural ressignificaram a beleza dos contornos afrodiaspóricos brasileiros nas suas contribuições socioculturais, muito além das

memórias educacionalmente fabricadas sobre subserviências, conformidades e lugares sociais predeterminados. Os conflitos são nitidamente percebidos. A promessa de Gênesis (livro bíblico) era do trabalho por um suor inesgotável, contínuo e com poucas brechas para sua fruição. Os questionamentos do porquê, para que, em prol de tantas labutas acadêmicas para, no fim, rejeitar a premissa basilar que direcionara minha escolha pela área do meio ambiente: o cuidado e o equilíbrio convivencial junto a este. As conjunturas sociais, os impedimentos participativos (outrora de significâncias desconhecidas), as regras hierárquicas pautadas em pedaços de papéis academicamente reconhecidos ou por lógicas cordiais, segundo ditos de Sérgio Buarque de Holanda, eram variáveis cercadas por silenciamentos, impedimentos de vida. O adoecimento era iminente. A possível carreira militar, a petrolífera, as empresas de consultoria, a própria pesquisa acadêmica em seus campos, nada preenchia esta vontade de ser mais dos meus. Após mais de 10 anos, entre idas, paradas, maternagens e vindas, a escolha irrevogável era de abandonar a Oceanografia da UERJ, enquanto possibilidade profissional semiacabada (apenas a quatro disciplinas do diploma), e vislumbrar novos horizontes.

Os concursos públicos inserem na minha história o trabalho educacional. Minha mãe, pelo menos há 15 anos, era funcionária pública no Município de Arraial do Cabo, atuante em participações sindicais, greves gerais e paralisações. Isso me serviu de grande inspiração. Primeiro, fui aprovada em cargo de apoio educacional no concurso da Prefeitura de Arraial do Cabo, depois na Fundação Municipal de Niterói (FME), onde tomei posse do cargo de merendeira numa creche-escola municipalizada e por sete meses efetivamente pude adentrar a lógica das funcionalidades da escola. Muito se assimilavam determinados contextos relacionais aos supracitados na cadeira oceanográfica, porém o sentimento resultante seria outro: uma enorme dedicação ao processo educativo como arma de emancipação e esclarecimentos dos não ditos sociais. Um novo vestibular ENEM foi realizado em 2018, com aprovações em Biologia, Física, Direito e História em algumas das faculdades pleiteadas. A dúvida ofusca minha mente mais uma vez: Direito ou História? De muitos conselhos verdadeiramente amigos, um se sobressai e define a escolha: *“Não escolherei por você! Mas lembre-se que caso não tenha paixão, a desistência é abismo certo. Pessoas como você podem se perder no excesso de opções e toda escolha implica perda”*. Aqui tento rememorar a fundamental conversa que tive, com minha amiga de vida e de luta Érica Pereira, antes de optar por formar-me em História. O cenário sociopolítico

exigia uma certa cautela, uma análise dos contextos laborais na Educação. As políticas públicas em xeque por um governo de extrema-direita passou a ameaçar o imaginário dos futuros profissionais das áreas das Humanas. A trajetória de resistências havia apenas começado... Tempos depois, já residindo em São Pedro da Aldeia, a educação inclusiva atravessa meu caminho, com seus meandros afetivos, normativos e produtores de disputas por espaços físico-formativos. Mais intensamente do que na primeira escola niteroiense, me vi compelida a lutar por direitos profissionais e educacionais que chegariam às altas cúpulas gestoras do município aldeense, sem grandes avanços, entretanto com vários incômodos evidenciados. Concomitantemente a este processo, após um extenso período de isolamento das militâncias, aproximo-me, em 2019, do Movimento Rede das Pretas da Região dos Lagos, com posterior participação na fundação do Coletivo de Educadorxs Antirracistas Akpalô neste mesmo ano. A aproximação com a Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER), antes um pequeno flerte disciplinar-conteudista, se torna algo central nas concepções e implicações acadêmicas vinculadas ao meu engajamento científico. O conhecimento das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 tem, desde então, suleado meus estudos, pesquisas, escritas e formulações teóricas na perspectiva de um fazer docente gerador de axiomas existenciais de plausibilidades.

Entre desejos heterotópicos e práticas executáveis, eis que surge a pandemia de SARS-CoV-2 (COVID 19). Um acontecimento que abalaria todo o planeta e, mais especificamente, selaria uma tragédia pessoal que marcará para sempre a minha realidade. Em 2018, minha mãe recebeu o diagnóstico de um câncer uterino maligno e avançado, ficando em tratamento contínuo até maio de 2020, quando vem a falecer. Por conta do perfil laboral de meu parceiro, como motorista de ônibus, precisei cessar as visitas ao lar materno em março, prevenindo um possível contágio e resguardando sua condição de alta comorbidade. Minha mãe fez seu passamento para a ancestralidade no dia 31 de maio de 2020, sete dias após seu aniversário de 64 anos. Pudemos nos falar brevemente por videoconferência nesta data. O chão foi perdido, os sentidos comprimidos-dilatados misturavam-se em confusão. O pesar de não tê-la visto pessoalmente pela última vez, de não entregar-lhe o tão sonhado diploma, de mostrar-lhe as frutificações e os caminhos exequíveis a partir de uma intuição educadora de tangíveis mundos outros. Era tudo muito avassalador. Dois dias depois, recebi um e-mail do Afro Latin American Research Institute (ALARI), da Universidade de Harvard, com a concessão da bolsa de estudos de cinquenta

por cento de desconto para a realização do curso formativo denominado “Certificado de Estudos Afro-latino-americanos”. Porém não fazia mais sentido, não precisava mais, pensei. O coletivo Educação & Insubmissão (E&I), da Faculdade de Educação da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) surgira há pouco em minha caminhada acadêmica, cobrindo espaços deixados pelo isolamento social e pelas angústias deste contexto histórico, mediante conversas semanais por videoconferências. A vida girava em torno das tecnologias digitais, das limitações impostas aos encontros dos corpos socioeducacionais, dos debates sobre o parecer CNE Nº 05/2020 (BRASIL, 2020) e da necessidade de acolhimento pelos pares das comunidades-escolas. O detalhe passou a ser a humanidade das relações. Os cuidados eram nítidos e a movimentação precisou ocupar o lugar da dor. Como profissional dispensada pelo contrato municipal durante a pandemia, vi-me com as minhas contas pressionadas por gastos prioritários a subsistência de minha família nuclear (eu, parceiro e dois filhos). O curso da ALARI, com alto custeio em dólar, mobilizou meus familiares, a Redes das Pretas, o coletivo E&I e outras muitas pessoas que entenderam (e me fizeram entender) que era necessário permanecer por ela, permanecer por Lucia. Esta justificativa tem direcionado meus saberes-fazer educativos nos momentos de oceano turbulento. Nas oscilações entre ventanias e brisas, na presença da constituição arquetípica-ancestral de Oyá, Iansã, mulher-búfalo, mãe dos nove ou borboleta, como desejem chamar, vejo-me vivificada, ora por conformações camufladas de intangibilidades, ora por heterotopias revestidas de plausibilidades, diante de contextos socioeducacionais que durante séculos perpetuaram seus racismos no silêncio das emoldurações sociais. Vejo-me compelida a atuar nas frentes sociais do cenário latino-americano ao embalar a flâmula da educação transformadora, inspirada pelo teórico Paulo Freire. Vejo-me obrigada a assumir uma identidade degradê de ativista-militante-educadora-pesquisadora das relações étnico raciais e seus entremeios interseccionais. Sou um corpo-documento à serviço dos atuais processos sócio-históricos. Um corpo reformulador, contestador e proponente de acordos sociais menos injustos e mais equânimes.

1.2 - PREOCUPAÇÕES: UM CUIDAR SÓCIO-HISTÓRICO COM AS MESCLATIVIDADES

Ao debater-me com as *manchas mais do que contornos* de Virna Benvenuto (não publicado, inédito, 2022), ao atrever-me nas buscas por dúbias vicissitudes (sim

aterradoras, contudo constituidoras de mim em pleno florescer epistêmico), a alcunha mesclatividade suscita sorradeira, despreziosa tentativa de compreensão entre as objetividades sócio-históricas e as subjetividades personalisticamente objetificadas (Marx, 2013; Marx, 2017; Gramsci, 1981). No encontro destas manchas conceituais, parto da impossibilidade de extrair o que há de unicamente subjetivo ou objetivo nas pesquisas sociais (Fig. 4). O que há de subjetivo/objetivo nos seres contidos no capitalismo? É como uma intra/internegociação pautada entre tal dualidade teórica, onde somente as constituições biopsicossociais do indivíduo definirá predileções e modos de lidar com suas realidades cotidianas. Conforme descrito por Stalin, na tradução do livro *“Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico”* por Fernando A. S. Araújo, a percepção do nascimento (das conjunturas históricas) torna-se turva, pois nuances sociais não nascem imediatamente depois do choro, conforme ocorre com os bebês. É um espernear social sonhado para ser premente, contudo assume forma ressonante no espaço-tempo até se amplificar significativamente a partir de dadas situações, tornando-se insustentável aos encortinamentos hegemônicos:

“O que interessa, sobretudo, ao método dialético não é o que, em um momento dado, parece estável mas começa já a morrer, senão o que nasce e se desenvolve, ainda que num momento dado pareça pouco estável, pois a única coisa que há de insuperável, a seu ver, é o que se acha em estado de nascimento e de desenvolvimento.” (STALIN, 1938).

Entre a morte ou a caducidade, entre o nascimento ou o renascimento, múltiplas variáveis e correlações são parte do envolver histórico. A dualidade, a partir dos ditos de Rita Segato (2021), ao expurgar os binarismos, me permite contemplar a singularidade e a universalidade como extremos, perante entremeios conceituais. Conjunturalmente, pouco se pode mapear diante da limitação do pesquisador sobre tais análises multivariadas. São infinitas possibilidades contraditórias. Somos só, somos únicos, limitados. Somos todos, somos tudo. A mesclatividade social reverbera na mesclatividade dos indivíduos, o que será tratado em Marx como totalidade (Barata-moura, 1977), em confluências, onde os deslumbres das novas classes médias negras, diante dos velhos conhecidos das opressões raciais (o capital e o patriarcado), agem, ao meu ver, como espessas cortinas de fumaça às estruturas fundantes das nossas relações sociais, suas desigualdades e suas concepções sócio-filosóficas, creditando-lhes vitoriosos méritos.

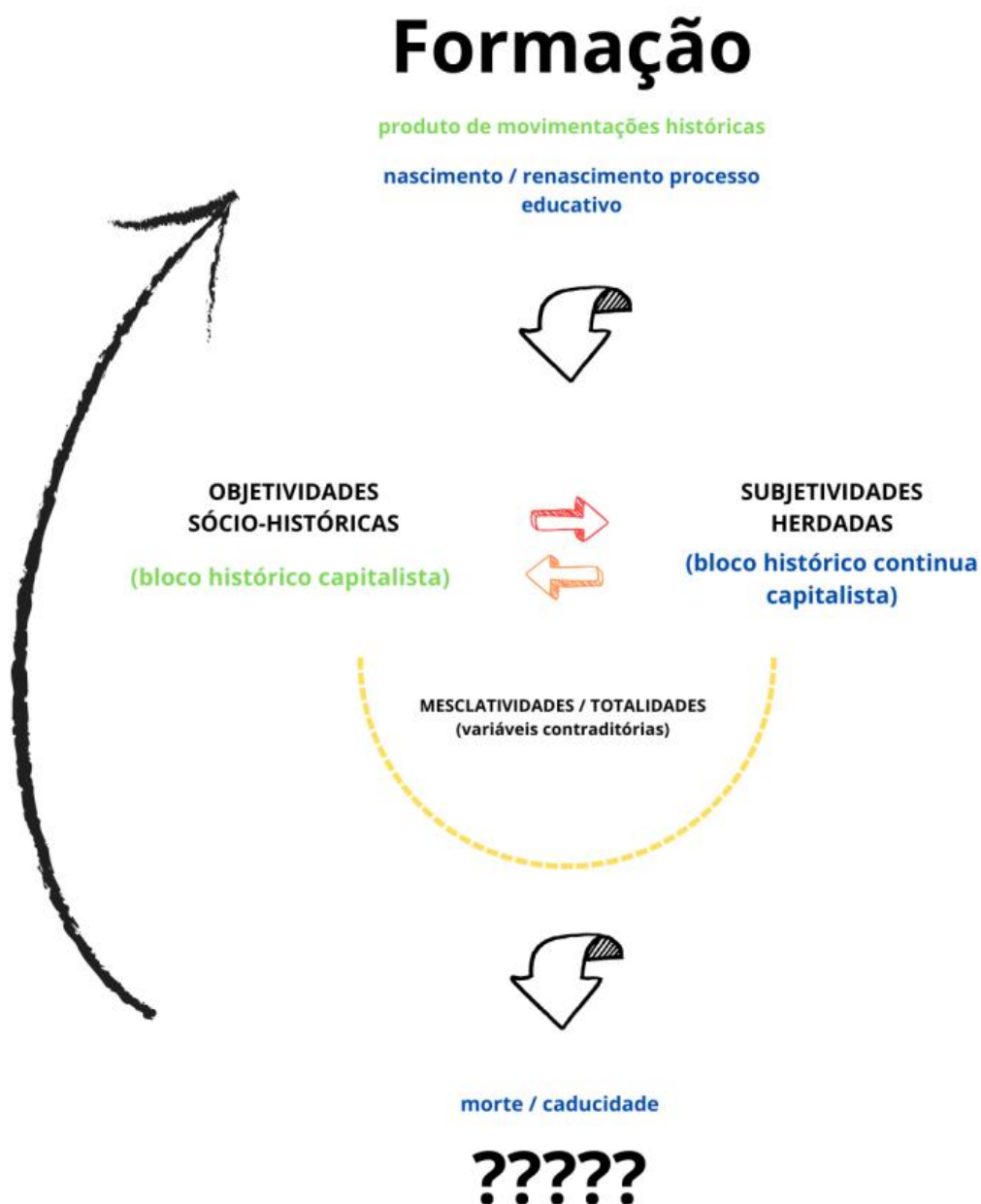


Fig. 4 - Uma tentativa despretensiosa de explicar a mesclatividade/totalidade que produz ad-eternamente qualquer análise científica.

Retomo a memória matriarcal, delineando escrevivências para futuros questionamentos sobre a não compreensão dos anseios de quem desde muito cedo experienciou as dores do racismo e da pobreza. Lucia, minha mãe, entendeu, ao espiar acontecimentos assistidos dos bastidores da riqueza alheia, que o acesso à boa educação dos filhos de militares e empresários (pessoas para quem trabalhou) havia sido fator

determinante à manutenção ou à mobilidade social deles. Por isso, além do esforço para me manter no Sagrado, sempre fez educacionalmente o possível pelas outras filhas: Danielly, hoje graduada em Administração de Empresas e Dayara, mestre em Serviço Social pela UFF. Adentro ao espaço das expectativas, pois, se bem lembrado, as possibilidades de projeção econômica seriam as melhores devido às trilhas formativas executadas por mim até então. Os sonhos de minha mãe eram o de todas as ditas pessoas abastadas: viagens, jóias, casa maior, carros, roupas, perfumes de marca, fotos fantásticas no Instagram, enfim... estar em pé de igualdade ou superioridade aos contextos sociais próximos. A promessa, unilateralmente assumida, foi por mim quebrada, fato já discorrido em versos anteriores. O que aqui aciono é a compreensão dos anseios, desejos, vontades, exhibições, o que seja, de corpos negros estereotipados como não civilizados, não bonitos, não admiráveis, não sensíveis, que adentram a lógica dos fetiches consumistas. Algo como ser parte de conquistas socialmente relevantes, a partir de aparências incitadas pelos desdobramentos da colonialidade. Bauman nos comunica o caráter relacional proveniente dos modos e acordos sociais embasados nos consumos, nos poderes de aquisição:

“A sociedade de consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível – e uma condição de afiliação. (BAUMAN, 2008, p. 38)

Imprimo inevitáveis juízos de valores diante do supramencionado, ao desfocar minhas lentes sociais de tais acordos. E, credito valor ao direito de outras escolhas dos possíveis leitores negros ou não-negros, englobados num cenário de não-adequação ao capitalismo, perante o que expôs Bauman. Dentre modas, marcas e valores, há reexistências que sobrepujaram as modelagens coloniais, optando por outros jeitos de conviver, experienciar e determinar valoração na caminhada da vida, uma fruição de importâncias outras. A mobilidade econômica de corpos identitariamente codificados é discurso central para compreender as intenções da presente pesquisa. Entre continuidades e rupturas, entre arestamentos e inadequações, onde o meu posicionamento anticapitalista

pode, em muito, confundir-se ao desejo de exclusão de negros a determinados espaços sociais, reitero que não trata-se disto, mas sim de sonhar outras formas de bem viver.

Pontuada tal inquietação, fundamento minhas pressuposições críticas ao contextualizar, historicamente, as relações étnico-raciais brasileiras em recorte amplo a partir dos lugares sociais dos negros, os movimentos negros educadores, a constituição cidadã. DURBAN e os surgimentos das ações afirmativas. Processos históricos estes que possibilitaram um desembocar identitário nas instituições empresariais, seus organogramas e cargos em disputas.

1.3 - FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA: O MOURO BRASILEIRO PELOS APORTES DE MOURA

“[...] Não é bom, nem saudável em minha posição
 Que eu seja posto frente a frente com o **Mouro**,
 Que é o que ocorrerá, se eu ficar. Sei que o Estado
 Por mais que venha a fustigá-lo e repreendê-lo,
 Não pode dispensá-lo sem risco. Já está
 Tão metido nas urgências das guerras cíprias
 Agora em curso, que, pra salvação geral,
 Outro não possuem da mesma envergadura
 Pra chefiar o serviço deles. E sendo assim,
 Ainda que eu o deteste mais que as chagas do inferno,
 Seguindo as conveniências do presente, tenho
 Que mostrar as bandeiras e pendões do amor [...]”

(Trecho de Otelo, Shakespeare, 2017, p. 139-140)

Não me meterei, agora, nestas brigas de correntes teóricas sobre quem pulou do barco, se manteve fiel ou deturpou o marxismo. No tangente do estudo, trarei Althusser para pensar a categoria de formação social e transportar este conceito para este terreno-nação, pelo seguinte embasamento de que a: “[...] *ideologia da classe dominante que, em grande parte, são reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista [...]*” (Cassin, 2003, p. 10), fazem da formação social um conteúdo sócio-histórico. Feito o adendo, sigamos para Moura, o mouro brasileiro.

A escrita da presente dissertação, ao aproximar-me de Clóvis Moura, me possibilitou a rememoração da leitura de Otelo, uma das poucas obras ditas como clássicas que pude acessar ainda bem jovem. O trecho supracitado encaminha, mesmo que concisamente, o cerne relacional Europa-África, onde desmistificamos a construção imagética de um negro dependente do fardo branco. Um negro admirado em capacidade intelectual e produtiva, contudo mirado por um *locus* da história do ressentimento (Ferro, 2007), dos conflitos biopsicossociais e das formulações discursivas para o encobrimento das realidades, em prol de um contexto socioeconômico que nascia (Dussel, 1993).

Ao trazer a formação social brasileira como uma resultante de seus movimentos histórico-dialéticos, aciono as leituras do intelectual Clóvis Moura e suas acepções sobre a população negra, doravante um viés crítico-marxista. Para tal análise sócio-histórica, trago a seguir os aportes teóricos presentes nas publicações denominadas “*O Negro: de bom escravo a mau cidadão*” (1977) e “*História do Negro Brasileiro*” (1992). Assim, pretendo criar uma contextualização de causas, movimentações e efeitos que desembocaram na aproximação analítico-interpretativa da conjuntura nacional na atualidade, quanto à situação dos negros e as esferas de poderes político-econômicas. Autores como Marx, Lukács, Gramsci e demais comentaristas das questões negras brasileiras possibilitarão fio extensivo entre as categorias sociofilosóficas direcionadoras da discussão, buscando interlocução com o tempo histórico mais distanciado e mais recente.

A escolha teórico-epistemológica marxista encabeça o recorte temporal entre o século XIX e o século XXI. Não há aqui pretensão linearmente cronológica de debater todos os fatos e análises que possam justificar o objeto de estudo pinçado (as consultorias antirracistas), contudo buscarei, dentro de dado rigor científico, elencar os principais imperativos categóricos permeadores das questões raciais, econômicas, sociais, filosóficas e relacionais vinculadas à pretensão discursiva. Assim, os referenciais tratarão da concepção conceitual, ainda que inicial, mais relevante à pesquisa: a busca por uma percepção pautada na totalidade.

Conforme os ditos de Barata-moura (2010), a categoria totalidade se conforma enquanto abstração filosófica que considera a dialética marxiana como base interpretativa. Ao distanciar-se de Hegel, assumindo uma perspectiva materialista, Marx usufrui de sua

lógica para a compreensão da dialética como um processo acumulativo de influências dentro dos contextos sócio-históricos vivenciados pela humanidade, onde as heranças passadas em contato com as ideias presentes geram uma nova resultante histórica mobilizada por contradições aparentes e essenciais. Explicitado o embasamento, Barata-moura (2010) circunscreve a totalidade como o fenômeno que surge do movimento dialético material histórico, apresentando características provenientes das relações sociais tanto ontológicas (constitutivas do ser) quanto teleológicas (pautadoras de finalidades) para a sua constituição.

O nosso ponto final será as consultorias antirracistas, a partir do estudo de caso único do Grupo empresarial Carrefour. No entanto, tal momento social não ocorre, como seria pressuposto por Hegel (entendendo sua formação e tempo histórico), por uma imbricação ideária divina. Entoando o materialismo marxiano, considerarei as consultorias identitárias na sua apresentação antirracistas como um produto histórico das relações sociais nacionais e internacionais advindas do colonialismo e da colonialidade. Neste sentido, nosso Moura (não outro moura acima citado) ditará os principais entremeios sociais que produziram as representações dos negros nestas terras, as intencionalidades motoras, os comportamentos rebelados e as consequentes desembocaduras sócio-históricas promovidas pelos, aqui denominados, movimentos negros.

Clóvis de Moura menciona no trecho que segue:

Véus ideológicos ainda persistem impedindo que se possa fazer uma interpretação global dessas lutas [levantes anti-escravistas], pois a maioria dos cientistas sociais se debruça sobre outras questões menos relevantes, porém de maior interesse para os seus planos de estudos e objetivos universitários. (Moura, 1977, p.22, [grifo meu]).

Historicamente, a cientificidade, principalmente no período iluminista, teve um papel central nas construções socioideológicas encaminhadoras da humanidade para o presente momento relacional capitalista. Assim, o intelectual entende que a permanência das ilusões realísticas produzidas pelas ciências sociais e humanas (eugênicas/higienistas¹), na construção dos sentidos sociais ao longo da escravidão e do pós-abolição, foram responsáveis pela perpetuação estereotipada das representações negras no Brasil até as

tectônicas mudanças de cenários provenientes da 3ª Conferência de Durban (melhor abordada mais a frente). Como me remeto corriqueiramente à História, é importante frisar os marcos conceituais como ápices observacionais (efetiva aparência dos fenômenos sociais), imbuídos de toda dialética hipotética, antitética e sintética. Destarte, o autor coloca que:

"[...] precisamos tentar descobrir as causas sociais, econômicas e culturais que criaram este esteriótipo, esteriótipo que se repete não apenas em algumas áreas - como veremos oportunamente - mas se configura em julgamento quase geral em todas as regiões nas quais o negro entrou como escravo e, no momento, disputa com o branco e/ou outras etnias o mercado de trabalho em nossa sociedade." (Moura, 1977, p. 17).

O escritor seguirá fio analítico expondo no livro de *“O Negro: de bom escravo a mau cidadão”*, publicado no ano de 1977, a relevância do modelo econômico capitalista na produção destes sentidos em continuidade. Apesar de alterações semânticas e conjunturais no espaço-tempo, o pensamento mouriano desvela o caráter intencional da manutenção das lógicas de privilégios (o lugar do branco) conquistados político-juridicamente ao longo dos caminhos tortuosos da colonização. Ao expor a dinâmica exploratória do processo, o livro vai arrolar, desenvolver um foco discursivo pautado na rebeldia, na resistência perante todo o trajeto histórico de opressão e na organização tático-intelectual dos negros doravante os cenários sociopolíticos que se configuravam. Em complementaridade aos escritos supramencionados, Moura (1977, p. 19) expôs:

A imagem abstrata que os estratos superiores que se julgam brancos têm do negro é reflexa dessa realidade social, econômica e cultural na qual ele se encontra imerso. Concluem daí que ele não tem condições para desfrutar da liberdade, pois dissipa-a na cachaça, no amor livre e na maconha. Para esses estratos, o negro, desde que conseguiu livrar-se do cativo vem demonstrando como, por uma questão de inferioridade congênita, incurável, não tem condições de competir com o branco, que é visto como membro de uma raça mais inteligente, limpo, culto, que pauta o seu comportamento por padrões morais mais elevados aos quais o negro não poderá chegar. O negro marginalizado, por isto, é visto através de racionalizações como sujo, incapaz de disputar com o branco a liderança da sociedade, nos seus diversos níveis. Fazem uma ligação reificada, para usarmos a terminologia lukacsiana, entre a etnia negra e a situação de pobreza, exploração e

delinquência a que os seus elementos marginalizados pela sociedade capitalista chegaram, especialmente nas grandes cidades. A partir daí conclui-se que se ele se encontra presentemente marginalizado e em situação inferior ao branco, isto deve fundamentalmente, à sua própria incapacidade e não às barragens de peneiramento que lhe foram impostas. (Moura, 1977, p.19).

Ou seja, ao sintetizar o pensamento de Moura nestes pequenos recortes retirados desta publicação, entendo a formulação da branquitude (Cida Bento, 2022) como estruturante das relações sociorraciais brasileiras, em contenda às predominantes análises sociológicas publicizadas pelos intelectuais que influenciaram os debates nacionais, perpetuando as estereotipações raciais. Não ousarei me aprofundar nas correlações, nas conexões teórico-históricas, contudo supracito tal categoria como intimamente aprisionada aos demais desdobramentos analíticos presentes nos estudos sobre as ações afirmativas, as cotas educacionais, as cotas trabalhistas e os conflitos raciais mediados pelas consultorias empresariais.

Aporto humildemente, perante prematura inserção nas referências e teorias, a interpretação a partir da acepção mouriana de que o negro enquanto propriedade é deslocado anacronicamente para o pós-abolição. Seria relevante apontar a formação sociocientífica do IHGB, as heranças europeias míticas sobre a importância da História, os métodos historiográficas em suas intenções, o próprio caminho evolutivo das ciências sociais e aplicadas para a constituição do Estado Democrático de Direito brasileiro ao longo do tempo. Contudo, tal inserção seria demasiada no dado documento, visto que objetivamente este é finito e limitado a uma normativa técnico-científica, havendo vasta bibliografia sobre tais registros em variadas fontes documentais fidedignas.

Ao tecer fio da meada, o pós-abolição, o racismo científico importado dos cânones anglo-saxões e o caráter econômico dependente da ex-colônia portuguesa demandava agora (no passado) uma nova construção imagética, ética, estética, moral, poética e material do corpo negro. Gnosiologicamente, o preto liberto/libertado torna-se espólio do modo econômico caduco, tornando-se indesejado para o novo cenário de competição nos espaços laborais pensados para a filosofia iluminista e pelos contextos libertários-revolucionários aparentes. Oculta-se, convenientemente, o Haiti...

Retomo, de maneira um tanto encucada, mas sem medo de erro na atualidade por quantidade e qualidade, a noção de superação, alto rendimento e aplicação engendrada nos infantes corpos negros: “*Você precisa ser 10 X melhor do que os ricos e brancos para ser igual a eles!*”. “*Você é preto, feio e pobre. Pelo menos tenha honestidade e educação*”. Palavras que podem soar agressivas, porém vindas de corpos mais maltratados e sacrificados pela arrastada abolição inacabada. A forma de amar é empoderar (o movimento negro encaminhará esta via) ou preparar para o fronte. Agradeço o que pude receber, pois até o empoderamento sem pensamento crítico é armadilha biopsicossocial cooptada pela dinâmica capitalista. Penso que isto dita o receio, o medo branco. Como já diria Iago no ato mencionado no preâmbulo da seção corrente...

No tocante, dado um arcabouço mais geral sobre as intenções expositivas de Clóvis, encaminho alguns apontamentos da obra “*História do Negro Brasileiro*” (1992), para desenrolar a sua apreensão sobre os contextos conjunturais que influenciaram constituição sócio-histórica do negro em terras *brasilis*. O livro fora dividido em 7 partes principais, sendo um total de 9 seções. Me direciono aos pontos de maior relevância para efetuar um breve compilado dos sete primeiros capítulos. São eles:

1) **O grande povoador:** Clóvis de Moura exprimirá um contributo social do negro escravizado que supera a dinâmica do trabalho e a composição dos modos de produção coloniais e imperiais. Com o objetivo de suprir as demandas de um mercado agroexportador, movimenta-se um cenário de aquisição de escravos no período colonial para fins de concessão de sesmarias aos portugueses que aqui buscavam prosperidade econômica. A comprovação de propriedade de pelo menos 120 escravos era condicionante imperial para tal concessão. Assim, na condição de cativo e não de imigrante, os africanos aportam no Brasil, com amplo contingente quantitativo, ao longo dos quase 400 anos do modelo laboral-explorador. A ocupação negra, conforme explicita o autor, foi contínua no espaço-tempo, dando-se tal processo por diversos fatores, conforme as exigências do ciclo econômico prevalente em cada região e toda a cadeia de produção atrelada. Ao apresentar dados estatísticos dos principais estudos produzidos a época para o estados, Moura discorre sobre o aumento, oscilações e rearrumações dos contingentes populacionais afrodiaspóricos pelo território, explicitando o caráter de resistência e influências das

culturas africanas em todas as regiões brasileiras. Em determinados períodos, o quantitativo escravo superava a de libertos, senhores e autoridades.

2) O negro escravo no Brasil-Colônia: no desenrolar do escrito, este irá explorar, o peso da ocupação demográfica do escravo dada suas condições de vida. A animalização dos corpos enegrecidos é chave analítica central no desenvolvimento do trecho. Os escravos assumem, ideologicamente, uma posição social subalterna, adquirindo características coisificadas. Clóvis, com os dados da época, expõe que o auge populacional escravo ocorreu durante a prevalência do modo de produção açucareiro. Então, o autor descreve a situação desumana dada aos seres reificados e as condições, majoritariamente, insalubres de vida. A violência, os castigos (privados ou públicos) e os usos de instrumentos de torturas davam o tom da forma de tratamento indigno, impetrando gravíssimas ofensas físicas e morais, concomitantemente. O autor ainda vai explorar as hierarquias funcionais, ao elencar os tipos de escravizados de acordo com as pertinências laborais principais ou auxiliares. Exemplifica alguns grupos como dos escravos dos eitos, escravos mina, os tigres (carregadores de excrementos) e os domésticos, não esgotando todas as tipificações para cada período histórico. As circunstâncias presentificavam processos revoltosos e de resistências multifacetadas, sendo o principal artifício a fuga para os quilombos.

3) A quilombagem como agente de mudança social: Moura inaugura a categoria analítica que instaura o aspecto histórico-político das organizações negras rebeladas, denominada-a de quilombagem. Tais movimentos provocaram grande impacto no escravismo. A criação de instâncias jurídicas, militares e coercitivas exigiam todo um conjunto de aparatos organizacionais e altos custos para a manutenção da escravidão, garantindo a rentabilidade dos senhores e os aportes produtivos/monetários para a metrópole. Após séculos de resistências ao modelo econômico, as crises e revoltas escravas conviveram com os ideais liberais abolicionistas, diferenciando-se destes últimos por nuances de radicalidades. Os ditos mourianos questionavam a negação da condição humana aos negros, doravante o estatuto de humanidade iluminista, percebendo um aprofundamento do racismo por justificações eruditas, O abolicionismo não era sobre humanizar, era sobre adequações ao liberalismo econômico. O quilombo, então, é descrito como espaço social, humanizador, cultural e militarizado, onde de maneira orquestrada se refugiavam os escravizados e demais grupos marginalizados por questões sociais e/ou

econômicas. Steigner (o autor) ainda considera as insurreições, as bandolagens e as revoltas populares como processos de quilombagem. As manifestações culturais dos grupos eram elementos mantenedores do território, criando dinâmicas laborais, relacionais, de consumos e de produções diferentes dos contextos escravistas adjacentes.

4) A variável cultural: a cultura figurou (e figura) importância em toda trajetória do povo negro afrodescendente. Esta inserção se dá por formas de resistência, ao escamotear as concepções exóticas e controladoras dos dominadores. A relação sempre se deu de cima para baixo, sendo pertinente a aceitação de assimilações sincréticas que favorecessem os interesses dos mandantes. Moura classifica tal sincretismo como de única via, onde a imposição, em maior ou menor grau, era fator central. Ao pensarem que a assimilação seria completa no passar do tempo, a dominação se dava por meios catequéticos e coercitivos, folclorizando as práticas e obrigando os grupos afroreferenciados a criarem codificações para as suas práticas ritualísticas. A resistência cultural encaminhou-se por múltiplas sendas, promovendo processos assimilativos, camuflados ou condizentes aos anseios dos senhores e clérigos.

5) O negro e sua participação política: por mais que considere os quilombos como práticas políticas, a explanação mouriana os entende como movimentos independentes do Estado. Nesta seção, busca-se a participação do negro atrelado às ações políticas diretamente ligadas aos governos situacionais e dos movimentos insurretos que almejavam reformulações diretas da colônia e do império. Muitos foram os posicionamentos dos escravos no transpassar histórico das relações sociopolíticas brasileiras. O perfil de descartabilidade foi predominante nas tratativas dadas aos negros após as conquistas, as derrocadas ou término dos embates, em grande parte embates militares internos (a favor do governo) ou externos (invasores ou rebelados). As escolhas políticas eram pautadas pelas intencionalidades das mobilizações na inclusão dos objetivos anti-escravistas e dos direcionamentos ideológicos, determinando o nível de radicalização e engajamento dos escravos nas ações. O intérprete elabora narrativa sobre a revolta dos alfaiates, a inconfidência mineira e a revolta farroupilha, onde deslança análise sobre as causas libertadoras, os interesses das elites locais e as vantagens obtidas em dados cenários, mesmo que a abolição não estivesse em vias de dissolução. O maior protagonismo político-ideológico é levantado por Moura para insurreição dos alfaiates, estando a inconfidência

mineira no tangente histórico do descarte após sua derrocada e a República de Piratini (farroupilha) como produtora de um contexto de liberdade e direitos civis igualitários para os negros aliados. Ainda traz-se na escrita, o receio da revolução haitiana incitar um motim coletivo na colônia, dado o quantitativo afro-brasileiro e a circulação dos ideais fervilhantes do período. Assim, Moura esboça explicitamente o caráter secundarizado das causas negras nas conjunturas sociopolíticas atreladas à maior parte dos conflitos ocorridos. Fala, também, sobre a alforria e o caráter dificultado de aquisição em determinados contextos, ficando como opções as fugas ou os acordos entre as partes envolvidas. O escravo, nesta situação, precisava se sujeitar às imposições senhoriais.

6) A decadência da escravidão e a crise do sistema: em 1850, o tráfico transatlântico é proibido dada as pressões internacionais. Passou-se a esperar a constante queda da população negro-escrava, estando as expectativas de vida em um limiar inferior à 10 anos. Em concomitância, a produção açucareira encontra-se embarreirada pela decadência do mercado internacional e a exploração dos recursos minerais, principalmente o ouro, mostravam baixas, refletindo o grau de exploração praticado por Portugal para sanar suas dívidas com a Inglaterra. A rebeldia escrava era constante. Isso gerava custos exorbitantes para a Coroa e para os proprietários. O café apropria-se da dianteira econômica, elaborando novas formas de organizações trabalhistas e um processo migratório de escravizados do Nordeste para o Sudeste brasileiro. A mão-de-obra é economicamente valorada, contudo a intensificação das rebeliões ocorre pelo afastamento dos negros de suas comunidades e grupos familiares. Por um lado, o Estado vê-se pressionado a criar leis protetoras dos escravos, a fim de proteger os patrimônios senhoriais. Em outra ponta, inicia-se a idealização do branco europeu imigrante como a solução para o desenvolvimento nacional, expurgando as marcas “ineficientes” dos grupos anteriores. O autor exprime:

"No Brasil, ao se pensar em novo tipo de organização do trabalho, por mecanismos ideológicos elitistas, pensava-se, também, em outro tipo de trabalhador. E aqui se cruzam os preconceitos racistas das nossas elites como os interesses mercantis daqueles segmentos da burguesia nativa que se organizaram e investiram para explorar a empresa imigrantista." (Moura, 1992, p. 58-59).

O lócus histórico apontava a decadência do escravismo e o liberalismo como solução salvadora. Alguns passos políticos, como por exemplo a Guerra do Paraguai, despertava nos escravos esperanças de liberdade. Porém, nada se modificara no tempo quanto aos tratados não respeitados. Quando não mortos, no pós conflito, eram alçados novamente à escravidão. O exército, na capital, tentava se isentar de empreitadas para a captura de cativos, tendo como justificativa central os altos custos das incursões. Mesmo valorizado, os investimentos tornam-se cada vez mais arriscados e menos atraentes ao mercado financeiro. A metrópole pressionava os proprietários a aceitarem a mudança de cenário econômico, garantindo-lhes os privilégios. Este se aprofundariam a partir da marginalização normativo-política do negro no pós-abolição. O capitalismo dependente acirra as relações sociais, sendo o interno dissidente, mas com degradês de relevâncias entre os mais ou menos vira-latas.

7) A busca da cidadania:

"No dia 13 de maio, cativo acabou e os escravos gritavam, liberdade senhor".

(Jongo Quilombo de São José, Maia, 2021, s.d., s.p.)

Entre as inúmeras polêmicas e contextualizações históricas, dois fatos sobre a abolição da escravatura são relevantes pelos olhares mourianos: a resistência negra à escravidão como fator contribuinte para a sua queda e os novos interesses da burguesia brasileira que acenavam para as nações capitalistas mais desenvolvidas. A libertação formal, longe de ser redentora, fora fruto de muitas contradições, configurando momento decisivo para as herdas sociais que nos assolam em pelo século XXI. Por isso, considero que subestimar tal processo pelo viés folclórico-heroico, como algo cedido meramente por tensões externas é rejeitar estudos rigorosos e analiticamente detentores de condizentes percepções de nossas resultantes sócio-históricas por Clóvis e outros intelectuais. Mesmo que tenha sido uma abolição inacabada... Dito isto, retomo os traços mouriscos no delinear dos apeticimentos do período pós-abolicionista. E agora, o que acontecera de 1888 em diante? A palavra é magnificência. O autor explana o comportamento de alguns grupos de escravos e libertos que entendem o ato da princesa Isabel como clemente, moralmente misericordioso. O que infere o raciocínio de passividade dos negros no decorrer dos séculos, ao oficializar tal narrativa, inclusive, entre muitos dos empretecidos. José do

Patrocínio será um dos baluartes da causa, compondo e arregimentando as bases para a construção de uma guarda negra. Então, eis que a Guarda Negra se arquiteta e passa a ter comportamentos anti-republicanos pautadores das vias de fato, com impedimentos de comícios e agressões públicas sendo registradas. De tal forma, o governo imperial ao perceber-se vinculados a tais ações, agiu como sempre, ao escamotear-se das ações, culpabilizando os paramilitares pró-monarquia. Analiticamente, Steigner falará sobre a contradição de uma monarquia sem escravidão e, mesmo ao entender as mazelas do capitalismo, me embutirá percepção de maior concordância lógica entre a república e o modelo econômico nascente. A quilombagem e a história oficial dos “*maus-caracteres*” coloniais continuou a atemorizar os republicanos. Alçado à condição de república em 1889, o Brasil depara-se com a rebelião da Chibata, na cidade do Rio de Janeiro, em 1910. O “*Almirante Negro*”, João Cândido, e inúmeros outros rebelados se sublevam contra os maus-tratos físicos praticados na Marinha do Brasil, contra o silêncio dos não afetados militares brancos. Os navios e seus canhões são dominados e usados como moedas de trocas. Deu-se a anistia e as condições acordadas pelas lideranças do movimento. Porém, em revés político, decreta-se direito de expulsão de marinheiros conforme interesse da armada. Os desejos dos oficiais de alta patente, humilhados e ressentidos, se vêm contemplados perante a prisão das lideranças, após novo levante na Ilha das Cobras. Mesmo diante de breve rendição, o governo chacina alguns revoltosos na ilha, aprisiona os líderes das revoltas marujeiras, exila outros para a Amazônia, executa uns pelo caminho e mantém poucos em masmorras militares da capital. No meio destes últimos, encontrou-se João Cândido. O almirante negro morreu em desgraçamento ao ser expulso da Marinha, em 1912. O exemplo do que acontece com quem se aventura contra o governo. Parece familiar, né? Mas voltando... Surge a imprensa negra paulistana! A imprensa empretecida se fará presente, de acordo com os escritos de Clóvis, a partir de 1915. Por conseguinte, se bem lembrado, na rebelião dos alfaiates já se verificavam as panfletagens e comunicações manuscritas. E daí por diante, o escriba pensará toda uma organização gráfico-ideológica para a disputa das mentalidades negras. O jornalismo comunista, em páreo mais direto, negligenciava as discussões raciais. Nas entressafras governamentais mais progressistas ou mais conservadoras, as estratégias eram embasadas na produção de veículos midiáticos que centrassem os debates em denúncias ao racismo e a valorização da negritude. O poder ideológico se articula às observâncias conjunturais dos militantes de cor, originando a Frente Negra Brasileira (FNB). A coalizão assumiu posição estrategicamente geográfica,

em âmbito nacional e internacional, ao alterar cenários institucionais e promover mobilizações em prol do povo preto. A denúncia interligada à agência preta. Torna-se partido político mesmo perante acusações de práticas terroristas, mas é dissolvido juntamente a outros partidos durante a ditadura varguista. O viés cultural sempre acompanhando as movimentações assume uma cena pautada, em primeiro plano, em atividades de esporte, lazer e entretenimentos. Em segundo plano, em espaço de reuniões e articulações intelecto-populares para as lutas sonhadas. Cita o Teatro Experimental Negro, com Abdias do Nascimento e o Teatro Popular Brasileiro, com Solano Trindade. Descreve alguns clubes negros dançantes e esportivos. Com a manutenção do racismo estrutural e institucional em todo este período, em 1978 nasce o Movimento Negro Unificado (MNU), em reação à morte do operário Nilton Lourenço pela polícia. Outrossim, as concepções ideológicas, antes majoritariamente isabelistas, passam a trazer outros contributos para referenciar, engajar as lutas antirracistas.

Clóvis de Moura se apresenta como fio condutor interpretativo do processo sócio-histórico marcado por relações objetivo-subjetivas de profunda relevância, sem a necessidade de esgotamento das análises nos campos historiográficos, sociológicos e políticos. O resumo traz, dentre muitos outros elementos, os principais trajetos históricos para a compreensão da formação social no território, a construção imagética do negro e as amarrações histórico-políticas concebidas para a exclusão e pormenorização deste amplo espectro étnico afro-matricial. Na seção resultantes analíticas, o compilado teórico supramencionado será fulcral para as explicações acerca do objeto trabalhado. A falta de tempo e a necessidade de direcionamento objetivo impossibilita outros aportes analíticos sobre o autor e sua obra. Aqui, proponho-me a entendê-lo a partir do objeto da pesquisa em destaque, sendo outras produções e debates desejáveis para maiores aprofundamentos conjunturais.

*“No dia 14 de maio, eu saí por aí
Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir
Levando a senzala na alma, subi a favela
Pensando em um dia descer, mas eu nunca desci”*
(Matumbi, 2019, s.p.)

1.3 - O MOVIMENTO (EDUCADOR) NEGRO E AS AÇÕES AFIRMATIVAS

“[...] *Mas minha alma resiste, o meu corpo é de luta*
Eu sei o que é bom, e o que é bom também deve ser meu
A coisa mais certa tem que ser a coisa mais justa
Eu sou o que sou pois agora eu sei quem sou eu”
 (Matumbi, 2019, s.p.)

Não seria melhor colocar as ações afirmativas ao invés da ERER? Esta pergunta assombrou meus pensamentos por meses a fio. Explicar o cenário empresarial da atualidade por uma ausência histórica que, em cordas bambas aponta-se prematuramente pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, mostrou-se inconclusivo. A Educação para as Relações Étnico-raciais ocupa-se de eixo transformador fundamental, porém, de acordo com os dados compilados e analisados da ANPEd (quadro I; anexos I e II), está longe de se embasar em debates sobre a estruturalidade das relações socioeconômicas afetadoras dos fazeres pedagógicos brasileiros. O esforço teórico-epistêmico, a partir de Clóvis me ajuda a formar trilha analítica a partir do tópico 7 do livro de 1992, interconectando os movimentos negros no transcorrer do tempo até a atualidade. Dado o viés educador das mobilizações negras em amalgamento com outras variáveis constitutivas, convoco os autores militantes-ativistas para as contribuições concernentes às lutas sociais negras no espaço-tempo educador. A história negra em degradês de radicalidades aperfeiçoou as ações dos movimentos negros até a inflexiva conferência de Durban.

1.3.2 - DA ESCRAVIDÃO À DURBAN: PINCELADAS EDUCACIONAIS

Resgatarei nas supracitadas colocações acerca da história do negro brasileiro, os interditos e as movimentações contra-estatais no sentido de uma formação educacional afrorreferenciada. Como quase tudo na vida tem seu lado bom (melhor dizendo, aproveitável), Bell Hooks em *“Ensinando a Transgredir”* (Hooks, 2013), nos oferta interpretação em torno das vantagens advindas da segregação escolar estadunidense. Ao iniciar seus estudos em escola segregada, a autora expressa como os professores, também negros, conscientizavam os alunos sobre suas heranças ancestrais, narrativas históricas e papéis no processo anti-escravista no país. As mudanças político-educacionais vivenciadas em momento subsequente mostrou a Bell outra realidade: de escolas não-segregadas onde

docentes e discentes, majoritariamente brancos, com mais ou menos resistências às suas presenças pretas, ocupavam um lugar valorado em função de uma formação escolar clássica e autorepresentativa. Os alunos negros se viam estranhados aos formatos e, por conseguinte, classificados como inaptos ou incapazes aos olhos das instituições embranquecidas (entenda-se por contribuições epistêmicas anglo-saxãs).

Mesmo ao seguirmos senda histórica peculiar, a segregação escolar do negro produziu panoramas proximais. Em recorte temporal, a primeira legislação educacional outorgada no império brasileiro, por D. Pedro I, ponderá: “*Os professores ensinarão a ler, escrever [...], as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana [...]*” (Brasil, 1837, s.p.). A menção não se fez de maneira direta e, sem embargo, conforme expressa Da Silva (2022), transmite veladamente as bases sócio-históricas racializadas de demonização das religiões afro-brasileiras, das suas produções artístico-culturais e um distanciamento catedrático destes grupos nas influências aos encaminhamentos sociais brasileiros. Situando historicamente o *cronos* analítico, importo dos textos de Moura a condição de propriedade movente atribuída aos escravos, não mais em maioria no fim do século XIX, porém em persistência histórico-ideológica.

Em 1854, decreta-se então: “[...] Art. 69. Não serão admitidos á matrícula, nem poderão frequentar as escolas: § 1º Os meninos que padecerem molestias contagiosas. § 2º Os que não tiverem sido vacinados. § 3º **Os escravos.** [...]”. (Brasil, 1854, s.p.). No livro de ensaios “A História do Negro Brasileiro e Outras Histórias” (2005) anuncia-se os contextos formais e informais de educação para os negros no passar dos tempos. Especificamente, o artigo “*Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas*” de Geraldo da Silva e Márcia Araújo, a partir de um recorte paulistano, insere, no escopo formal, a incorporação negra na formação profissional tecnológica para fins de fomentar as demandas do final do século XIX no tangente da industrialização local. Ainda, o mesmo escrito trata de narrativas sobre os movimentos educacionais de resistências desde os primórdios coloniais e da valorização da mão de obra escrava letrada. Um grande emaranhado de intenções e objetivos que não encontram respostas plausíveis em determinismos basilares, mas sim nas próprias mutabilidades dialéticas de cada tempo.

O movimento negro educador (Gomes, 2017) será exposto como a junção de multifacetados contextos educacionais afrorreferenciados, ao orientarem estratégias antirracistas conforme suas estruturas ideológicas e táticas, em dualidade indissociável entre militância e educação. O número de influências teórico-epistemológicas é muito extenso, sendo impossível produzir em tal trabalho um caminho específico para todas as contribuições trazidas pela autora, recomendando-se a leitura de primorosa obra intelecto-literária e suas descrições sobre as práticas educadoras no tempo-histórico. Na tentativa de complementar tais aportes, a partir de encontros e debates com a intelectual Gisele Rose, indico, em união aos ditos de Nilma Lino Gomes, as colocações da Prof^a. Dr^a. Azoilda Loureto, em sua trajetória, suas produções intelectuais e contributos práticos para os movimentos negros nacionais em seus valores civilizatórios. Para tal feito, a dissertação de Gisele: “*Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros*” (2020), nos ajuda, concomitantemente, a compreender os cenários produzidos dentro das pretensões educacionais antirracistas divulgadas até os anos iniciais do século XXI. Por valores civilizatórios, Rose entende o resgate das prática didático-curriculares ao passado histórico afrodiaspórico perpassado por construções de conhecimentos tecnológicos, teóricos e sócio-organizativos, em nuances de valoração.

Nos entremeios das intermitentes intervenções negras no campo educativo, a formação sócio-histórica brasileira performou barreira institucional-ideológica duradoura. De acordo com ao trecho abaixo, a professora Petronilha Beatriz (2008) insere o argumento de que:

“As dificuldades para implantação dessas políticas curriculares assim como a estabelecida no art. 26º da Lei 9.394/1996, por força da Lei 10.639/ 2003, se devem muito mais à história das relações étnico-raciais neste país e aos processos educativos que las desencadeiam, consolidando preconceitos e estereótipos, do que a procedimentos pedagógicos, ou à tão reclamada falta de textos e materiais didáticos” (Gonçalves e Silva 2008, 500).

Dessarte, ao compilar a História, a Filosofia e a Educação, dadas as perspectivas de uma história negra reexistente, a compreensão, antes nebulosa, agora enegrecida em esclarecimentos, direciona as ações mobilizadoras afropostas que determinaram à produção

das políticas “reparatórias” pela via institucional, ainda, no Governo de Fernando Henrique Cardoso, sendo aprofundadas ao longo do Governo Lula I.

1.3.3 - DE DURBAN ÀS CONSULTORIAS RACIALIZADAS: 20 ANOS DE AÇÕES AFIRMATIVAS

Em 2001, a Organização das Nações Unidas (ONU) promoveu em Durban, África do Sul, a 3ª Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata. No encontro, os países participantes foram estimulados a reunir e publicar dados estatísticos sobre discriminação. Esta semana, oito anos depois, 187 países participam da Conferência de Revisão da Declaração de Durban e o Brasil foi um dos países que assinou ontem o documento que confirma a declaração assinada na África do Sul. O papel do poder Legislativo na implementação de políticas de combate ao racismo e à promoção da igualdade racial faz parte da pauta do encontro, que tem a participação de quatro deputados brasileiros. (Câmara dos Deputados, 2009, s.p.).

As inspirações históricas para as ações afirmativas foram, pontualmente, evidenciadas. Aponta-se, em minúcia, os caminhos trilhados pelo movimento negro educador a partir de agora. Aqui trato de uma dissertação no campo da formação pesquisadora educacional, no entanto em breves pinceladas. Sem embargo, entre temores e dúvidas ainda vigentes, ousarei explorar o caráter formativo das consultorias antirracistas sobrevivendo das análises sócio-históricas da formação social brasileira mouriana, como justapositionado no decorrer da minhas exortações. Desde já, me desculpo com o campo da produção de conhecimento educacional em sua vasta importância e contribuições.

Ao tentar afugentar as míticas alusões épicas, esforço-me em discussões calcadas em devido rigor, apesar de tentada a enaltecer tais feitos. Particularmente, a III Conferência de Durban se configura em acúmulo historiográfico crítico com escolhas efetivas dignas de aplausos pelos melhores intérpretes da filosofia da práxis. No campo das aparências, eu tendia a perceber os processos políticos institucionais que culminaram no compromisso internacional doravante a conjuntura política situacional. Aí, você conhece a História do Brasil que ninguém antes te contou. Entende, bem pouco, sobre a formação ideológica da colônia, do império e da república. E, por fim, centrifuga os movimentos (revolucionários)

negros aos giros políticos dentro de seus enquadramentos temporais. Como seria diferente em Durban? Acorda, Dayana! Não seria.

Foi difícil. E os ouvidos de mercadores se especializaram no trajeto. A eugenia, trabalhada e criticada por Clóvis (parça demais!), ainda espreitava as relações sociais. E cá pra nós: ainda anda por aí. Tive até aqui o cuidado de não anacronizar termos na esteira histórica. Mas aqui, é meu tempo. É a minha realidade. Espero inserir o pé do Complexo do Alemão, rua Dr, Noguchi, em Bonsucesso, nesta contação. Passado novo aviso, sigamos...

O primeiro imbróglgio de ampla sinalização foi a mudança da sede regional de organização da conferência, na América Latina, do Brasil para o Chile. Após a eleição de Nelson Mandela para o cargo de chefe de Estado sul-africano, em 1994, as herdas do panafricanismo ressoavam. A discussão do racismo já vinha figurando importância no cenário internacional político e acadêmico em ações anteriores. Os movimentos negros brasileiros, em suas especificidades territoriais e ideais, puderam ler o momento e uniram forças, posteriormente ao cancelamento pelo governo cardosista da reunião setorial, para se apresentarem à reunião ocorrida no Chile, contando com ampla presença e coparticipação de militantes negras (Géledes, 2021).

Em 2021, no escopo da Rede das Pretas, movimento feminista negro da Região dos Lagos ao qual pertenço desde 2019, me fora oportunizada a participação nos encontros coletivos do relatório demandado pela ONU. O relatório, intitulado Durban +20, sob coordenação do professor Richarlis Martins e outro militante de quem, infelizmente, não recordo o nome, tinha a proposta de entender as resultantes da ação, suas falhas, seus aproveitamentos e a socializar as percepções dos militantes. Dentre a impossibilidade de dimensionar os aprendizados diante desta vivência, a história contada pela professora Givânia Maria da Silva, co-fundadora da CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos) é o extrato escolhido para aqui expor. Givânia, como toda boa filha de Iansã, é uma presença imponente. A descrição era recheada de detalhes e aportes que, a mim, inferiram as barreiras socioeconômicas, geográficas e políticas como ferramentas estatais de limitação das ações do movimento negro no espaço internacional da proposta.

“Nós tínhamos que ir!”, disse Givânia. E, dentre vaquinhas, financiamentos e rateios, a comissão de militância mais representada e, pasmem, inserida nos espaços de debates dos líderes mundiais, segundo relato do prof. Amauri Mendes (UNIperiferias, 2021), era a brasileira. O papo-reto político foi central na articulação, sendo que, na presente conjuntura política cardosista, os militantes dos movimentos negros puderam contar com na esfera institucional e:

É neste cenário que o movimento negro brasileiro, e seus aliados não negros, avançam rumo a Durban em seu esforço de fazer seus ideais, propostas e agendas serem acolhidos e adotados pelo governo federal, com especial ênfase na diplomacia brasileira, representada pelo Ministério das Relações Exteriores, mais conhecido pela denominação “Itamaraty” (oriunda do Palácio do Itamaraty que sedia este ministério), já que é a diplomacia brasileira que representa a nação junto à ONU. (Géledes, 2021, p. 13).

Mas a branquitude, em sua piscina de privilégios, regula a velocidade dos avanços historicamente almejados pelo contingente negro. Lourenço Cardoso (2010, p. 611) realiza uma análise diluída perante a concepção de identidade produzida por Stuart Hall, onde demonstra duas categorias centrais para compreendermos o Brasil:

“a branquitude crítica que desaprova o racismo “publicamente”, e a branquitude acrítica que não desaprova o racismo, mesmo quando não admite seu preconceito racial e racismo a branquitude acrítica sustenta que ser branco é uma condição especial, uma hierarquia obviamente superior a todos não-brancos. (Cardoso, 2010, p. 611).

Aproveitando as apreensões de Lourenço Cardoso (2010, p. 611), tentar decifrar os movimentos nacionais torna-se fascinante. Tais conceituações me permitem entender o grau de complexidade presente nos fazeres históricos da militância-ativista negra. Entre avanços, recuos e leituras de mundo dos movimentos sociais, em seus estudos e fontes teóricas, o conjunto de variáveis determinantes do que viria a ser as ações afirmativas no Brasil foram mapeadas e encobertas em *praxis* histórica. Elas nasceriam, não sem problemas. Contudo e, finalmente, surgiriam. No tangente, sobressalta aos olhos a possibilidade de percepção da brecha revolucionária, da conjunção de fatores e, arraigada e

insistente, produção discursiva dos militantes afro-brasileiros na demonstração histórico-estatística da condição preta em seus contextos de materialidades e subjetividades.

A virada Durban é antecedida pela Alianza Afrolatinoamericana y Caribeña composta e assinada:

[...] pelos líderes afro-latino-americanos em 1º de outubro de 2000 em San José da Costa Rica, além das organizações brasileiras citadas, as organizações afro-latinas e caribenhas dos seguintes países: Uruguai, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Honduras, Peru, Equador, Colômbia, República Dominicana, Venezuela além das Redes Regionais tais como: Rede de Mulheres Afro-caribenhas e Afro-latino-americanas, Rede Continental de Organizações Afroamericanas, Organização Negra Centro-americana (ONECA), rede Andina de Organizações Afro, Aser Parlamento Andino. (Géledes, 2020, p. 53)

O compromisso fora firmado em âmbito de tratado internacional. Esta ação se justifica, segundo o conjunto de textos, pela observância dos movimentos negros latino-americanos diante das preocupações políticas globalizadas, concentradas no escopo da ONU (Organização das Nações Unidas), ao destinarem proposições de financiamentos e apoios técnicos para o desenvolvimento dos países da periferia do capital. É preciso lembrar que o projeto neoliberal andava a passos largos por todo o mundo. E o preâmbulo do tópico se concretiza na necessidade de retornos/revisões político-legislativos, realizados em 2009, para as devidas contribuições para o relatório produzido em Nova York, em 2011, sobre os 10 anos da política internacional. Mesmo diante de amplo debate negativado sobre as cotas e as ações afirmativas pelos quais me via confrontada, entrar na UERJ por cotas (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), aos 18 anos, no segundo ano de ações afirmativas (ou seja, muita gente pistola) fora caminho didático-pedagógico de como as coisas funcionam por aqui...

Por ações afirmativas, Kabenguele Munanga *apud* Sabrina Moehleck (1996, p. 199), entende-se:

Ação afirmativa é planejar e atuar no sentido de promover a representação de certos tipos de pessoas aquelas pertencentes a grupos que têm sido subordinados ou excluídos em determinados empregos ou escolas. É uma companhia de

seguros tomando decisões para romper com sua tradição de promover a posições executivas unicamente homens brancos. É a comissão de admissão da Universidade da Califórnia em *Berkeley* buscando elevar o número de negros nas classes iniciais [...]. Ações Afirmativas podem ser um programa formal e escrito, um plano envolvendo múltiplas partes e com funcionários dele encarregados, ou pode ser a atividade de um empresário que consultou sua consciência e decidiu fazer as coisas de uma maneira diferente. (Munanga, 1996, p. 7 *apud* Moehlecke, 2002, p. 199)

Isto posto, ainda diria que configura a inserção de objetivos legais, institucionais, educacionais, etc., no panorama de futuro proximal das relações sociais na busca pela reparação de cunho identitário. Cá entre nós, não acredito em reparação (nem DNA ancestral, mas este é outro papo), mas integro contingente de grupos étnicos afrodiaspóricos que entendem a dívida histórica decorrente do processo sociorracial brasileiro.

Dirimidas as românticas fantasias de um Estado que se compadece de seu povo, a conjuntura governo Lula I (mandato de 2003 - 2006) é eixo analítico importante para a gnose das ações afirmativas, seus aprofundamentos e sua cooptação pelos processos socioeconômicos neoliberais. Mesmo o início dos compromissos antirracistas acontecendo ainda no escopo do governo Fernando Henrique II (mandato de 1999 - 2002), a prática intelecto-revolucionária dos movimentos negros historicizados tornaram-se realidade institucional no transcorrer do primeiro governo presidencial do PT. Conforme explicitado pela Prof^a. Dr^a. Márcia Lima (2010, p. 82):

O início do governo de Luis Inácio Lula da Silva, em 2003, marcou uma mudança profunda, não apenas na condução das políticas com perspectiva racial, reflexo das ondas de Durban, mas também na relação do Movimento Negro com o Estado. Até então, essa relação era de exterioridade, com os atores na condição de demandantes e com pouca inserção no aparelho governamental. No novo governo, essa relação se transforma, e o movimento negro passa a ser um ator envolvido na formulação de políticas, ocupando cargos e como representante da sociedade civil nos espaços de controle social instituídos pelo governo Lula. (Lima, 2010, p. 82)

A efetiva inserção institucional dos movimentos negros é realizada, objetivando as diligências reparativas de ações formais positivadas. Por formais, entenda-se na forma da lei. Nosso Moura volta e se reforça na intelectualidade do Prof. Dr. Amauri Mendes como subsídio a-histórico de percepção de insuficiência das cotas e das ações afirmativas para darem conta dos ajustes necessários a nossa formação social. Amauri figura, no tempo presente, como um dos principais intelectuais antirracistas do campo da Educação. Na recepção de reconhecimento pela sua trajetória intelectual e militante na UERJ, em novembro de 2023, o mestre profere: “A institucionalidade é um caô”. E por caô exprime bom papo e limites na execução efetiva. Isso sobre as leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Tendo a concordar com tal acepção. E, de certa maneira, no artigo (Ferreira, 2023), em setembro de 2023, publiquei um artigo que trazia um pouco deste *locus* observacional, contudo fiando ações na própria institucionalidade. Hoje, reflito sobre este assunto.

Retornando a Márcia Lima (2010), a autora explorara a educação como uma das formas de práxis revolucionária do movimento negro, onde temos como principais iniciativas as cotas universitárias e as leis educacionais do ensino básico. Mas, é caô? Clóvis de Moura, em entrevista concedida e disponibilizada pelo canal do YouTube Racismo?Combate-se (sem data definida, por isso fio-me na data de sua partida, o ano de 2004) nos dirige a seguinte sentença: “[...] *até que ponto estes mecanismos de democratização [cotas] não vão ser barrados por uma série de mecanismos [pausa] de contenção*” [...]. (Racismo?Combate-se, 2020, s.p., grifo meu). A inserção de Moura, ao longo deste e de muitos outros trechos da entrevista, me incute reflexão sobre a insuficiência da burocratização, intencionando dar conta das questões político-históricas pretas e tentando dissolver a branquitude em sua continuidade espaço-temporal. Temos notícias e ainda não são nada boas. Ao meu ver, não são o bastante, subscrevendo grande parte das concepções mouriana.

Traçados os entremeios interpretativos e proximais ao objeto estudado, enquanto cotista inserida em movimentos negros e educacionais, afirmo a importância sócio-histórica das cotas, ao trincar as bases estruturais das relações sociais brasileiras e ameaçar os privilégios embranquecidos. Mesmo que insuficiente, o barulho foi alto e ainda ressoa de maneira de veras incômoda. Nossos passos que vêm de longe (Werneck, 2010) precisam avançar, pouco se contentar e, por via economicamente equalizadora, pautar um


modus socialista de existência. Nesta deixa, aprofundarei a nossa construção histórico-social de Brasil em significação epistemológicas marxianas e marxistas, buscando os imperativos categóricos predominantes na escrita e os necessários para seguir com a empreitada sobre o cenário empresarial (pautado em diversidade?).

REALITY EDITION

O MARXISTA

2024 THURSDAY, 28 FEB 2:00 - 5:00 PM

Fonte: Freepik

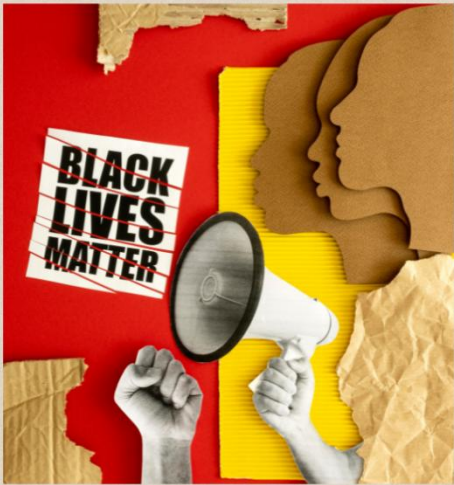


OBITUÁRIO

Nome: Karl Marx
Nascido: Tréveris, 5 de maio de 1818
Teórico, filósofo, escritor, político,
historiador, revolucionário...
Morte: Londres, 14 de março de 1883

JOIN US!

**ANTIRRACISTAS DO MUNDO, UNI-VOS!
EM TOTALIDADE**



Fonte: Freepik

Dona Rosa do Gratatá

Trago seu amor em 3 dias

Curo frieira em 3 horas

incorporo teórico morto para atualizações
conjunturais
por 3 minutos

Valor:
combinado pela mão invisível do mercado ***

*** invisível, porém pesada!

MAIS INFORMAÇÕES: MNR@MNR.BR

Fig. 5 - Informes "O Marxista" - Extra, extra!!!

PEDAÇO 2 - CAMINHOS MARXISTAS PARA ENTENDER O BRASIL

2.1 - AS CATEGORIAS MARXISTAS DE GRAMSCI: IDEOLOGIA, HEGEMONIA, REVOLUÇÃO PASSIVA E APH

Aprecio a filosofia Ubuntu no que tange o contemplar da coletividade. Gosto muito de Frankstein! Mary Shelly foi capaz de externar o cerne humano e suas afeições, contrapondo-se ao campo das aparências. Nem sempre o que parece é. Entre os ressentimentos coletivos e as sociedades das aparências patriarco-capitalistas, Gramsci será o intelectual que ofertará as categorias afugentadoras das “*puritanas*” percepções aparentes sobre o caráter socioeducador do Estado e, em complementaridade, dos espaços relacionais. A seção proposta trará, a partir do intelectual Antônio Gramsci, a compreensão categorial sobre ideologia, hegemonia, aparelhos privados de hegemonia (APH) e revolução passiva. A priori, eu intento trazer as abstrações sociofilosóficas presentes nos conceitos, encaminhando-me para uma aproximação histórico-real do Brasil.

A hegemonia, enquanto categoria gramsciana, será elaborada por Terry Eagleton (1997, p. 105) conforme infracitado:

Gramsci normalmente usa a palavra hegemonia para designar a maneira como um poder governante conquista o consentimento dos subjugados a seu domínio - apesar de, é verdade, empregar o termo ocasionalmente para designar conjuntamente o consentimento e a coerção. (Eagleton, 1997, p. 105)

Esta exortação indicará que, além das influências histórico-culturais hegemônicas difundidas e variavelmente assimiladas, as ações produzidas pelo contexto estatal podem inserir dinâmicas sociais coercitivas caracterizadas por maior grau de imediaticidade. Por exemplo, ao seguir a história do Brasil provinda pelo *locus* mouriano, me é possível entender as tentativas retentoras do Estado em relação aos movimentos negros (quilombagem). Diante das revoltas afropopulares, as formas organizativas colonial, imperial e republicana (item 1.3.1) ocuparam-se da produção de políticas e normativas impeditivas ao desenvolvimento dos negros, por meios institucionais, durante longos períodos, sendo os arrefecimentos vinculados aos interesses (primários) do Estado em determinadas viradas históricas. Dito isto, atribui-se a imediaticidade coercitiva o poder de

cessar levantes explícitos e lançá-los na clandestinidade. Em sequência ou concomitância, o Estado trata de impetrar ideologicamente as bases justificadoras da coerção.

Então, resumidamente, aproprio-me da concepção gramsciana sobre hegemonia ao entender tal conceito como uma construção sócio-histórica e cultural de discursos equalizados e direcionados pelo poder governamental, surgida a partir de ideias moventes no espaço-tempo e ancorada na percepção/assimilação das movimentações populares em pujança. O caráter coletivo-quantitativo será fundamental na queda de braços, uma vez que sendo os questionamentos massivos, a coerção precisa dar lugar aos acordos para fins de evitar embates polarizados e amplamente violentos. E assim, os reflexos internacionais e nacionais, historicizados em versos, prosas e lutas, fazem caminhar no Brasil as conversas institucionais sobre ações afirmativas e a desconstrução da branquitude hegemônica no tempo presente.

Volto, então, ao campo das ideias moventes. Um jeito mais ameno de dizer ideologia. A ideologia, conforme exprime Gramsci, é parte constitutiva da hegemonia. (Eagleton, 1977). Peculiarmente, tal conceito trará em si a colocação de que: *“a consciência dos oprimidos é, em geral, um amálgama contraditório de valores absorvidos de seus governantes e noções que se originam, mais diretamente, de sua experiência prática.”* (Eagleton, 1997, p. 44). Dentre muitas formulações, apreender a significação do ser ideológico pode ser de veras complexo. O caminho lógico, na tentativa de minorar tal dificuldade, é pensar ideologia como o estudo do campo das ideias. O intelectual francês Destutt de Tracy concebe então a ciência das ideias. Em posterior conflito histórico-político, Napoleão Bonaparte irá conceber o conceito como uma distorção da realidade (Silva, 2006).

A compreensão marxiana irá por esta trilha, considerando a ideologia como uma enganação alienante para o ser, onde este fica ao sabor das marés exploratórias capitalistas. Já Gramsci, ao pensar por uma inserção cultural, material e histórica juntamente a Lukács, ao desvelar o processo ideológico como parte integrante do engajamento político (Lukács, 2013), me direcionam para um entendimento da ideologia como um conjunto de ideias formuladas coletivamente por seres sociais únicos, dado seus devidos contextos históricos, sociais, educacionais, políticos, etc., sendo estas [ideias] lateralmente intencionadas, ao

objetivarem a construção de discursos hegemônicos para a transformação ou permanência das realidades sociais. Ao entender como tais coletivizações ideológicas são possíveis, os aparelhos privados de hegemonia, “carinhosamente” intitulados APHs, explicitarão as formas de distribuição e redistribuição das ideias, a partir dos processos de sociabilidades.

Os APHs são os braços do Estado de Direito Democrático Burguês nos ombros das massas ao tocá-los ou apertá-los. Pelo amor ou pela dor... e assim por diante. Gramsci, ao tratar a hegemonia em seus Cadernos do Cárcere, cita em dados momentos as funções dos aparelhos hegemônicos na construção da dominação burguesa (Hoeveler, 2019). Os termos ajudam na compreensão global do conceito, aproximando os elementos constitutivos da relação. Liguori, embasado nos estudos dos encadernados gramscianos, dirá, ao fugir de uma desterritorialização mecânica e ao inserir afetações subjetivas que:

[...] o aparelho hegemônico aparece agora como um elemento essencial para o exercício da hegemonia: sua quebra corresponde à crise do último [modelo]. O conceito de aparelho de hegemonia é um elo entre o conceito de hegemonia e a noção, ainda em formação àquela altura dos escritos de Gramsci, de “Estado integral”, oferecendo uma base material para o conceito gramsciano de hegemonia, não assimilável a uma concepção idealista, culturalista ou liberal. (cf. Liguori & Voza, 2009, p. 45 *apud* Hoeveler, 2019, p. 148, [grifo meu])

Segundo Rejane Carolina Hoeveler (2019, p. 149) disserta:

O aparelho hegemônico é entendido, assim, como uma sociedade particular (formalmente privada), que se torna o correspondente do aparelho governativo-coercitivo. Força e consenso, as duas metades indissociáveis da dominação, as duas metades do Centauro maquiaveliano, ambas desenvolvem seus respectivos “aparelhos”. O Estado integral é, já, unidade-distinção da sociedade civil e Estado “tradicionalmente entendido”, ou Estado *stricto sensu*. (Hoeveler, 2019, p. 149)

Os APHs passam a configurar os meios de sociabilidades, coletivizações, de trocas informacionais-ideológicas. Estes meios reais e de massa são, entre outros: as mídias, os partidos políticos, os partidos sociais (movimentos sociais), os espaços de educação formal, as redes sociais, etc. A Educação, em suas múltiplas nuances de práxis, configura aparelho

privado de hegemonia amplamente disputado entre as intenções liberais, reformistas e socialistas, quiçá comunistas. Amanda Melchiotti Gonçalves (2020, p. 52), indica, a seguir, que mesmo diante das formalidades (igualitárias e democráticas) contidas nas previsões legais das políticas educacionais, a própria condição de fim em si mesmo do Estado encaminhará as prevalências dos aportes ideologicamente hegemônicos do modelo capitalista:

Apesar do conglomerado em rede na qual as políticas educacionais se definem, vale enfatizar que é por meio do Estado que os documentos das políticas educacionais são implementados, assim, o Estado é o aparelho capaz de tornar possível a constituição e expansão global das ideias neoliberais. (Gonçalves, 2020, p. 52).

É igual, mas nem tanto assim...

Ademais, o debate sobre a Educação como APH, mesmo que de maneira pontual e sucinta, apresenta-se interligado a três processos supracitados: **a)** o movimento negro educador em mesclas de resistências históricas; **b)** a luta por direitos e acesso aos bens materiais, educacionais e laborais pela população negra no pós-abolição, em contextos de eugenia e miscigenação; e **c)** ações afirmativas de cunho político-jurídico que encontram seu teto institucional dentro da contraditória formação social brasileira. As ações afirmativas e, em centralidade, a Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER), em sua pretensão atual de inserir outras ideologias acerca do povo negro e brasileiro nos contextos educacionais, primeiro, se defrontou com aparelhos hegemônicos midiáticos burgueses com construções argumentativas contrapostas. Depois, os acordos normativos sendo firmados e visibilizados pelos movimentos negros, as ações encontram ecos nas demandas do capital em expansão, nas medidas de lucratividade das empresas “amigas” das diversidades e na formação de um mercado consumidor de conteúdos afrorreferenciados.

Partindo do movimento negro enquanto educador e dissidente histórico, passando para uma inserção cooptada pelas dinâmicas neoliberais da atualidade, entre propagandas e *blacks moneys*, a apreensão da intelectualidade produtora de conhecimentos científicos e organicidades sociopolíticas perante tais cenários mostra que: “[...] é necessário conhecer

exatamente o modo de pensar e a ideologia destes intelectuais para melhor entender sua organização de hegemonia cultural e moral, a fim de destruí-la ou assimilá-la". (Eagleton, 1997, p. 107). Ao discorrer sobre as consultorias e as sociabilidades extraídas dos relatórios referidos ao Grupo Carrefour, intenciono passar pelas ausências históricas e presentes, juntamente às deformações contidas nestas novas relações sociolaborais capitalizadas.

Finalizo esta seção com a breve citação de outro conceito gramsciano: o de Revolução Passiva. Ao abordar a temática das ações afirmativas e os desencadeamentos empresariais identitários na atualidade, questionava-me sobre a função do Estado na formalização das questões sócio-históricas raciais brasileiras. Como historiadora, a Revolução Francesa figura em minha mente como as vias de fato para um processo revolucionário, primando pela violência e ascensão governamental concebida por um contexto ideológico-militarizado. De acordo com o supra explicitado no item 1.3, as resistências negras se ocuparam em abalar as estruturas político-governamentais durante todo o período laboral exploratório. Então, o que provoca as mudanças pós-Durban III?

Daniilo De Souza Morais (2011, p. 88-89), ao arguir sobre as políticas de ações afirmativas no transcorrer da era Lula, colocará que:

Francisco de Oliveira e Carlos Nelson Coutinho, cada um ao seu modo, cometem o mesmo equívoco que Guimarães, pois encaram o governo Lula como mera continuidade ou mesmo aprofundamento do projeto neoliberal. Vianna parece ter encontrado uma chave importante, diferente destes autores, ao retomar o tema da revolução passiva. Todavia, se levamos a revolução passiva, coloca-se a pergunta: em que termos se está colocando a construção do consenso/consentimento, ou seja, o pilar fundamental da hegemonia? Se as novas e/ou ampliadas formas de participação da cidadania nos assuntos públicos não forem encaradas apenas sob a ótica do transformismo, mas sim sob a possibilidade de partilha efetiva do poder de decisão, certamente a articulação da interpretação de Vianna – que ressalta a retomada da iniciativa do Estado-nacional – e Guimarães – que ressalta a erosão da democracia racial como compromisso polítocultural –, pode ensejar um entendimento bastante distinto da “era Lula”, a partir da abordagem da política de reconhecimento das diferenças étnico-raciais. (De Souza Morais 2011, p. 88-89).

Doravante, o autor ressalta a importância das militâncias afrodiáspóricas, após os anos 1970, ao asfaltarem o caminho rumo à democracia participativa e decisória. Fato de conhecimento notório e amplamente estudado. Porém, ao relembrar as articulações e os avanços conquistados pelos movimentos negros após a III Conferência Mundial contra Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, vale lembrar que as pressões raciais, além de provenientes dos desvelamentos de um racismo à brasileira e do mito da democracia racial sendo posto em cheque, convergiam de um amplo cenário internacional de debates e de movimentações neoliberais que observavam as questões identitárias como um fértil campo de expansão para o capital. No item 2.4, abordarei o conceito de *Diversity Washing* e sua variante *Blackwashing* para melhor explicitar tal inflexão sociorracial.

Ao corroborar o dito de Vianna e reforçá-lo, sem desmentir Oliveira e Coutinho, cito a concepção de revolução passiva, a partir de trecho extraído do texto de Bianchi (2006, p. 11), onde ele explora que:

Retirado de seu contexto original e reformulado, o conceito de revolução passiva ganha uma amplitude muito maior e passa a ser instrumento de interpretação de acontecimentos contemporâneos, mantendo, entretanto, uma linha de continuidade: a modernização do Estado através de uma série de reformas e guerras, procurando evitar, assim, uma ruptura revolucionária. (Bianchi, 2006, p. 11).

Logo, uma “revolução” onde o Estado é capaz de perceber as conjunturas sociais internas e externas molecularmente produzidas em processualidade histórica, evitando o aprofundamento das insatisfações sociais e o rompimento com o sistema econômico em vigência. Tais reformas trazem consigo as herdas dos privilégios das elites politico-burguesas “concedentes”, primando por soluções necessárias, contudo superficiais quando tratamos de mudanças efetivamente estruturais.

2.2 - ONTOLOGIA DO SER EM LUKÁCS

O Grupo de Cultura Popular Pé-de-chinelo e o Prof. Dr. Lucio Sanfilippo foram cruciais no direcionamento da escolha pela cultura afro-militante, por mais que fosse

diante de dúbias e confusas possibilidades. Mesmo ao distanciar-me, o mal já estava feito. Minha tatuagem não nega: “100% cultura negra”! Coisas que a gente faz aos 19 anos... A construção de subjetividade foi sendo trilhada na observância das contradições, na tentativa de negá-las e na inserção junto aos espaços sociais formativos e laborais em prol de uma mobilidade social. Como posso garantir, o projeto de vida sociocapitalista falhou com sucesso.

A subjetividade sempre esteve presente, então, não faria sentido não perpassar a pesquisa. Ela não poderia ficar de fora na conversa. Marx é considerado o moço sem entendimento da subjetividade. Para com isso, mano! Isso é sério? Olha, se você leu Marx em tempo histórico complicado e perante a ausência de algumas publicações, releia! Se nunca leu, leia agora! Ou, caso prefira, siga outras paragens. Mas se não leu, não quer ler e somente deseja falar mal, nosso papo fica por aqui. O alemão, como todo bom ser humano limitado em tempo, espaço, (quase sempre) em recursos e formação intelectual, optou por um caminho explicativo pautado na economia política. Aquele trem, sabe? Recorte de pesquisa, foco, limite... Acho que dá um horizonte do rolê, né? Se não der também, paciência. E, foi brilhante ao apontar alguns caminhos e ao aprofundar outros.

Recepcionando a temática da ontologia, nesta curta-longa jornada de estudos, entendi que Lukács compreendeu a magistral obra marx-engelsiana e lhe dedicou continuidade pelo categórico da subjetividade, além de outras contribuições. Mas quem é esse cara? Então, não estando tão bem na fita, porém estando na União Soviética a época, György Lukács, exilado húngaro, ocupou espaços de pesquisa e debates no seio das conjunturas revolucionárias russas. Dentre uma formação burguesa e financiada por ente paterno, viu, no transcorrer do tempo, aproximação às concepções marxistas, após ampla produção teórico-intelectual pautada em filosofias idealistas. Principalmente atrelado ao campo das artes, tem como horizonte os desenvolvimentos estéticos. No fim da vida, dedicou-se à ontologia do ser social (Boitempo, 2023). Já pedindo mil perdões, cometerei a heresia de dialogar com Lukács sobre a ontologia marxista que ele propôs, mesmo sem possibilidade cronológica de maior aprofundamento na teoria.

A Ontologia do Ser Social (Lukács, 2013) tenta dar conta de explicar, muito além de provar a compreensão marxiana acerca dos aspectos subjetivos das sociedades, como

estas nuances de sensibilidades, personalidades e individualidades produzem um ser social histórico e dialético. O autor produzirá algumas explicações sobre tal temática, no entanto ancorei minha análise nas exortações de “*Para uma Ontologia do Ser Social II, Editora Boitempo, 2013*”, dada a limitação já explicada, deixando o livro I, sobre as abordagens histórico-filosóficas, para uma próxima oportunidade.

Como reforços argumentativos à amarração pretendida para o estudo de caso, a obra mencionada, ao se inserir nas concepções de realidades concebidas por Marx, centraliza a categoria do trabalho, em suas divisões e suas implicações vivenciadas, como constituidora do ser ontológico. Ou seja, pensará na formatação e na adequação comportamental dos indivíduos para as suas inserções na lógica estrutural do capital. Não só por tratar-se de uma pesquisa que reflete e questiona as hierarquias laborais dentro das erupções identitárias, a composição analítica escolhida por mim perpassa a produção de sentidos contemporâneos pela esteira das correlações sociais hegemonicamente produzidas por dada formação nacional, estando estas tensionadas por contradições historicamente concebidas. O autor externa tal posição ao colocar que:

“Se, em estágios diferentes de desenvolvimento, em situações diferentes de classe, esse estado se expressa de maneira muito diversificada, tais diferenciações de conteúdo, muitas vezes contrapostas, derivam da respectiva estrutura da respectiva formação social. Isso, no entanto, não exclui que o fundamento de fenômenos tão diversos seja a situação ontológica que se origina necessária e objetivamente com e no trabalho.”(Lukács, 2013, p.100)

Georg desenvolve as aproximações entre o ser “sujeito-objeto” pautada indissociavelmente aos contextos de realidades, onde reafirma tais posições ao questionar alguns posicionamentos filosóficos de Hegel e Hartmann no campo das idealizações fenomênicas. Decerto, me interessa pensar a formação intelecto-sensível de pessoas negras no cenário das ocupações trabalhistas no pós-Durban III. Em profusa mistura entre aportes teóricos, vivências e traços personalísticos, justifico uma posição similar a Lukács, ao perceber não se tratar única e exclusivamente de questões éticas e morais das escolhas atribuídas aos seres *socioeconomicus*, mas sim de caracteres produzidos perante os desígnios de uma eficaz construção hegemônica, ideológica e cultural, onde as

exteriorizações relacionais destes seres são imprevisíveis, contudo, são exteriorizações projetáveis na realidade. Nosso amigo húngaro resume bem em fragmento subsequente:

“Em termos ontológicos, trata-se de que o princípio último de construção, conservação e reprodução da personalidade humana lhe é imanente, ou seja, radicalmente situado no aquém. Mas isso só será possível quando suas forças motrizes decisivas estiverem inseparavelmente ligadas à realidade, na qual o homem se realiza, se forma como personalidade, só quando elas puderem se afirmar em termos reais em ininterrupta interação com ela. Como o trabalho aparece como gênese do devir homem do homem, a sua essência, ou seja, a interação ininterrupta entre ser natural e ser social, o pôr teleológico que coloca essa interação em movimento real e, com ela, o papel condutor da consciência em atos que realizam tais conexões dinâmicas, todos esses componentes do complexo devem ter o efeito determinante também para o ser do homem. Todavia, com a importante modificação de que, no processo do trabalho, surge uma relação “sujeito-objeto”, enquanto esse processo passa a ser tratado do ponto de vista do sujeito ativo. Essa mudança de ponto de vista possibilita conhecer novos momentos do próprio processo; porém, jamais se pode esquecer que sempre se trata – visto em termos objetivamente ontológicos –, em última análise, do mesmo processo, só que nosso interesse passa a voltar-se para as consequências do processo no sujeito atuante e esse mesmo sujeito é considerado como meio visando provocar determinações no sujeito, enquanto anteriormente focamos nossa atenção no sujeito sobretudo como órgão executivo direto do metabolismo da sociedade com a natureza.” (Lukács, 2013, p. 209).

Lukács desenrola, por conseguinte, as bases da compreensão ontológica do ser, em seu complexo de complexos, como central no mapeamento das determinações historicamente produzidas, na busca pela totalidade dos fenômenos surgidos dentro da estrutura socioeconômica vigente. Ao reflexionar as consultorias identitárias, em recorte antirracista, partindo de uma contraditoriedade entre a formação social brasileira em face das novas demandas empresariais por diversidades e cotizações em seus quadros empregatícios, conceber o *locus* ontológico marxista de Lukács me oportuniza complexificar as interpretações sociorrelacionais da atualidade, ao afastar-me de colocações moralizadas e apartadas dos sentires histórico-sociais dos sujeitos estranhados que experimentam as presentificadas fissuras estruturais.

O conceito de estranhamento lukacsiano, juntamente ao racismo enquanto categórico embasador das relações nacionais, explicitará entremeios entre a subjetivação e a objetivação no caminho pesquisado. No tempo histórico presente, vislumbro as consultorias antirracistas como tendências revestidas de objetividades, emergindo dos históricos conflitos fundados por nossa formação social escravista subjetivada pelo aprofundamento do racismo científico, da eugenia e da miscigenação. Assim sendo, ao tentar compilar levemente descrições amplas e profundas do autor, considero o estranhamento como o distanciamento analítico dos produtos sócio-históricos presentes nas conjunturas humanas, dadas as infinitas possibilidades explicativas de cunho real ou metafísico, para entender as realidades sociais subjetivamente objetificadas e objetivamente subjetificantes. Resumindo, vislumbrar as pretensões expansionistas econômicas europeias (Dussel, 1992) como processo civilizatório e a pobreza predominantemente negra brasileira como incapacidade intelectual-fenotípica-moralizada são dois exemplos próximos de repartidas intenções entre sujeitos e objetos produzidos em estranheza perante totalidade. A formação biopsicossocialmente ideológica do ser sempre passará pelas vivências e idealizações espitêmico-filosóficas enraizadas nos seus tempos históricos e culturais (Fig 6).

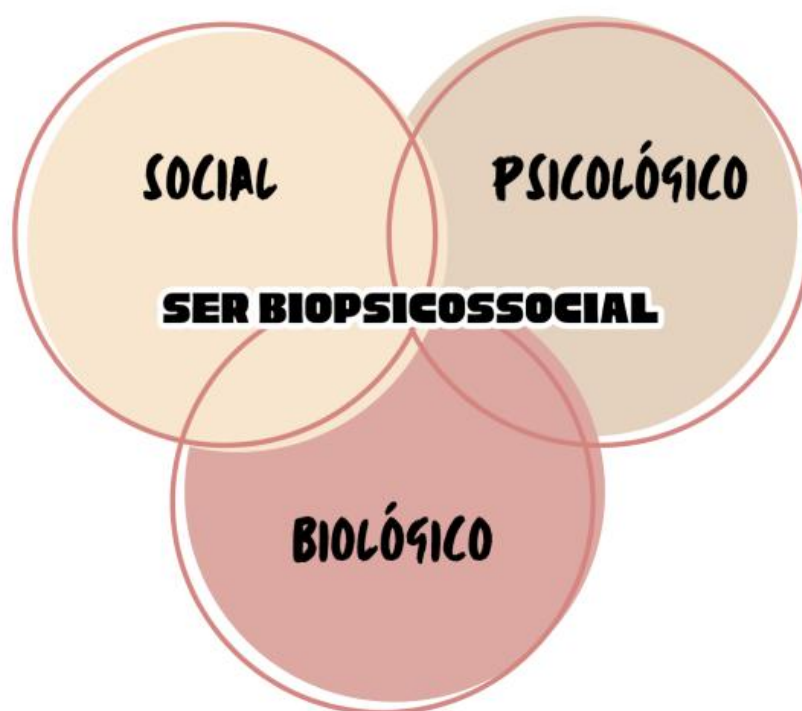


Fig. 6 - Constituição do ser social em totalidade, partindo dos principais determinantes que contribuem para a sua formação (mesclados a multivariadas mediações histórico-culturais).

2.3 - A AUSÊNCIA DO DEBATE MARXISTA NA ERER

Em brevidade, ao tangenciar as concepções gramscianas de ideologia, hegemonia e APHs já descritas, centralizo propositalmente o debate nas ausências informacionais e investigativas de um campo educacional que não produz conhecimentos que confrontem explicitamente os matizes de classes, materialidades e mitos meritocráticos. Para fins de comprovação, uso os dados dos Anexos I; II e do quadro 01 na tentativa de expor tal afirmação. Ao efetuar uma revisão sistemática exploratória das publicações referentes às ANPEds Nacionais de 2019 e 2021, no Grupo de Trabalho 21: Educação e Relações-raciais, pude identificar que, de todos os resumos expandidos publicados nos referidos anos, nenhum trabalho explora a temática da ERER em perspectiva marxista intrínseca. Entre as oitenta e uma (81) apresentações, somente cinco (5) textos usaram, de forma implícita, termos que possam remeter a um posicionamento mais crítico na esfera epistêmica, como por exemplo materialismo, dialética e outras palavras de direcionamentos marxianos/marxistas.

Por figurar outra pesquisa com distintos encaminhamentos conclusivos, optei por deixar os dados como herança dialética de minha processual constituição formativa. O movimento negro e educacional me lançou na ERER como grande possibilidade de mudança do país. Dirimidas as certezas e emergidas as dúvidas, descrever e analisar as consultorias por este viés não parecia produtivo. Como já citado antes, mostrou-se caminho premente, apertado e inconclusivo dadas as escolhas investigativas documentais, o recorte histórico da política educacional e o descarte das ferramentas conversatórias para este estudo. Mas, não mantenho os dados como mera memória do caminho da pesquisa. A compilação informacional me permitiu, inicialmente, aferir a ausência do debate marxista/marxiano nos terrenos educacionais ocupados pelas intelectualidades negras e antirracistas.

O indício aparece pela própria Associação de Pós-graduação em Pedagogia (ANPEd), nos escritos presentes na página de apresentação do GT 21 ERER:

A partir daquele momento, as pesquisadoras e pesquisadores puderam contar com um espaço próprio para debates, proposições e encaminhamentos

específicos da área das relações étnico-raciais e educação o que, até então não existia, na medida em que a temática e as pesquisadoras/es encontravam-se dispersas nos demais Grupos de Trabalho. Ainda que os demais GTs fossem receptivos ao tema, as questões de interesse particular da educação da população afro-brasileira não tinham o destaque necessário. (GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais, s.d., s.p.).

Ao centrar a racialização dos corpos como herda colonial, configurando como uma basilar constituinte do processo sócio-histórico, a Educação, nas suas produções de sociabilidades e disputas hegemônicas, enquanto importante APH, não deveria produzir um amplo debate intelectual acerca de uma EREER questionadora do racismo como promotor do capital? Uma Educação para as Relações Étnico-raciais pode ser eficaz dentro do capitalismo? São perguntas que surgem sobre as contradições de uma formulação educacional historicamente produzida por mobilizações negras, estrangulada pela esfera institucional embranquecida e pela própria concepção lógica do presente em consonância aos movimentos histórico-dialéticos.

Para melhor desenvolvimento deste imbróglie teórico-epistemológico, aprofundar as pesquisas sobre as prevalências das teorias fenomenológicas, pós-modernas e derivadas nas universidades públicas e nos grupos de pesquisas torna-se necessário. Em contraponto, realizar um levantamento teórico e estatístico no Grupo de Trabalho - 09 da ANPEd - Trabalho e Educação é a face da outra moeda. Será que a intelectualidade marxista tem se preocupado em pensar as questões da nossa formação socioeducacional pela via dos debates estruturais e ontológicos? É possível dizer que existe uma gama de estudos que trazem a importância de racializar os embates econômicos e de classes? Cenas dos próximos capítulos... da caminhada investigativa e não desta proposição pesquisadora. Contudo, creio que possam ser perguntas produtoras de sentidos (revolucionários) para uma população majoritariamente autodeclarada negra.

2.4 - CONSULTORIAS IDENTITÁRIAS: ANTIRRACISTA COM CERTIFICADO E TUDO!

Um importante aporte, aqui tratado pontualmente, é pensar a constituição do racismo como basilar para as relações econômicas contemporâneas. Cedric J. Robinson

(1965, p. 45), na publicação de *Marxismo negro - a formação da tradição radical negra*, dirá: “*Como fuerza material, entonces, se podría esperar que el racismo impregnara inevitablemente las estructuras sociales emergentes del capitalismo.*”. Apesar de ferrenho donatário de críticas sobre as percepções e os alcances das teorias marxianas, o autor traz uma noção pouco explorada pelos campos sociais revolucionários: a questão da racialização.

No espaço das trocas acadêmicas nestes dois últimos anos, pude perceber que tal fenômeno é encabeçado por caminhos distintos: as teorias pós-estruturais tendem a acoplar o debate identitário às dinâmicas de agências dos indivíduos coletivizados, enquanto as teorias marxistas se espriam, predominantemente, pela lógica da centralidade na revolução coletivizada por questionamentos político-econômicos. A raça aqui entraria tanto nas concepções sócio-históricas, quanto nas composições ontológicas. A percepção almejada é a de compartimentação de fatores indissociáveis. Por isso, aciono Cedric nas contribuições que me permitam compreender as ausências dos marxismos (por inúmeras e compreensíveis variantes) na construção de análise histórico-social que possam entender os desdobramentos e formatos assumidos pelo racismo e pela xenofobia no perpassar dos milênios.

Isto posto, angariar adesões dos movimentos identitários, mesmo diante de algumas de suas armadilhas, faz-se relevante para o entendimento dos *locus* práticos dos processos de resistências. Desta forma, as consultorias antirracistas intentam inserir novas formas de enxergamos as relações sociais em seus enlaces dialéticos. Entre narrativas, discursos e afeições, as reexistências negras e suas conquistas no escopo político-organizacional se deparam com as formações socioeducacionais, as relações de poderes e as desveladas ausências empretecidas nos espaços de trabalhos especializados. A névoa ainda é densa, mas desbravá-la seria a única opção plausível. Logo, Peter Block (1911, p. 4) vai defender que:

Usado em sentido mais amplo, o termo consulta define qualquer ação que você adota em relação a um sistema do qual você não faz parte. Uma entrevista com alguém pedindo ajuda é um ato de consulta. Um programa de treinamento, uma avaliação, um estudo - todos são consultas. O objetivo do consultor é engajar-se

em atividades bem-sucedidas que levem as pessoas ou organizações a gerenciar a si mesmas de forma diferente. (Block, 1991, p. 4)

A citação “[...] *gerenciar a si mesmas de forma diferente.*” é a chave interpretativa. O racismo científico do século XXI fez, e muito bem (ou mal) feito seu trabalho ideológico: a fundação das hierarquias raciais em corpos e mentes. As lutas revolucionárias, sem sentido *stricto*, se ocuparam em desarmar tais discursos e provar as materialidades envolvidas nas formações educativas dos Estado-nações espalhados pelo mundo. O racismo à brasileira imprimiu suas marcas e, por intervenções nada piedosas, estas precisam ser rasuradas, ressignificadas. Fica, a partir do exposto, comprovada a relevância das consultorias para a observação externalizada, que tenta se isentar de valores internos, promovendo análises diretivas nas organizações.

As consultorias antirracistas, nesses entremeios, atuam nos pontuais e aparentes conflitos sociolaborais, principalmente, intensificados após as ações afirmativas promovidas pelos governos, empresas e instituições públicas/internacionais. Aqui, preciso lembrar da desigualdade, lembra? O cerne do capital. Ela é existente e inevitável, independentemente do modo de produção ou sistema econômico. O desigual nos compõe nas amarrações de nossas totalidades. O que se evidencia, aqui, é a produção de desigualdade material, desembocando em competições por recursos, espaços e poderes, além de precisar criar na figura do Outro, o horizonte de uso exploratório e descartabilidade. Quem seriam os Outros na formação social brasileira? Chuta? E quem quer ser o Outro perante a necessidade da diluição das contradições capitalistas? A batalha está posta e ocupa os espaços de debates, sem grandes possibilidades de consensos amistosos. Entre mimis e estatísticas, o certo é o desejo individual por mobilidade socioeconômica. Mas, e os Outros? Vocês que lutem!

Acreditando ter feito um bom trabalho ao explicar acerca da importância das consultorias antirracistas, entra a parte não tão legal: a crítica marxista aos interesses do capital nas questões identitárias. Início esta elaboração pelas palavras de Thiago Monteiro Freire (2023, p. 19), quando este insere que:

O termo "diversity washing" é utilizado para descrever a prática de empresas ou organizações que promovem uma imagem de diversidade e inclusão, mas não

implementam efetivamente políticas ou ações concretas para promover a diversidade em seus ambientes de trabalho. (Baker et al, 2022 *apud* Freire, 2023, p.19). Essas empresas, muitas vezes, usam a diversidade como um artifício de marketing para melhorar sua imagem no mercado ou para atrair um público mais diverso, mas não têm um compromisso genuíno com a inclusão e a equidade. Isso pode levar à falta de diversidade real dentro da empresa, bem como à marginalização e exclusão de empregados pertencentes a grupos historicamente subalternizados.(Freire, 2023, p. 19).

Historicamente marginalizados? Percebes? O desenrolar questionador uni todos os aportes teóricos neste momento. Não é um fazer de coração, como disse Block em seu livro já referenciado, mas sim de bolso. O estudo de Freire (2023) ainda traz elementos de lucratividade e de melhor adesão das marcas aos recortes consumidores, ao se basear nos estudos estadunidenses. O *Relatório blackwashing: as corporações estão engajadas na pauta racial?*, publicado em 2023, ainda atribuirá que: *"Novas são as ações de blackwashing, caracterizadas por aquelas em que as empresas se demonstram engajadas em pautas de justiça racial, em especial depois do movimento #BlackLivesMatter, mas que não enfrentam a questão estruturalmente."* (Carvalho & Moraes, 2023, p. 5). A empresa Carrefour integra a gama de grupos que foram analisados sob tal perspectiva categórica. Com proximidades teórico-metodológicas, minha análise partirá da formação dos departamentos de diversidade, em suas atribuições institucionais e efetivas quanto ao caráter educativo das consultorias antirracistas.

Inseridos os conceitos, explicar o vocábulo diversidade é central. Retornado a Thiago Freire (2023), ele aproximará identidade e diversidade ao dizer que: *"Para afirmar a superioridade de certas identidades, outras são classificadas dialeticamente como diferentes, distintas, desiguais – e inferiores. Logo, para classificar o diverso, necessariamente deve-se compreender o que é igual, o que é semelhante, o que é hegemônico."* (Freire, 2023, p. 12). Algumas terminologias direcionam, como por exemplo superioridade, hegemônico, diferentes, desiguais, etc., a um processo intimamente valorativo sobre a constituição dos seres, mas que, segundo as explanações lukacsianas, não são necessariamente negativas ou descartáveis para a práxis política. Isto justifica o diverso tendo direito ao comum perante a sua demanda por materialidade, do particular espiritual ao universal material. A diversidade, a multiplicidade não configuram um

problema, contudo, recaindo nas ficções capitalistas, elas podem ser meros penduricalhos de isenção sócio-histórica da branquitude.

Os departamentos de *Compliance* (Gestão da Identidade) surgem neste cenário histórico, como suportes técnico-organizativos das relações sociais, onde os antigos Recursos Humanos (agora, Gestão de Pessoas) não podem dar conta dos contrastes raciais do trabalho. Então:

[...] o termo *compliance* entrou de vez na agenda dos executivos brasileiros — pela necessidade de transparência com investidores ou mercado, pela manutenção de um ambiente de trabalho ético e com valores alinhados com às diretrizes da empresa e de seus acionistas e para resgatar a credibilidade de empresas afetadas por escândalos e fraudes corporativas [que possam afetar seus rendimentos]. (KPMG, 2020, p. 35, [grifo meu]).

O contraponto descritivo do Departamento de Diversidade será com enfoque nas ausências elaborativas, caso existam, no que diz respeito às atenções à formação social brasileira e ao foco ético das empresas entre prevalências econômicas ou de aportes ontológicos.

Para finalizar a seção, agrego a categoria de sociabilidade do capital para melhor descrever e promover a compreensão acerca do que vem a ser Departamento de Diversidade. A sociabilidade do capital, segundo Juliana Maurício (2014, p. 19) nos coloca que:

Inseridos na produção social – que fundamenta a vida em sociedade – os homens são acometidos por determinadas relações que, ao mesmo tempo em que são fundamentais para esses homens são independentes de suas vontades e decisões. As relações mencionadas são relações de produção e dizem respeito a um determinado nível de desenvolvimento das forças produtivas. (Maurício, 2014, p. 19).

Assim, Bauman, na seção 1.2, ao contribuir dizendo que:

“A sociedade de consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma

estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível – e uma condição de afiliação. (BAUMAN, 2008, p. 38).

Me encaminha aos escritos de Karl Marx & Friedrich Engels (2008, p. 15-16) onde estes descrevem:

A transformação contínua da produção, o abalo incessante de todo o sistema social, a insegurança e o movimento permanentes distinguem a época burguesa de todas as demais. As relações rígidas e enferrujadas, com suas representações e concepções tradicionais, são dissolvidas, e as mais recentes tornam-se antiquadas antes que se consolidem. Tudo o que era sólido desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas. A necessidade de mercados sempre crescentes para seus produtos impele a burguesia a conquistar todo o globo terrestre. Ela precisa estabelecer-se, explorar e criar vínculos em todos os lugares. Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. (Marx & Engels, 2008, p. 15-16).

Logo, a sociabilidade do capital se conforma enquanto condição de existência socioeconômica do ser, atrelando seu corpo à condição de mercadoria valorada conforme os seus tempos histórico-sociais. De bom escravo a mau cidadão. De cotista a CEO...

A nova sociabilidade do capital - acionada no tempo presente sob a égide do objeto - será a inserção de pessoas negras nos espaços relacionais de poderes, de trabalhos e de decisões, no intuito de contradizer os privilégios da branquitude, desconectando as desigualdades sociorraciais brasileiras das suas continuidades históricas entre a nova classe média negra e as massas afropopulares. Dessarte, isto será corroborado pelo levantamento feito na ANPED - GT 21: Educação e Relações Étnico-raciais (quadro I), assim como outros campos disciplinares das ciências humanas provavelmente confirmaram. As prevalências de aportes decoloniais e pós-modernos, ao alcançarem as subjetividades perpassantes das identidades e ao rejeitarem (minimizarem) as objetividades econômicas nas individualidades, encontram nas debilidades marxistas ampla fertilidade discursiva e

penetradora. É isso, aí Marxistas! Se não totalmente, somos, ao menos, um pouco culpados, ao não assumirmos uma posição ontológica de revolução anticapitalista. O valor fala todes e se estampa de afro, caso isso represente mais-valia. Fica a dica!

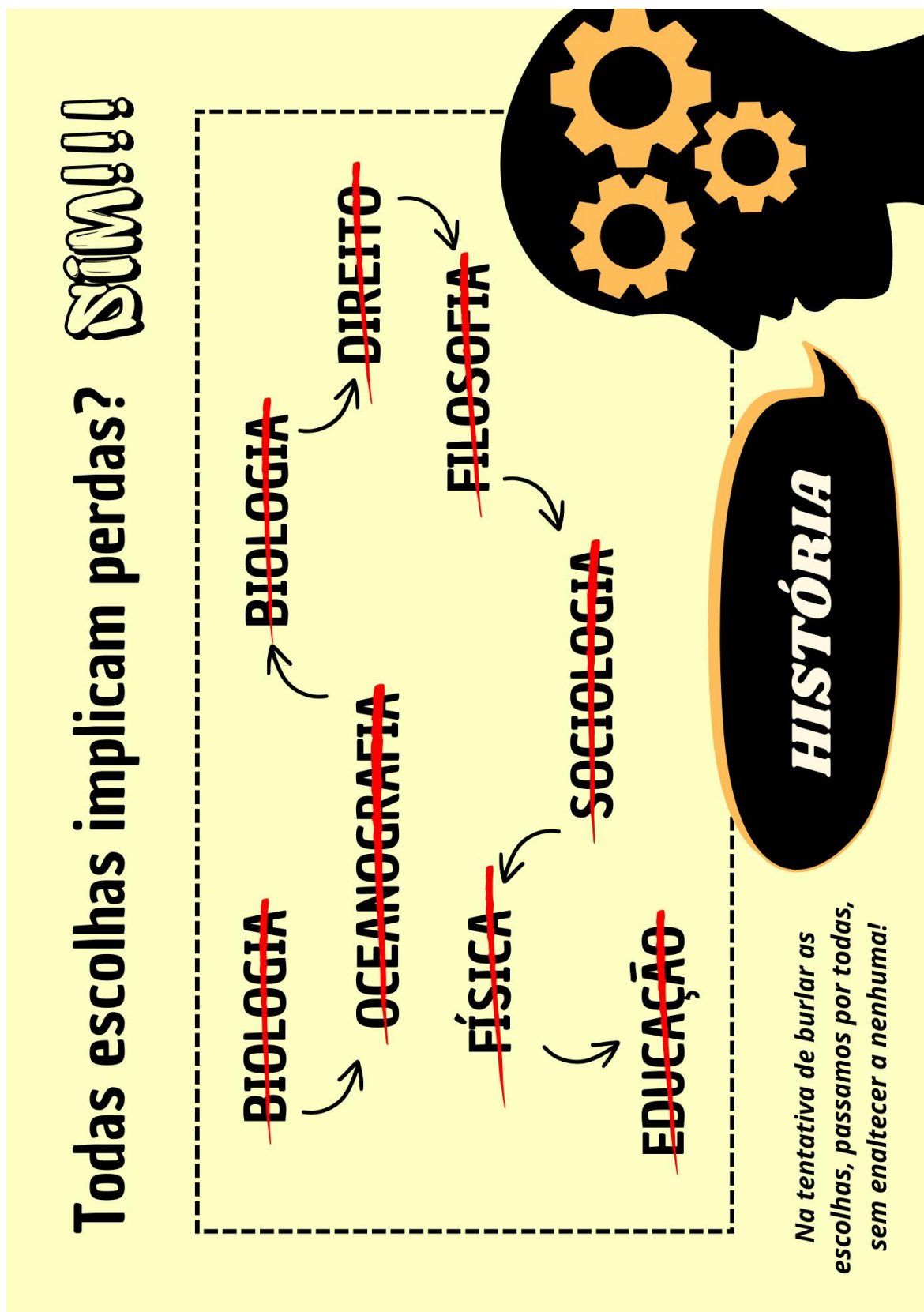


Fig. 7 - Os caminhos até os conhecimentos históricos.

PEDAÇO 3 - METODOLOGIA

O método direcionador da presente pesquisa é o materialismo histórico-dialético (MHD). A expressão, representada por estes três termos, remontará as análises crítico-sociais teorizadas por Marx e Engels no século XIX, onde estudiosos e militantes partidários se fundamentaram (e se fundamentam) para realizarem as apreensões conjunturais de seus tempos históricos. A materialidade, conforme os escritos presentes nas *Teses Contra Feuerbach* (Marx, 2007), encontra a sua relevância teórico-analítica na compreensão de que o ser social é forjado por uma existência física e idealizada, atrelando-se a um contexto social construído historicamente. Ao contrapor-se a Hegel e a Feuerbach, Karl Marx extrai o suprassumo teórico de ambas as contribuições, ajustando os *lócus* unilaterais dos intelectuais para uma visão global da multirrelação sujeito-objeto: o material pautado nos constructos sócio-históricos e a dialética vinculada às realidades produtoras dos contextos teórico-práticos. Ao explicar o que é dialética, Leandro Konder (2011, p. 7-8) dirá que a:

Dialética era, na Grécia antiga, a arte do diálogo. Aos poucos, passou a ser a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão. [...] Na acepção moderna, entretanto, dialética significa outra coisa: é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. (Konder, 2011, p.7-8)

Isto posto, apreender o materialismo histórico-dialético, enquanto método de análise social, perpassa o necessário entendimento de seu caráter totalizante (Barata-moura, 1977) para a assimilação dos processos sócio-históricos sobre os quais os pesquisadores buscam analisar, teorizar e propor ações transformadoras, sendo estas últimas reposicionadas aos espaços discursivos, em contínuo processo retroalimentador da práxis. A figura abaixo (Fig. 8) esquematiza, de maneira didático-instrumental, as intencionalidades de cada categoria constituidora do método, sendo indispensável a compreensão de que tais apêndices são indissociáveis ao longo dos estudos pretendidos.



Fig. 8 - Esquematização das categorias constitutivas do método MHD.

Nos itens subsequentes, explico as principais ferramentas utilizadas para a aplicação metodológica pretendida, aproximando-me do objeto em estudo, as consultorias antirracistas aplicadas à empresa Carrefour, e as essencialidades conformadoras do fenômeno social.

3.1 - (AUTO)BIOGRAFIA

A opção da (auto)biografia ocorreu por sugestão do meu orientador Celso Sánchez. Os desdobramentos de tal caminho deram-se pelas conversas sobre as inquietações sobrevindas dos conflitos educacionais observados ao longo das experiências escolares como discente e profissional educadora. No primeiro momento, dada minha formação acadêmica inicial vinculada à área das Ciências da Terra, pressupus irrelevância teórico-metodológica para esta abordagem, uma vez que no processo de aprendizagem deparei-me com o materialismo histórico-dialético como método central. Método este que se debruça sobre uma predizente perseguição ao rigor científico. Ao compreender os diferentes arcabouços epistemológicos (fenomenologia, pós-estruturalismo, marxismos, etc.), pude acessar um panorama sobre as prevalências epistêmicas e as centralidades constitutivas de cada campo teórico.

A passagem da decolonialidade, em seus aspectos formulados a partir das peculiaridades sócio-históricas da América Latina, para o escopo marxiano não parecia simples. Dentre alguns conflitos mais relevantes, cito:

1) A questão militante e identitária negra apontou-se como fundamental para a compreensão da minha e de outras realidades. Isto criou conflitos sobre autorias e predominâncias de cânones;

2) O marxismo apresentou-se, inicialmente, na universidade como teoria falível por vinculação ao fracasso soviético no final dos anos 80 do século XX;

3) A priori, a ausência de debates e grupos de estudos que focassem as concepções marxianas foi um problema. Posteriormente, pude mapear alguns grupos na UNIRIO, contudo as inserções superavam debates introdutórios e tinham caráter mais direcionados aos interesses das pesquisas realizadas por seus membros;

4) Logo, acessar, aprender e reconsiderar influências teóricas fora do campo da decolonialidade mostrou-se arriscado. E, a primeira lição sobre Marx foi apresentada: assimilar sua teoria demanda tempo, dedicação e entendimento das divergências dentro do próprio campo.

Era um beco sem saída. Fingir satisfação, após descobrir a existência de uma explicação para as imbricações da materialidade na vida, não seria uma opção. Então, a (auto)biografia antes colada ao primeiro motivo, dentro das formulações e relevâncias explicativas outras, se coaduna a necessidade de arriscar um mergulho na teoria crítico-marxista em (enlouquecedores) 12 meses. O marxismo surge em mim como uma justificativa, primariamente, nada rigorosa. Lembrei da minha mãe, da sua história e de suas lutas aguerridas, atrelando-a à minha própria existência e trajetória pessoal. Não queria a (auto)biografia já no início. Tento me afastar de tudo que possa parecer um exagero egóico. Era só um instinto. E, toda vez que ressoei tal léxico, fui bastante criticada. Mas é a minha verdade: era a troca de estudos de dois anos por um mero instinto, mero sentido existencial. Troquei uma orientação e os estudos (ancorados na militância) por uma

escolha pessoal de sentido. Muita loucura... Porém, falar de nós tem me ajudado a perseverar.

O desafio estava posto com tempos e apropriações teóricas limitadíssimas. Pensa numa escolha complicada por multivariações: teorias repartidas, autores em conflitos, lógicas imbricadas. Marxismo de escritório? É estrutural, objetivo ou subjetivo? Meu Deus, socorro! Mas, tem Deus ou tem não? Ladeira abaixo... No entanto, descobri que o simples fato de Deus existir naquele que crê garante a sua existência. Parece uma informação dispensável, no entanto, me possibilitou tranquilidade e prioridade para a pesquisa, afastando a ocupação da mente com batalhas existenciais. E assim, centrei a continuidade dos estudos na percepção de que a materialidade é fundante para as relações sociais em nuances indivisíveis de subjetivação e objetivação, entre o material e o imaterial em construção sócio-histórica. É necessário existir fisicamente para se conformar análises materiais e imateriais. Precisei lembrar disso a cada hora de estudo e de aprofundamento, mesmo diante do medo de errar feio.

Hoje, em vias de finalizar meus esforços neste contexto formativo, vejo que foi uma aposta imensamente profícua. E, para não dizerem que não falei das flores, a (auto)biografia, segundo Nóvoa & Finger (2014, p. 21), me permite:

[...] que seja concedida uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam: nisso reside uma das suas principais qualidades, que o distinguem, aliás, da maior parte das outras metodologias de investigação em ciências sociais. Respeitando a natureza processual da formação, o método biográfico constitui uma abordagem que possibilita ir mais longe na investigação e na compreensão dos processos de formação e dos subprocessos. (Nóvoa & Finger, 2014, p. 21)

Em complemento, Passeggi (2011, p. 382), exprime que:

Na sua dimensão de campo de pesquisa, em consolidação e expansão no Brasil, a pesquisa (auto)biográfica tem se firmado, marcadamente, pela diversidade de entradas e modos singulares adotados nos programas de pós-graduação [em educação], em suas linhas e grupos de pesquisa. Essa diversidade vem ampliando princípios teórico-metodológicos para apreender dimensões de formação,

condições de trabalho e formação, aspectos relacionados à história da profissão, tendo em vista as fertilidades que vinculam biografia e educação, especialmente no âmbito da formação docente. (Passeggi, 2011, p. 382, [grifo meu])

3.2 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA E POR CONVENIÊNCIA

Como o propósito de realizar levantamento bibliográfico dos principais assuntos abordados em torno da Educação para as Relações Étnico-raciais, reporte-me a base de dados da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), através do Grupo de Trabalho 21 - Educação e Relações Étnico-raciais (GT 21), buscando equacionar, elencar as temáticas que mais situaram o debate da EREER nos anos de 2019 e 2021. A escolha da associação se justifica por texto infracitado. Este foi retirado da página de apresentação do grupo de trabalho mencionado, onde se fala sobre sua criação e onde puder vislumbrar a importância na centralização das produções científicas educacionais para produção de políticas públicas como algo estratégico/tático:

[...] as pesquisadoras e pesquisadores puderam contar com um espaço próprio para debates, proposições e encaminhamentos específicos da área das relações étnico-raciais e educação o que, até então não existia, na medida em que a temática e as pesquisadoras/es encontravam-se dispersas nos demais Grupos de Trabalho (GT 21 ANPED, s.p).

Para a construção desta revisão de literatura sistemática (Galvão e Ricarte, 2019), fez-se necessária a produção de duas quadros (anexos I e II) com todos os resumos expandidos apresentados nas reuniões nacionais de 2019 e 2021. Dentre as publicações encontradas, observei a aparição de um total 81 resumos, sendo 30 em 2019 e 51 em 2021. Nos 81 textos pude encontrar aproximações temáticas que me permitiram enumerar as trinta e duas (32) categorias temáticas: ação afirmativa; branquitude; ciberativismo negro; cultura digital; currículo; docência do Ensino Superior; Educação Escolar Indígena; Educação Escolar Quilombola; Educação de Terreiro; Educação do Sentir; Educação Intercultural; Educação Libertadora; Educação Não-escolar; equidade escolar; Ensino de História; ensino laico; feminismo negro; formação docente; gestão escolar; heteroidentificação; intelectualidade negra; juventude; letramento racial; linguagem e etnia indígena; literatura africana e afro-brasileira; minicurso; política educacional; política

de permanência; prática docente; produção bibliográfica acadêmica; projeto de extensão; Quilombismo, onde a quantidade de marcadores nominais superam o número de resumos, pois alguns autores apresentaram mais de uma categoria em suas exposições.

O quadro 1 apresenta as terminologias com breve descrição do que cada uma delas pretende explorar. Vale ressaltar que ao abordar política educacional não trato da ERER, uma vez que todos os trabalhos estão inseridos neste contexto. Ao atrelar o termo política educacional, aciono a apresentação de desdobramentos trazidos nos resumos partir da educação antirracista na perspectiva das leis 10.639/2003 e 11.645/2011.

QUADRO 1 — CATEGORIAS NA ERER - RESUMOS ANPEDS NACIONAIS - 2019/2021.

CATEGORIAS	JUSTIFICATIVAS	APARECEM:
1) Ação Afirmativa	Políticas de ações afirmativas diversas	08
2) Branquitude	Uso do termo por autores	01
3) Ciberativismo Negro	Uso do termo por autores	01
4) Cultura Digital	Uso do termo por autores	01
5) Currículo	Abordagens curriculares diversas (docentes e discentes)	18
6) Docência E. Superior	Estudos sobre docentes universitários	03
7) Educação E. Indígena	Política e implementação de cunho étnico	03
8) Ed. E. Quilombola	Política e implementação de cunho étnico	13
9) Educação de Terreiro	Uso do termo por autores	02
10) Educação do Sentir	Uso do termo por autores	01
11) Educação Intercultural	Uso do termo por autores	04
12) Educação Libertadora	Uso do termo por autores	01
13) Educação Não-escolar	Estudos feitos fora do escopo escolar	05
14) Equidade Escolar	Uso do termo por autores ou aproximado	02
15) Ensino de História	Uso do termo por autores	01
16) Ensino Laico	Uso do termo por autores / recorte religioso	02
17) Feminismo Negro	Uso do termo por autores / recorte de gênero	06
18) Formação Docente	Formação acadêmica e escola básica	10
19) Gestão Escolar	Gestão na escola em suas múltiplas facetas e inserções	02
20) Heteroidentificação	Autodeclaração - cota e pesquisa de identificação	02
21) Intelectualidade Negra	Trajetórias e compilações de estudos	06
22) Juventude	Recorte de efeitos na juventude	02

23) Letramento Racial	Uso do termo por autores	01
24) Ling. e Etnia Indígena	Estudo de línguas indígenas	01
25) Lit. A. e Afro-brasil.	Estudos literários diversos	09
26) Minicurso	Oferta de minicurso na área	01
27) Política Educacional	Políticas específicas a partir da EREER	06
28) P. de Permanência	Permanência de cotistas	01
29) Prática Docente	Práticas curriculares (formação e escola básica)	10
30) Prod. B. Acadêmica	Compilações de trabalhos	03
31) Projeto de Extensão	Atuação em projeto de extensão junto à comunidade	01
32) Quilombismo	Uso do termo por autores	01

Fonte: GT 21 - ANPEd Nacional / 2019 (Adaptado)

Já, a revisão bibliográfica por conveniência foi delineando as demandas por categorias marxianas e marxistas, apoiando as devidas argumentações sobre as consultorias antirracistas como nova sociabilidade do capital. Em conformidade ao escrito de Galvão e Ricarte (2019, p. 58) infracitado:

A revisão de conveniência é aquela na qual o pesquisador reúne e discorre sobre um conjunto de trabalhos científicos que julga importante para o tratamento de uma temática, mas não apresenta critérios explícitos sobre como a revisão foi construída para que possa ser reproduzida por outros pesquisadores. Esta modalidade de revisão pode ser empregada em diferentes situações: na introdução de um trabalho de conclusão de curso, de uma dissertação de mestrado ou de uma tese de doutorado, no editorial de um periódico, em um artigo de opinião, em um artigo com fins educacionais ou de divulgação científica. Porém, considerando a falta de explicitação de critérios em sua elaboração, essa modalidade de revisão de literatura possui baixo nível de evidência científica. Galvão e Ricarte (2020, p. 58)

O recorte destacado: “*Porém, considerando a falta de explicitação de critérios em sua elaboração, essa modalidade de revisão de literatura possui baixo nível de evidência científica.*” Galvão e Ricarte (2019, p. 58) é amenizado, pelo menos assim se pretende, pelas supracitadas justificativas de formação pessoal e docente no trilhar da pós-graduação em Educação. Isso não isenta o presente trabalho de possíveis falhas e ausências, contudo o insere nos desenvolvimentos epistemológicos, teóricos e analítico-interpretativos

prescritados no tempo-espaço da pós. De resto, os imperativos categóricos e os autores foram escolhidos na busca por um melhor arremate dos argumentos acerca do objeto. Estas procuras foram realizadas especificamente nas bases de dados da *Scielo* Brasil© e do *Google Acadêmico*©.

3.3 - ESTUDO DE CASO *CARREFOUR* COM ANÁLISE DE CONTEÚDO

Ao ansear por uma análise qualitativa de caráter exploratório-explicativa, procurarei aprofundar os aspectos trazidos por uma análise documental da empresa Carrefour, buscando construções contextuais que possuam correlações com os 18 (dezoito) termos extraídos: 1) Equidade; 2) Diversidade; 3) Inclusão; 4) Igualdade; 5) *Compliance*; 6) Consultoria; 7) Raça; 8) Etnia; 9) Racial; 10) Afro (prefixo); 11) Negro(a), 12) Preto(as); 13) Pardo(as); 14) Racismo; 15) Preconceito; 16) Discriminação; 17) Antirracismo e 18) Antirracista. O método enunciador será o de Estudo de Caso pautado pelos prescritos de Yin (2015), sendo:

O estudo de caso é uma investigação empírica que: investiga um fenômeno contemporâneo (o "caso") em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes. (Yin, 2015, p.17).

Na sequência, a análise de conteúdo dos dados nominais elencados será realizada com base no livro *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (1977). A análise interpretativa será esmeirada na busca por uma imbricação objeto-subjetiva provinda da inspiração textual subsequente:

O que é a análise de conteúdo actualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados [...]. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e ela fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. (BARDIN, 1977, p. 9).

Perseguindo a esteira crítico-marxista, o uso da Análise Crítica do Discurso (ACD), nas contribuições de Fairclough, ao explicitar: “*A ACD é [como] a análise das relações dialéticas entre semioses (inclusive a língua) e outros elementos das práticas sociais. Essa disciplina preocupa-se particularmente com as mudanças radicais na vida social contemporânea*” [...]. (Fairclough, 2012, p. 309, [grifo meu]), será fundamental para a compreensão discursivo-linguística dos textos escolhidos. Considerando o problema analisado - os produtos das consultorias antirracistas para o *Carrefour* - e os discursos implementados nestes materiais, a ACD tem como objetivo encaminhar os passos descritos a seguir:

1. Dar ênfase em um problema social que tenha um aspecto semiótico.
2. Identificar obstáculos para que esse problema seja resolvido, pela análise:
 - a. Da rede de práticas no qual está inserido;
 - b. Das relações de semiose com outros elementos dentro das práticas particulares em questão;
 - c. Do discurso (a semiose em si):
 - i. Estrutura analítica: a ordem de discurso;
 - ii. Análise interacional;
 - iii. Análise interdiscursiva;
 - iv. Análise linguística e semiótica;
3. Considerar se a ordem social (a rede de práticas) em algum sentido é um problema ou não;
4. Identificar maneiras possíveis para superar os obstáculos;
5. Refletir criticamente sobre a análise (1-4). (Chouliaraki & Fairclough, 1999 *apud* Fairclough; De Melo, 2012, p. 311-312).

Brevemente, vale ressaltar, do texto supracitado, que identificado o problema do racismo como fundante nas constituições de desigualdade material do modo econômico capitalista, as consultorias antirracistas por si só não seriam capazes de dar conta da herança formativa racista nacional, precisando formular justificativas contraditórias ao cenário de vulnerabilidades socioeconômicas afrodescendentes. Como não será possível um levantamento estatístico dos dados sociorraciais, pautarei as justificações na análise sócio-histórico desenvolvida no item 1.3, objetivando eliminar inconsistências explicativas ao fenômeno devido a falta do estudo quantitativo. Partindo das escolhas lexicais e dos seus sentidos em aportes críticos, a escrita incorporará meandros entre denúncias e anúncios que permitam elaborações de práxis mais efetivas para nossa realidade racial.

O *Carrefour* configura ampla rede de comércio varejista e de serviços *e-commerce* na atualidade. Em 2023, o site do conglomerado empresarial diz que:

O Grupo Carrefour Brasil chegou há 47 anos na cidade de São Paulo, vindo a se tornar em 2022 o maior grupo varejista do País, com mais de 1.200 lojas espalhadas por todos os estados brasileiros. Somos a maior empresa empregadora privada do Brasil. A diversidade da nossa força de trabalho nos torna um retrato da sociedade brasileira: 59,1% de pessoas negras atuam no Grupo, sendo 42,4% dos nossos colaboradores pessoas negras que ocupam posições de gerência ou posições superiores. Nossa liderança é composta por 24,1% de pessoas negras em posições executivas e 35% de mulheres em posições de gerência ou mais. (Carrefour, s.d, s.p.).

A coleta do material foi realizada de março de 2023 até janeiro de 2024, entre os documentos da empresa e das publicações correlatas ao tema abordado em centralidades: as consultorias antirracistas, sendo pesquisadas no buscador *Google*®. A aquisição dos quatro Relatórios Anuais de Sustentabilidade: ano 2019 (antes do Caso Beto); 2020 (ano do Caso Beto); ano 2021 e ano 2022 (após o Caso Beto) foi feita por acesso ao site principal do grupo *Carrefour*. Após uma leitura de reportagens e dos documentos mencionados, pude extrair os principais termos maximizadores das análises pretendidas sobre as consultorias em suas abordagens racializadas, apesar de encontrar alguns outros que fossem profícuos, como por exemplo ação afirmativa, sustentabilidade, etc. Os marcadores/descriptores nominais foram encontrados com auxílio do *software Microsoft Edge*® com uso da ferramenta localização (pesquisar ou lupa). Na confecção dos gráficos e da maior parte das imagens, usufrui da aplicação digital *Canva*®.

A pesquisa se encaminhará por análise quanti-qualitativa. Os dados gerados serão inseridos em quadros e descrições específicas, atribuindo significâncias a partir da:

- a) Quantidade total dos termos por relatório, comparativamente;
- b) Confecção de quadros e gráficos para cada termo por ano, contendo as divisões em coluna (quantidade, contexto da palavra, local no texto, abordagem temática - ampla, racial, outros temas - e página de localização do termo);
- c) Realização comparativa de quantidades isoladas dos termos por ano;
- d) Quadro com posicionamentos presentes nas mensagens dos presidentes da empresa por ano e palavras ditas;

e) Descrição das peculiaridades sobre as questões antirracistas e de consultorias por ano;

f) Inserção de relatos, acordos (MP-RS) e reportagens que possam direcionar o estudo no transcorrer do período 2019-2022.

A organização dos dados foi feita em documentos da ferramenta Word, inicialmente, de maneira bruta. Estes foram compilados por trechos parciais ou integrais dos relatórios, além de esquematizados por condensamentos temáticos. Posteriormente, os dados foram organizados em quadros e gráficos. Os títulos/subtítulos, sumários e dados/frases em destaque foram colocados na íntegra. Para fins de proteção dos dados e esforço laborial, eu produzi cópias de segurança dos arquivos em repositórios variados: notebook, Google Drive© e *WhatsApp*©.

Após a elaboração do pedaço 4 (Resultantes Analíticas), o item Colagem Teórico-prática encerrará a discussão, trazendo um amarrado, construído processualmente, entre a formação social brasileira e a desembocadura antirracista das relações de trabalho na contemporaneidade.



Fig. 9 - Pelo menos a gente tem liberdade, né?

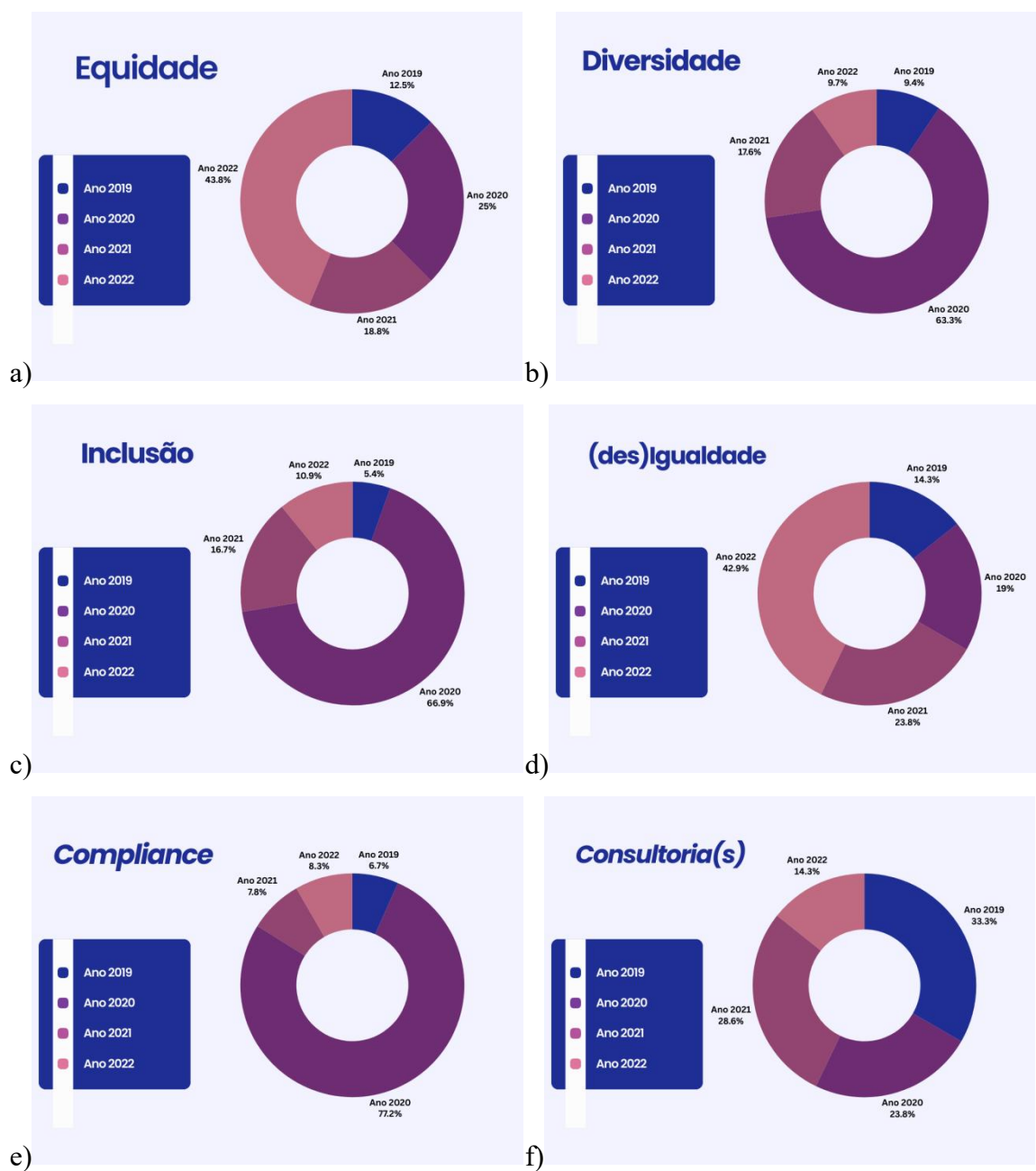
4 - RESULTANTES ANALÍTICAS

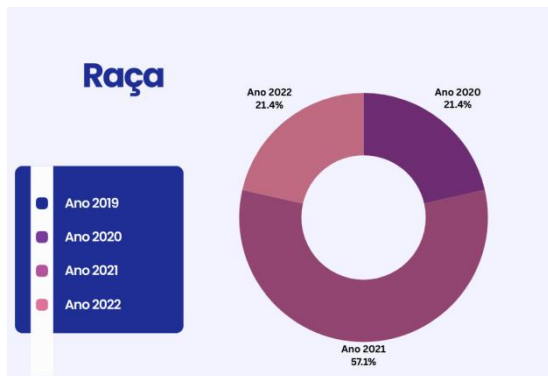
A análise de conteúdo do conglomerado empresarial *Carrefour* será feita prioritariamente com base nos relatórios anuais de sustentabilidade (2019, 2020, 2021 e 2022) coletados no site da empresa. Alguns outros documentos como sites, reportagens e o termo de ajuste com o Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul - MP-RS - serviram de apoio e de comprovações para o estudo empreendido. A temática racial centraliza os esforços e as abordagens, compilando os aportes empresariais antes, durante e depois das repercussões do caso do sr. João Alberto. Ao longo do texto e das explicações citarei o triste episódio como *caso Beto*. Ao deduzir uma diferença de comportamento do grupo perante a temática da diversidade e do racismo, apresento 18 (dezoito) termos. Estes vocábulos, depois da leitura dos documentos, mostraram-se adequados às apreensões analíticas pretendidas (quadro 2).

QUADRO 2 — CONSTANDO AS QUANTIDADES DE PALAVRAS/ANO E RELATÓRIOS.

Palavras destacadas	Ano 2019	Ano 2020	Ano 2021	Ano 2022
1 - Equidade	2	4	3	7
2 - Diversidade	25	67 (169) *	47	26
3 - Inclusão	14	52 (172) *	43	28
4 - (des)Igualdade	3	4	5	9
5 - Compliance	12	20 (139) *	14	15
6 - Consultoria(s)	7	5	6	3
7 - Raça	0	3	8	3
8 - Etnia(s)	0	3	1	3
9 - Racial	2	9	6	8
10 - Afro (prefixo):	1	1	9	3
11 - Negro(a)	3	36	31	41
12 - Preto(as)	4	2	3	2
13 - Pardo(as)	1	0	2	1
14 - Racismo	1	24	25	13
15 - Preconceito	0	6	1	1
16 - (anti)Discriminação	2	19	15	16
17 - Antirracismo	0	0	2	0
18 - Antirracista(s)	0	9	4	10
Total por ano:	77	264 (605)*	225	189

Adaptado: Relatórios de 2019/ 2020, 2021 e 2022. * número de vezes onde a palavra repetira-se em cabeçalhos no ano de 2020.

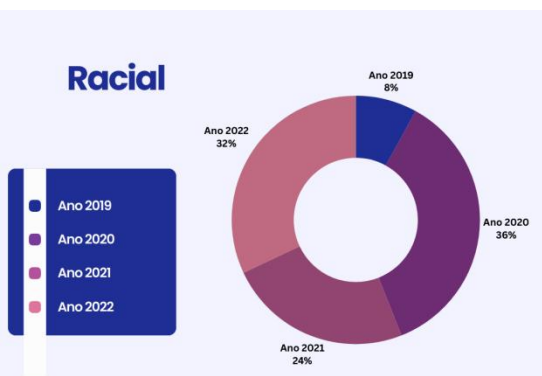




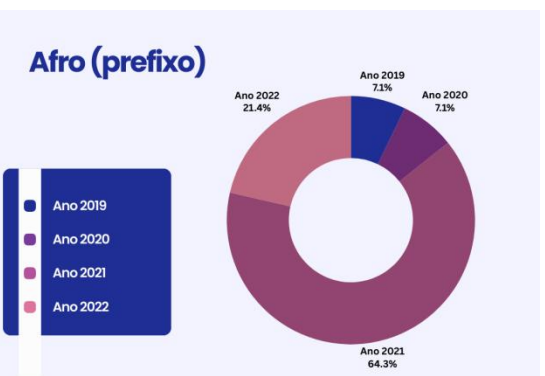
g)



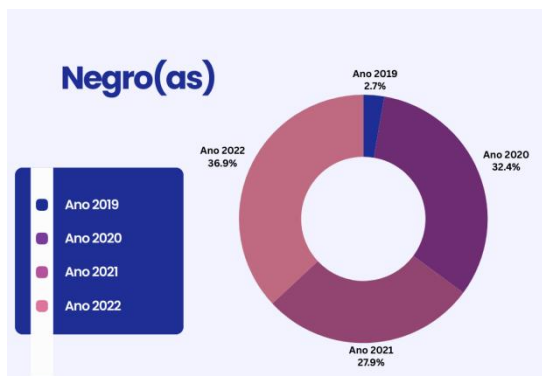
h)



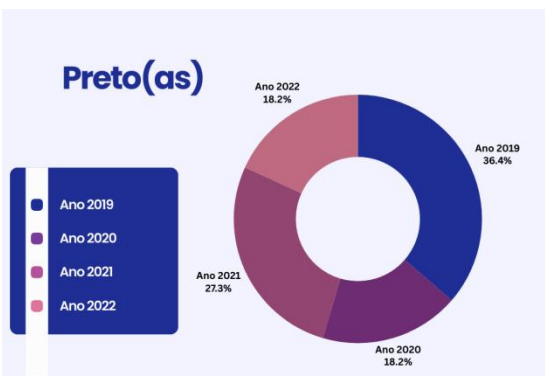
i)



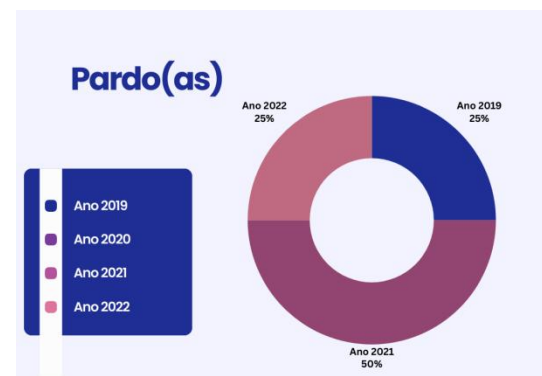
j)



k)



l)



m)



n)

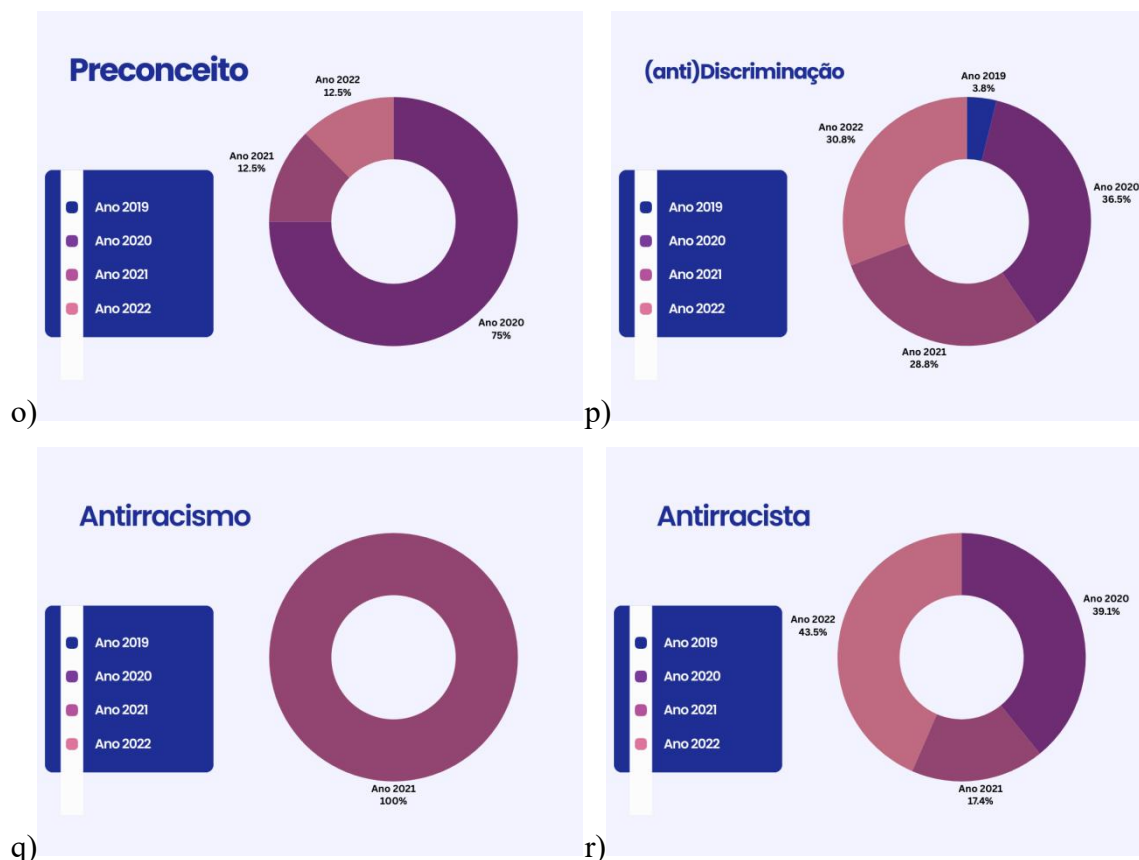


Fig. 10 - Gráficos: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r: com as porcentagens (quantidades) das palavras nos anos de 2019, 2020, 2021 e 2022.

QUADRO 3 — AS QUANTIDADES EM % DAS PALAVRAS/ANO.

Palavras destacadas	Ano 2019 (%)	Ano 2020 (%)	Ano 2021 (%)	Ano 2022 (%)
1 - Equidade	12,5	25	18,8	43,8
2 - Diversidade	9,4	63,3	17,6	9,7
3 - Inclusão	5,4	66,9	16,7	10,9
4 - (des)Igualdade	14,3	19	23,8	42,9
5 - <i>Compliance</i>	6,7	77,2	7,8	8,3
6 - Consultoria(s)	33,3	23,8	28,6	14,3
7 - Raça	0	21,4	57,1	21,4
8 - Etnia(s)	0	42,9	14,3	42,9
9 - Racial	8	36	24	32
10 - Afro (prefixo):	7,1	7,1	64,3	21,4
11 - Negro(a)	2,7	32,4	27,9	36,9
12 - Preto(as)	36,4	18,2	27,3	18,2
13 - Pardo(as)	25	0	50	25
14 - Racismo	1,6	38,1	39,7	20,6
15 - Preconceito	0	75	12,5	12,5

16 - (anti)Discriminação	3,8	36,5	28,8	30,8
17 - Antirracismo	0	0	100	0
18 - Antirracista(s)	0	39,1	17,4	43,5
Total (%)	10,3	35,2	30	24,4

Adaptado: Relatórios de 2019, 2020, 2021 e 2022. * considerando todas as aparições do ano de 2020.

Desvio de 0,1 (+ ou -).

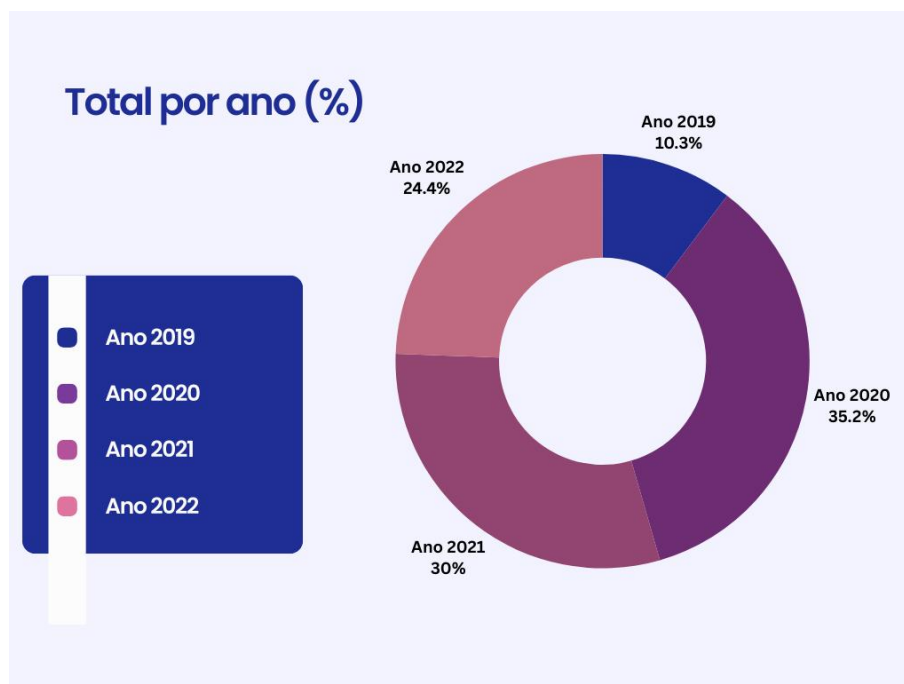


Fig. 11 - Gráficos: Porcentagem dos conjuntos lexicais por ano.

Em relação aos resultados obtidos, o ano de 2019 se mostrou o menos representativo quando a dominância lexical dos termos. As palavras consultoria(s) (33,3%) e preto(a) (36,4%) foram mais representativas, contudo possuíam poucas vinculações à temática racial em seus contextos. Na fase subsequente, mostrarei, de acordo com critérios classificatórios, quais anos tiveram mais abordagens amplas, raciais ou sobre outros temas. A palavra preto não tem muita significância e apresenta outros usos nos anos 2019/2020 (acessório e nome de cidade), assim como o vocábulo consultoria(s) tem utilizações amplas ou descritivas. A consultoria especializada contratada pela transnacional é denominada nos textos como *comitê externo*.

As terminologias diversidade (63,3%), inclusão (66,9%), compliance(77,2%), etnia(s) (42,9), racial (36%), preconceito (75%) e discriminação (36,5%), comparativamente, foram mais usadas no ano de 2020. Tratando-se do ano do caso Beto,

fica evidenciada uma tentativa da empresa em posicionar-se, após contratação de consultoria especializada (comitê), elaborando uma construção semântica que corrobora o rechaço ao fato ocorrido, a atenção organizativa para tal ocorrência e compreensão sobre as questões raciais perpassantes do fato. Neste ano, o conjunto lexical extraído foi predominante em relação aos anos estudado. Já em 2021, dominam as palavras raça (57,1%), afro(prefixo) (64,3%), pardo(as) (50%), racismo (39,7%) e antirracismo (100%). Isto demonstra a aproximação do *Carrefour* a cerca do racismo enquanto condição socioeconômica estrutural, onde a compreensão dos atravessamentos de raça e do racismo são observados, e ainda tratados por uma política denominada “Tolerância Zero”. Nesta esteira, alguns projetos, parcerias e ações antirracistas foram elaborados e/ou implementados, priorizando a equalização de negros em cargos estratégicos e em espaços de lideranças, conforme parâmetros sociais quantitativos do IBGE para mensurar a proporcionalidade.

Por último, os vocábulos equidade (43,8%), igualdade (combate à desigualdade) (42,9%), etnia (42,9%), assim como em 2020, negro(as) (36,9%) e antirracista(s) (43,5%) se destacam em 2022. O discurso, ainda condizente com as herdas do lamentável fato histórico, se direciona por um caminho de demonstração das ações, das parcerias, dos treinamentos e dos arranjos político-organizativos firmados ao longo dos últimos dois anos, juntamente com os meios de denúncias, a mudança do modelo de segurança e fiscalização. No presente ano, a empresa já havia realizado inúmeras práticas antirracistas entre seus colaboradores, parceiros e sociedade civil. Em 2021, um acordo foi realizado pelo *Carrefour* a partir do ajuizamento do MP-RS, como descrito abaixo:

Dentro dos limites e parâmetros estabelecidos neste Termo, o CARREFOUR compromete-se a estabelecer um Plano Antirracista, inclusive em reforço e ampliação de sua política de enfrentamento ao racismo, à discriminação e à violência, bem como de promoção dos direitos humanos em todos os seus estabelecimentos em território nacional, por meio das medidas estabelecidas neste Termo[...]. (MPF-RS, 2021, p. 10).

Os relatórios disponíveis no site da companhia tem um caráter informativo para que todo o seu ecossistema social possa acessá-los. Ao generalizar os aportes dos dados quantitativos e qualitativos nesta pesquisa, é nítido o impacto que o caso Beto teve nos

posicionamentos empresariais e os novos cursos prático-discursivos que ela precisou assumir. Os vocábulos raça, etnia, antirracismo, antirracista e preconceito não foram mencionados no ano de 2019.

De 2019 para 2022, observa-se uma grande mudança no conjunto lexical usado na elaboração dos relatórios públicos para acionistas, colaboradores, parceiros, fornecedores, etc. Tal análise se apresenta pelas categorias de abordagens temáticas por exposição ou por intenção. Explicito a seguir as devidas explicações de cada classificação:

- Por exposição nos textos:

- ✓ **Índice / sumário / título/subtítulo:** palavra aparece em títulos ou subtítulos, nos índices ou sumários em destaque;
- ✓ **Composição textual:** palavra aparece no corpo do texto;
- ✓ **Descrição de gráfico / descrição de tabela:** o termo localiza-se em gráfico ou tabelas;
- ✓ **Créditos:** o vocábulo aparece nos créditos;
- ✓ **Cabeçalho de página:** surge no topo das páginas para demonstrar sequência temática;
- ✓ **Histórico:** datas e gráficos dos marcos históricos da empresa sobre os temas destacados;
- ✓ **Colaborador(a) - interno ou externo:** textos produzidos com apoio de colaboradores internos ou externos;
- ✓ **Dado/frase em destaque:** dados ou frases em destaque no corpo do relatório ou de algum colaborador, expondo sua opinião/ seu posicionamento mediante o uso dos termos.

- Por intenção nos textos:

- ✓ **Ampla:** palavras que possam contemplar amplo espectro racial de forma interseccionalizada;
- ✓ **Racial:** termos que possam contemplar ou contextualizar o tema racial especificamente;
- ✓ **Outro tema:** usos vocabulares que explicitem outros temas além dos supracitados.

QUADRO 4 — Nº DE CLASSIFICAÇÃO POR EXPOSIÇÃO NOS TEXTOS.

Por exposição	Ano 2019	Ano 2020	Ano 2021	Ano 2022
1 - índice / sumário / título/subtítulo	19	42	19	25
2 - composição textual	54	190	167	128
3 - descrição de gráfico / descrição de tabela	2	1	26	16
4 - créditos	1	1	1	1
5 - cabeçalho de página	0	13 (120)*	0	0
6 - histórico	0	11	4	0
7 - colaborador(a)	0	14	0	10
8 - dado/frase em destaque	1	10	8	9

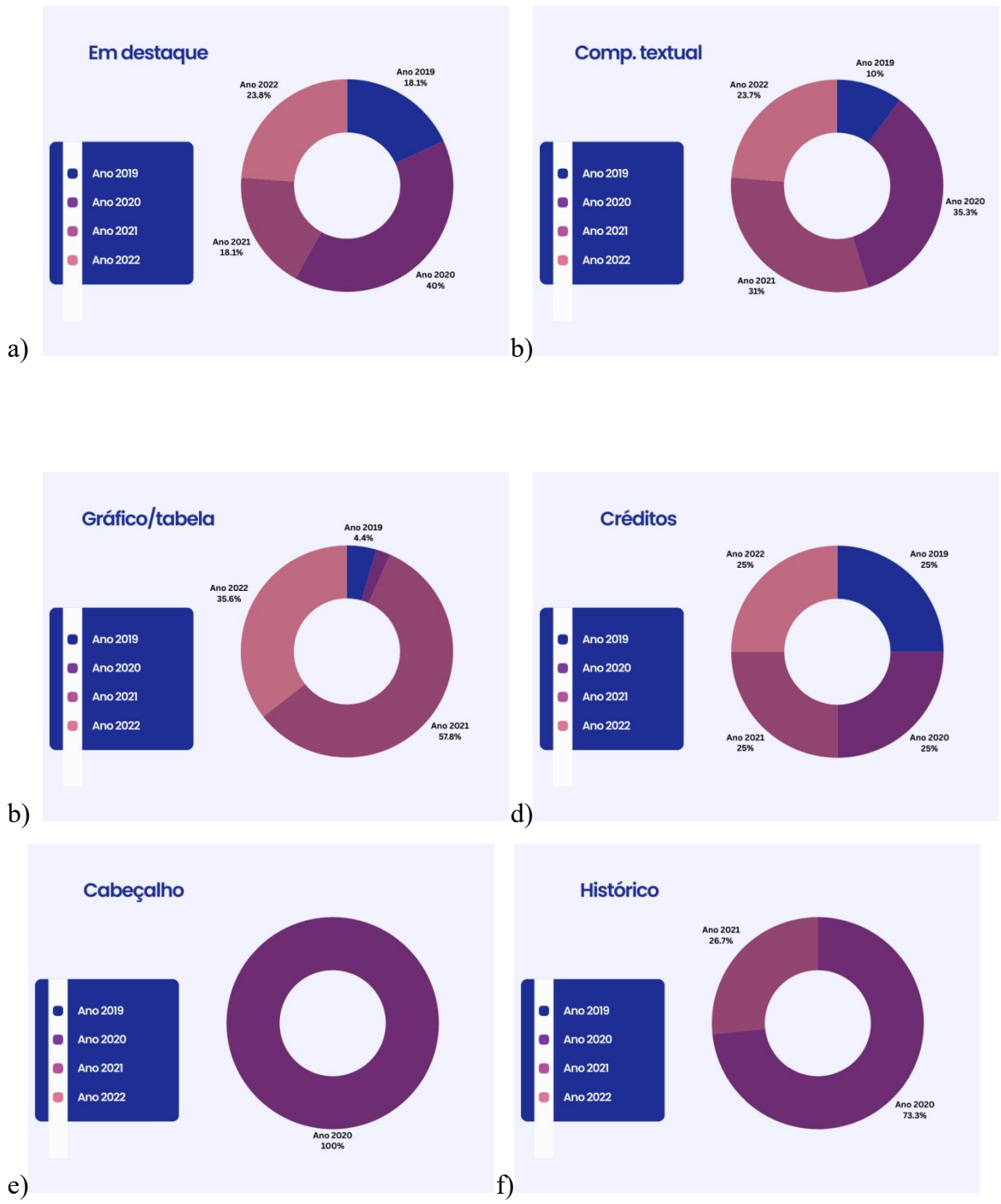
*Adaptado: relatórios anuais de sustentabilidade 2019, 2020, 2021 e 2022. * as repetições do termo gente, diversidade e inclusão.*

QUADRO 5 — % DE CLASSIFICAÇÃO POR EXPOSIÇÃO NOS TEXTOS.

Por exposição	Ano 2019 (%)	Ano 2020 (%)	Ano 2021 (%)	Ano 2022 (%)
1 - índice / sumário / título/subtítulo	18,1	40	18,1	23,8
2 - composição textual	10	35,3	31	23,7
3 - descrição de gráfico / descrição de tabela	4,4	2,2	57,8	35,6
4 - créditos	25	25	25	25
5 - cabeçalho de página	0	100	0	0
6 - histórico	0	73,3	26,7	0
7 - colaborador(a)	0	58,3	0	41,7
8 - dado/frase em destaque	3,6	35,7	28,6	32,1

*Adaptado: Relatórios de 2019, 2020, 2021 e 2022. * considerando todas as aparições do ano de 2020.*

Desvio de 0,1 (+ ou -).



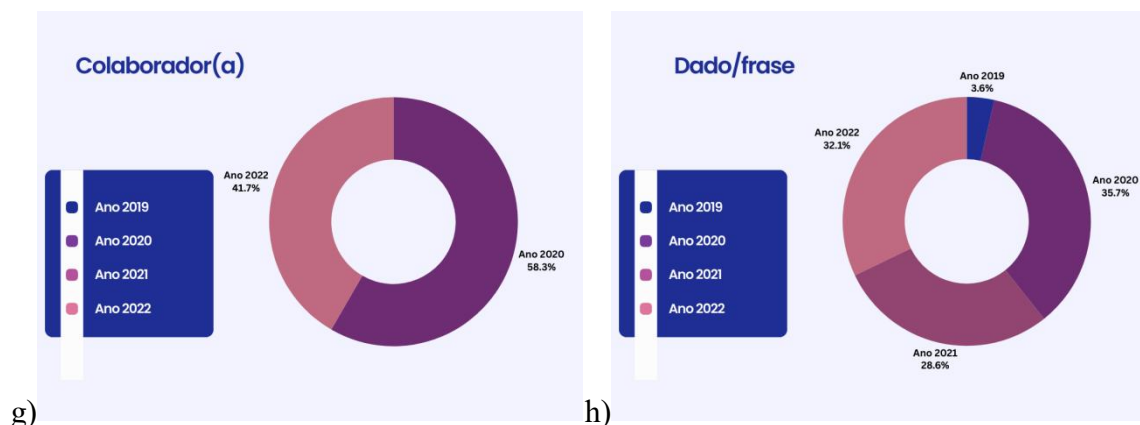


Fig. 12 - Gráficos: a, b, c, d, e, f, g, h: com as porcentagens de categorias por exposição - 2019, 2020, 2021 e 2022.

A prevalência dos dados por exposição corrobora uma maior inserção dos conjuntos lexicais no relatório de 2020, estando 7 deles quantitativamente mais representados entre as 8 categorias destacadas. No ano de 2021, após o caso, o compromisso público, o acordo com o MP-RS e a aparição mais acentuada de descrições de tabelas e de gráficos (57,8%) é justificada pela necessidade de prestação de contas sobre as ações e as políticas organizativas assumidas pelo conglomerado empresarial no tangente das questões raciais. O item cabeçalho salta os olhos no ano de 2020, sendo as palavras gente, diversidade e inclusão repetidas inúmeras vezes, fixando o ideário de comprometimento ao eixo temático, assim como a outros temas de importância administrativa e financeira. A partir de 2020, ocorre a intensificação dos vocábulos em praticamente todas as categorias enunciadas.

Dentre todos os termos (Quadro 6), cito abaixo as quantidades de vocábulos por abordagens, considerando os quatro relatórios obtidos:

QUADRO 6 — N° DE CLASSIFICAÇÃO POR INTENÇÃO DOS TERMOS NOS TEXTOS.

Por intenção	Ano 2019	Ano 2020	Ano 2021	Ano 2022
1 - Ampla	57	132	94	78
2 - Racial	12	122	123	103
3 - Outro tema	8	10	8	8

Adaptado: Relatórios Anuais de Sustentabilidade de 2019, 2020, 2021 e 2022.

QUADRO 7 — % POR INTENÇÃO DOS TERMOS NOS TEXTOS.

Por intenção	Ano 2019 (%)	Ano 2020 (%)	Ano 2021 (%)	Ano 2022 (%)
1 - Ampla	15,8	36,6	26	21,6
2 - Racial	3,3	33,9	34,2	28,6
3 - Outro tema	23,5	29,4	23,5	23,5

Adaptado: Relatórios Anuais de Sustentabilidade de 2019, 2020, 2021 e 2022.

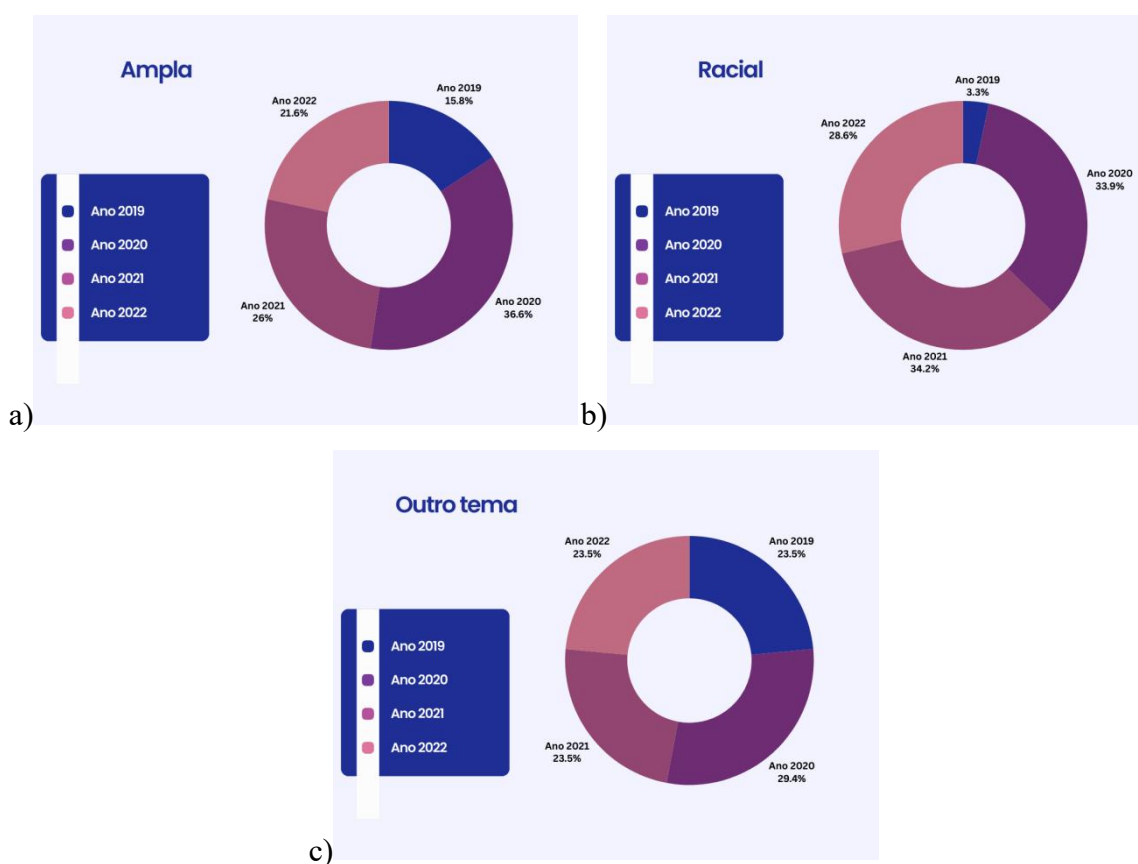


Fig. 13 - Gráficos: com as porcentagens de categorias por intenção - 2019, 2020, 2021 e 2022. Desvio de 0,1% (+ou-).

A classificação da categoria “Outro tema” não será analisada, constando apenas para assegurar as quantificações terminológicas gerais. Ao comparar, quantitativamente, os anos estudados entre os arranjos amplos e raciais, observo que em 2019 a abordagem ampla se sobrepõe à racial. Em 2020, a ampla ainda é superior, contudo se aproxima mais de uma abordagem racial. Precisamos lembrar que fora o ano de ocorrência do incidente. No ano de 2021 e 2022, a classificação racial supera o espectro analítico amplo, porém não tem grande diferença significativa. A inferência sobre tais dados parte das observâncias

relatoriais e, ainda, do próprio comportamento empresarial após a fatalidade de 2020. A menor ocorrência do tema racial no ano de 2019 é o ponto nevrálgico para as apreensões subsequentes sobre as elaborações sobre os departamentos de diversidade. A diversidade, como é perceptível, é tema que tem seus aportes pelos movimentos sociais nacionais e internacionais, ao atravessar as relações laborais na empresa. Porém, lavando a diversidade ou tratando os problemas pelas raízes?

Objetivando findar as construções argumentativas, extraio o posicionamento dos dois presidentes do conglomerado, mostrando o reflexo das políticas antirracistas nas cartas destes ao ecossistema empresarial. O presidente 1 dirige a empresa de 2019 a 2020 e o presidente 2 de 2021 a 2022.

QUADRO 8 — Nº DE USOS DE TERMOS DESTACADOS PELOS PRESIDENTES (1 E 2) DA EMPRESA.

Por intenção	Ano 2019	Ano 2020	Ano 2021	Ano 2022
1 - Presidentes	0	2	18	9

QUADRO 9 — % DE USOS DE TERMOS DESTACADOS PELOS PRESIDENTES (1 E 2) DA EMPRESA.

Por intenção	Ano 2019 (%)	Ano 2020 (%)	Ano 2021 (%)	Ano 2022 (%)
1 - Presidentes	0	6,9	62,1	31

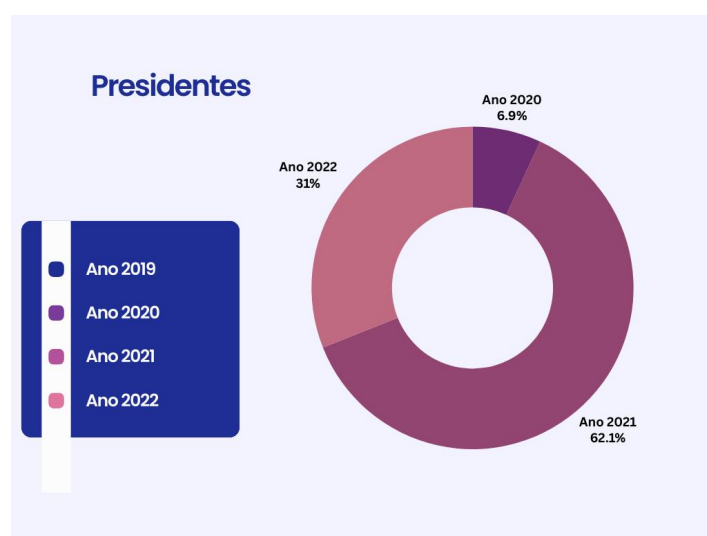


Fig. 14 - Gráficos: com as porcentagens das menções dos presidentes pelo uso dos termos - 2019, 2020, 2021 e 2022. Desvio de 0,1% (+ou-).

É possível, doravante as resultantes analíticas, observar que os presidentes, enquanto representações máximas do Grupo *Carrefour*, precisaram adequar seus discursos de acordo com os contextos amplos sobre diversidade e, também, a acerca das temáticas raciais nas mensagens dos anos de 2020, 2021 e 2022. O ano de 2019 não apresenta menções referentes aos termos selecionados. Das duas vezes nas quais as abordagens (ampla/racial) são acionadas em 2020, fala-se uma vez de racialidade e uma de outro tema. Na escrita de 2021 ocorrem 18 menções, sendo destas 11 (onze) raciais e 7 (sete) amplas. Em 2022, o presidente mencionou as questões raciais 5 vezes e as amplas 4 vezes.

No ano de 2023, infracito duas reportagens que me permite dimensionar o momento do *Carrefour* doravante as denúncias da Educafro e da deputada federal Erika Hilton, respectivamente:

Duas entidades antirracistas protocolaram uma nova ação civil pública contra a rede de mercados Carrefour por conta de dois novos casos de racismo ocorridos na semana passada [março, 2023]. A ação foi protocolada pela Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (Educafro) e pelo Centro Santos Dias de Direitos Humanos. Na última sexta-feira (7), o advogado negro Vinícius de Paula, marido da jogadora de vôlei Fabiana Claudino, acusou a empresa de racismo após uma atendente se recusar a atendê-lo em uma unidade do mercado em Alphaville, São Paulo. Dois dias depois, a professora Isabel Oliveira afirmou que foi perseguida por um segurança enquanto fazia compras em uma unidade do Atacadão, pertencente ao grupo, em Curitiba. Em protesto, ela ficou seminua e escreveu no corpo a pergunta “sou uma ameaça?”. As imagens do protesto viralizaram nas redes sociais. (Congresso em Foco, 2023, s.p., [grifo meu]).

Diante das circunstâncias narradas neste Ofício, considerando o quanto disposto na cláusula 6º do TAC, que trata do cumprimento das obrigações do termo, solicita-se a imediata notificação das empresas da Rede Carrefour sobre o descumprimento, com indicação precisa da obrigação descumprida, para que, no prazo de 15 dias úteis, preste informações sobre as ocorrências recentes de discriminação racial praticadas nas instalações das empresas, bem como para aditar o referido termo, de modo a incluir novas reparações a serem assumidas pela empresa em prol das vítimas das situações recentes aqui noticiadas. (Erika Hilton, 2023, p. 8).

Percebe? E, o que será que ainda acontece em empresas que não estão visibilizadas nos seus racismos de cada dia? Os documentos produzidos e colocados no hotsite “Nós Não Esqueceremos” (sobre o caso Beto) são bonitos, retóricos, com informações extremamente relevantes. Porém, a pergunta que fica é: qual é o poder socioformativo destas ações? Como elas podem ser pensadas para a efetiva mudança das relações sociorracias brasileiras mediante contradição intransponível dos contextos desiguais preestabelecidos pelo (neo)liberalismo? Sem respostas, me recorde de escrita (ruim, mas esclarecedora) sobre os sentimentos que já me atravessavam em 2020:

“Política abismal”

*Ditadura é medida taxativa
A democracia (?) tende ao consensual
A primeira baseada na mentira
A segunda no debate proximal*

*Desenvolvem-se subidas e descidas
Num eterno dançar de posições
Ditadura em ações nada comedidas
Seu temor, as democráticas eleições (?)*

*Nebulosa cortina de fumaça
Mente sã, involui ao terraplanismo
Velha política desacoberta sua cara
Nossa nação mergulhara no abismo*

*Clama o povo fervoroso: “Dei-nos pão!”
E as migalhas dos brioques? Temos não...
Liberdade, fraternidade e igualdade
Dirimidas em barris de ambição*

*Desse cárcere da alma me afasto
Mas o órgão ruidoso me enfraquece
Ou me deleito com o tal capitalismo
Ou espero as poucas sobras da quemercê*

*Recebida gentil carta de outrem
Duvida mente e descompassa coração
A nobre nota supracita e me convém
No pensamento só me vem: REVOLUÇÃO!*

(antes era EDUCAÇÃO!)

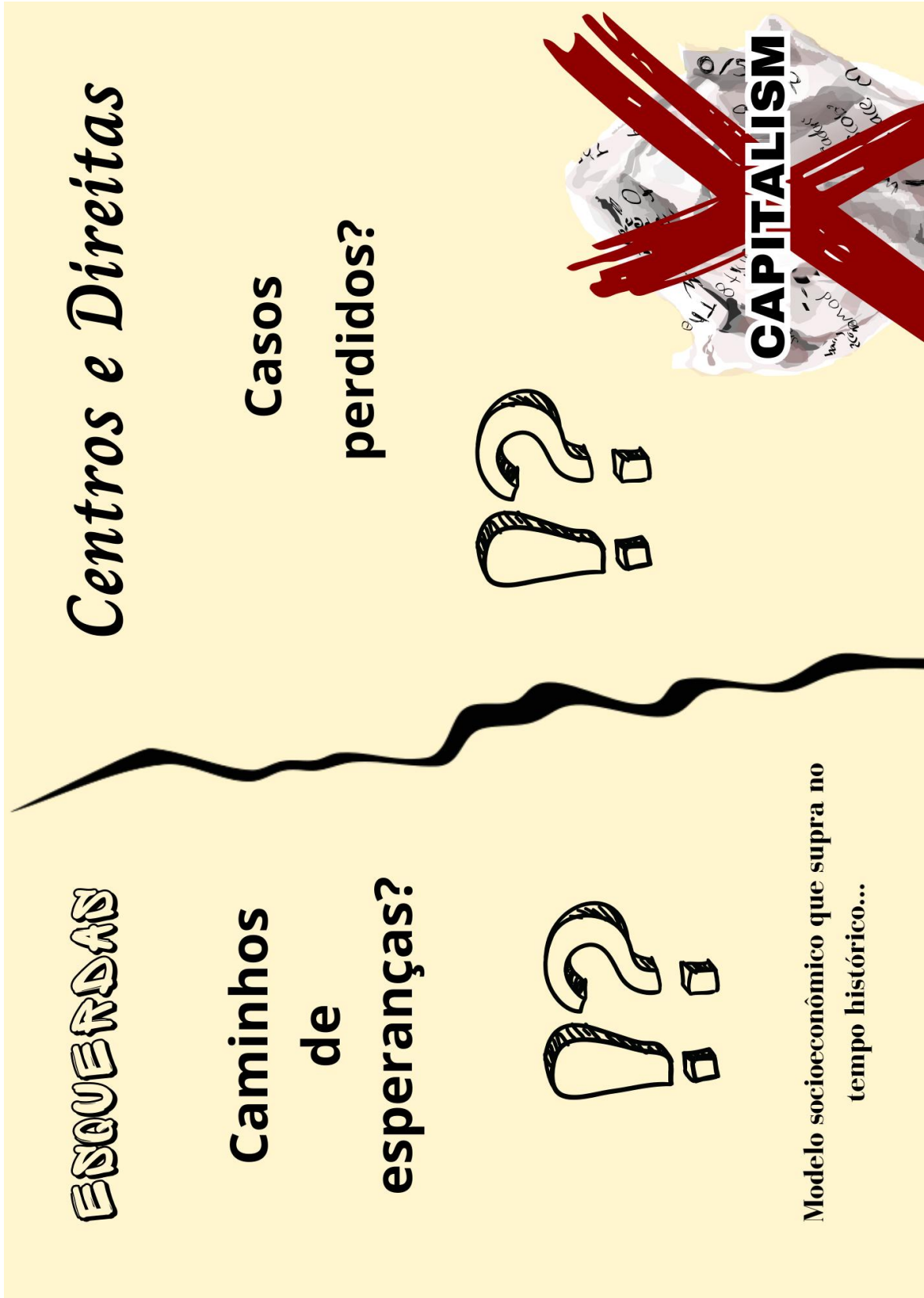


Fig. 15 - “Eu, por exemplo, entre direita e esquerda, continuo sendo preta.” (Sueli Carneiro).

COLAGEM TEÓRICO-PRÁTICA

Algo acontecera. Aqui não me atentarei na escrita metódica de como possíveis teorias da evolução e a correlação entre espécimes humanos possa ter ocorrido. Farei uso de evidência biológica que nos aproxima como raça unívoca: a base mitocondrial ancestral. Uma única origem, um despertar cognitivo que nos amedronta e nos concede lugares sócio-historicamente fabricados, justificando-os em atrocidades sem limites. Atrocidades estas que poderiam chocar o mais voraz dos animais selvagens sem consciências intelectivas. No final das contas, nosso medo ancestral, mediante a compreensão paulatinamente percebida, nossa fragilidade constitutiva, nos transformou no mais selvagem e cruel tipo biológico que já pisara neste planeta. O trabalho coletivo nos apresenta horizonte vantajoso. Agora, entendemos, minimamente, como as coisas se dão no campo da perpetuação da espécie e que estando em bando nossa garantia de viver se amplifica. A esperteza (ou cognição) é pulo evolutivo do *Sapiens sp*, assimilando ou eliminando a concorrência. A ferramenta penso, logo existo (Ah, esse Rousseau, que confusão!) passaria a ser a delícia e a dor desse grupo animal, ainda extremamente frágil. Sentamos, assentamos. A semente caiu no chão de terra boa e vislumbramos o cessar das longas caminhadas por abrigo, conforto térmico, alimentos, água abundante e cooperação social. Conhecer, adequar, modificar e sedentarizar. O território é passagem do desconhecido para a relativa tranquilidade de apreensão das características espaciais, temporais e espirituais. Os animais domesticáveis são as opções proteicas viáveis (e protetoras também). Há muito tempo, a opção era nos unirmos em bandos para abater as grandes caças, mas até estas no tempo se escassearam. O território cria o outro, a liderança inaugura as expulsões dos não quistos. A explosão demográfica cria aliados próximos, comunidades amigas onde o cerne comunitário se assemelha, contudo a direção-alfa coloca suas especificidades. O território e suas “lindas curvas recursivas” criam a rivalidade, a prioridade, o descarte do outro. Se tem de mais, que mal tem? Sem tem de menos, quem fica sem? E ainda, tem os expulsos, ressentidos, amargurados. Eles sentem que foram injustiçados. A caminhada para o desconhecido volta a ser realidade. Onde será que teremos conforto, recurso e tranquilidade? O bando, o coletivo, a sociedade. Em nenhum destes imensos tempos históricos, a socialização se desfaz. Ela é basilar à nossa existência. O corpo que gera percebera a fragilidade do prematuro corpo infante e a chama do cuidado se dá por sinapses confortadoras em relação a este serzinho. O meu. O até então meu. Meu

rebento, meu pedaço, meu bêbe. Coletivamente nosso. Isso por simples compreensão coletiva, por tempos divinizada, de que mantê-lo é continuidade. Mero instinto, nada mais do que instinto de perpetuação. E isso configura centelha ancestral de que os deuses nos abençoaram. Por vezes, nos amaldiçoaram e, mais recentemente, compreendemos que nossa fragilidade supera o medo de virar alimento para animal de grande porte. Um ser simplesmente microscópico é capaz de nos destituir de vida, em grandes contingentes numéricos. Mas até esta descoberta, os deuses deram o tom. A expansão cognitiva nos aproxima deles. Nos assemelha a eles. Os óvulos e os espermatozóides se encontram, desta vez, em perceptiva consciência de quem contribui com o que. Cerca-se a habilidade do corpo individual na cooperação coletiva. O útero virou propriedade garantidora de ocupação do território. Limita, restringe, tranca, tudo em prol da proteção do território. Aos grupos não afetados, condições específicas, muito específicas entoaram tal história. Não era interessante, era remoto, não tem nada demais lá para explorar. Irmãos (não espirituais) contra irmãos (geneticamente comprovado). A cerca, o recurso e os outros. A fronteira, as simbologias e os outros. Na subjetividade todos somos os outros, Na objetividade todos somos o ser. O símbolo pendurado no pescoço com pedaço de raiz resistente. É ferramenta tranquilizadora, arma pontiaguda, forma divinizada de proteção contra o que nos abateria perante às vistas. A arte que depois relembra, o totem. O sonho que assombra ou conforta. São muitos os despertares de consciência. Agonias, medos, incertezas, dúvidas, escolhas e, por fim e certo, a morte. Reflexão, filosofia, perguntas sem respostas. Medo da morte. Mas nós podemos superar a morte se lembrados, idolatrados, glorificados. Agora seremos deuses imortais. O no olimpo, no céu, no purgatório, no inferno, no nirvana. Nossa mente só precisa acreditar... De tudo ou de quase tudo isso (e mais um pouco que ainda não vi) se origina nossa atual necessidade de uma relação econômica para a imortalidade. O espaço finito, a competição arraigada, o temor da escassez, o abandono do(s) deus(es), o outro, o meu território, a minha propriedade. A sociabilidade burocratizada em falsa igualdade formal. Ao alfa, hoje chamado de liderança, fomos dando poderes. Os poderes, atualmente, são quantificados em bilhões de dólares. Já tivemos muitas outras formas históricas predominantes de imposição do poder (religiosa, militar, geográfica, etc.). Hoje são os bilhões de dólares. Será que caminhamos para os trilhões? Porque as pessoas são reais, as nações são meras ficções com nuances de realidade. Por hora, necessárias sim. Aos embolarmos o fio das vidas humanas historicamente, nos resta a cautela de um desemaranhar cuidadoso. Tentativas mal-acabadas nos deixam heranças que flertam com a

cautela. E, até então, entre teocentrismos, antropocentrismos, geocentrismos, naturalcentrismos... Muito beira o instinto, o falho instinto animal encaminhado pelo receio, o temor, o medo. O mais caricato “civilizado” é puro instinto direcionado pelo medo. O abandono tem dado o tom. A memória dos abandonos nos convoca a abandonar também. Precisamos voltar a confiar na nossa humanidade, na nossa comunidade ancestral. E, cognitivamente atentos, nos distanciar dos instintos enraizados em nossas constituições biopsicossociais, dando espaço para o usufruto da vida, com pequenas concessões de tempos para as necessidades laborais de nossos bandos. Ou deixemos que o meio ambiente reaja a nosso desenfreado instinto...

O texto acima tem a intenção de compilar aprendizados de múltiplas e esparsas fontes, de muitas áreas do conhecimento, isoladas ou em interação. No tangenciar de um contexto histórico como produtor de realidades fictícias, o gênero, na formulação do patriarcado, e a xenofobia, com diálogo conjunto à formulação sócio-histórica do racismo, são fundamentais para a construção dos argumentos que pautam o meu fazer pesquisador. Por uma questão de limite tempo-espacial, os aportes de gênero não foram abordados na pesquisa, crendo eu que tais acepções teóricas têm, em seus grupos de estudos e de pesquisas, sido encaminhadas para entender os mecanismos dialéticos vinculados a tais recortes analíticos. Na tentativa de compreender o fenômeno social intitulado de consultorias antirracistas, aproximei-me de intrínseca característica educativa formadora correlacionada ao objeto de estudo. A trajetória histórica da formação social brasileira, seus movimentos e profusas misturas constitutivas fazem emergir as categorias de raça e classe como centrais na elaboração argumentativa que apresentei. A raça negra, enquanto configuração social complexa, é o recorte pinçado. Todo o caminho analítico e interpretativo direcionou-me à categoria de sujeitos biopsicossociais como produtores de objetiva-subjetividades dentro do sistema capitalista.

O estudo quanti-qualitativo se encaminhou para fins de comprovação da superficialidade constitutiva das (assim chamadas) gestões para a diversidade nos grandes conglomerados empresariais, tendo em vista o fenômeno racial que perpassou, com efeito, as práticas laborais da empresa Carrefour. Em 24 de agosto de 2023, a jornalista Etiene Martins escreve o seguinte artigo no Jornal “O Estado de Minas”: Antirracistas profissionais. Dentre muitas exortações pertinentes, a escritora expõe: “ [...] *Esse selinho é*

comprado em formato de palestras, consultorias, parcerias com pessoas negras que se acham muito espertas por estarem dispostas a lucrarem com o racismo [...].” (Martins, 2023, s.p.). Diz tal trecho ao tratar sobre a profissionalização de pautas antirracistas e de que muitas vezes esta abordagem sobre às questões antirracistas negligenciam o passado dos movimentos negros brasileiros. Neste sentido, tal argumento e os dados coletados nos relatórios do empreendimento me possibilitam aproximação analítica às novas necessidades de sociabilidade dentro do modelo econômico capitalista. Antes, o que era tranquilamente evitado por discursos eugênicos e pseudocientíficos, é confrontado por desvelamentos militantes e intelectuais que não podem mais sofrer calados com o silenciamento. Ademais, comprovadamente, os resultados obtidos revelaram as diferenças nas tratativas sobre diversidade (negra) antes, no ano e depois do Caso João Alberto.

Na busca por maior inserção e aprofundamento na temática, a pesquisa seria mais rica e completa com estudos pautados em entrevistas e/ou questionários juntamente aos consultores e empresas de consultorias para a diversidade. No entanto, a escolha por uma análise documental mostrou-se profícua na construção explicativa do fenômeno e das suas nuances de nascimento em dado tempo histórico. Quem sabe... alguém na alma com as entrevistas em uma próxima pesquisa? Assim, com os árduos, pontuais, porém capilarizados, e desveladores estudos sobre as teorias marxianas e marxistas foram centrais na elaboração deste trabalho. O desenrolar pesquisador se fez partindo da categoria de totalidade marxiana, onde a percepção do objeto (as consultorias antirracistas) afetado pelos sujeitos sócio-históricos é concebida em completude. Não tinha como pensar objetividade e subjetividade separadamente.

Então, para entender as consultorias, era necessário entender a formação social brasileira e a sua secular constituição econômica escravista. Inicialmente, acreditei que a Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER) seria capaz de criar um elo entre o fato estudado e os aportes educacionais enquanto ferramentas de disputa ideológica pelas mentes nacionais neste pós-abolição (ainda inacabada). Mas, como já supradito, entender a ERER, a intenção de contribuição educativa horizontalizada em aportes socioculturais e as suas possibilidades institucionais foi de encontro à realidade. Conceber uma ERER em terrenos capitalistas é negar seu cerne de desigualdade. Isto, por si só, seria suficiente para fazer uma revolução. Se todos são efetivamente iguais e diversos, as teorias de exploração

e desqualificação dos corpos encontraria o fracasso por descrença. Contudo, fiquemos calmos e serenos, pois o NEM (Novo Ensino Médio), a BNC-Formação e a BNCC estão com fortes ventos em popa, movendo-nos para uma longa vida de educação (neo)liberal promotora e incentivadora do cultivo de alecrins dourados.

Em contraponto ao não ensinado nos assentos escolares quanto a formação social brasileira, numa dada importância equânime entre as influências culturais negras e indígenas, juntamente às brancas, as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 atingem, conforme explicitado pelo professor Amauri Mendes (inédito, 2023), o teto institucional, estando a sua inefetividade vinculada à permanência da força ideológica das raízes escravocratas. As consultorias antirracistas funcionam ou deveriam funcionar como uma complementação educacional que pudesse dar conta destas ausências socioinformacionais. Contudo, tem sido profícua tal ação? Inquestionada a necessidade da prestação de serviços especializados sobre temas técnicos e organizacionais, entendo que sendo o racismo fruto de uma estrutura sociorrelacional embasadora da desigualdade capitalista, o tensionamento entre existência e valores morais, honesta ou desonestamente encaminhados, coloca as práticas laborais consultivas tendendo a reprodução de processo exploratórios, hierarquizados e opressores.

A disputa ideológica e hegemônica é uma necessidade. Disputar os APHs. Como se dará? Não sei. No entanto, uma certeza: não se acontecerá com as esquerdas (esquece a extrema) se confrontando em pautas individualizantes. A causa é uma: o fim do capitalismo. As formas são muitas. Está na hora, já quase passando, da galera sentar e praticar o consensual sobre a causa. Não sai da minha cabeça, entre muitos outros problemas, o racha do PCB (É mais um!) no ano de 2023. Espero escrever sobre isso em momento subsequente. Pude perceber o comportamento do campo acadêmico em relação aos desenvolvimentos epistemológicos, onde o marxismo pouco se efetiva. Qual seria o motivo? O que a “aura” acadêmica tem a ver com estes distanciamentos? Talvez Marx, enquanto teórico contra-hegemônico nos tenha deixado alguns sinais históricos na sua não recepção de cátedra durante didatura prussiana! Talvez não seja dentro, talvez não seja junto. Mas podemos fazer com que seja, ao buscarmos incessantemente a coerência na práxis histórica. O tempo de vida é hoje. Não há outra oportunidade. Eu também sinto e sei

disso. Mas, para alguns, a escolha se dá pelo deleite da vida hoje, afugentando os desconfortos e se enevoando de vaidades. Luta é sair da zona de conforto.

Ainda, e por último, quero mais uma vez, falar aos camaradas pendentes ao canhoto. Está ficando até feio, né? Tirando o professor Nildo Viana, com seu jeitinho carinhoso de ser controverso, é difundida em aulas, *lives* e eventos o ideário de que há de se falar de racialização para uma luta anticapitalista. Não tem uma atividade que algum aluno ou docente não pergunte: e o racismo? E as pautas identitárias? Temos que falar sobre e estudar mais. E ponto. O debate não deveria se esgueirar da nossa história... escravista, racista, tuteladora de uma inocência ou de um primitivismo. É só estudar. Está lá pra quem quiser ver e se importar. Aí, venho de provas. Não me isentando de críticas. Vocês vão me odiar um pouco e está tudo bem. Porém demonstrando que, pelo menos na representação da ANPEd onde o campo pesquisador educacional se faz mais presente, o GT de Relações Raciais pouco fala de base material e o GT Trabalho e Educação, sem dados descritos, contudo já observados, não aborda em seus resumos (nos títulos) uma aproximação temática racializada. Continua todo mundo no seu quadrado. Ao pensar a decolonialidade por um tempo, me angustiava a adequação de um discurso para caber na academia. Ao estudar o marxismo, não está muito diferente não. E se não couber na universidade? Acredito e tenho comprovações históricas de que sempre caberá em algum lugar... Fica a dica de novo: revolução se faz com gente. Mais de 50% da população se vê negra. Obrigada, movimento negro! Então... sem grandes firulas, porque isso é bem feio na verdade e o neoliberalismo faz bem, precisamos trazer o debate sociorracial para as trincheiras revolucionárias. Não sei bem se a pós-modernidade é criada por uma ausência de subjetivação dentro do campo marxista, mas uma apreensão consigo colocar: de que a manutenção do distanciamento das subjetividades nas análises e interpretações marxistas é um prato cheio para as pós-verdades, para o relativismo nas relações sociais. As táticas e as estratégias de luta carecem desta observância. Marxistas brasileiros (e do mundo), uni-vos!

E, assim, os encontros conceituais marxianos, althusserianos, gramscianos e lukacsianos, arrematados por uma brilhante contribuição mouriana nos apresenta o Brasil de hoje. Ao pensar as implicações de materialidades existenciais, convocar a ontologia do ser foi fundamental. O B.O é muito mais embaixo! E, só tenho dúvidas. Não tenho nenhuma resposta que nos indique caminho além do supracitado: consenso sobre a causa.

Entre subjetivações e objetivações, a realidade é o real, como já dizia Carolina Maria de Jesus: *“Quem inventou a fome são os que comem”*. (Frutuoso & Viana, 2021). É a fome em suas múltiplas facetas. A fome de auto(re)conhecimento. A ontologia do ser foi o meu último encontro epistemológico. Acho que vale a pena contar. Já conhecia o termo reificação de Lukács e guardei no coração para uso breve. Ao ler Clóvis de Moura, este diz algo como reificado e aproxima do intelectual marxista o caminho da subjetividade. Isso era novembro. Pensei: Bom, não vai dar tempo mas não custa se inteirar rapidamente sobre o assunto. Achei as aulas da professora Ester Vaisman e do professor Ronaldo Fortes, ministrado pelo GEPOC-UFF em 2018 sobre a ontologia do ser social em Lukács. Até aí brisa. Aulas excelentes e que puderam me dar um empurrão para entender os conceitos de estranhamento e de alienação lukacsianos. Usei mal, usei pouco, e assim me atrevi a usar.

Passou e a escrita precisava desencantar. O prazo tinha passado do apertado. Fui tratar de ter um trabalho a ser entregue. Um belo dia de novembro, fui assistir uma palestra da Boitempo e eis que surge uma exposição sobre trabalho no intelectual da subjetividade marxista. O expositor: Prof. Paulo Henrique Furtado de Araujo da Pós-graduação em Economia da UFF. Papo vai, papo vem. Eu meio que fazendo outras coisas. Não queria falar especificamente de trabalho. Deixei a aula rolando ao ajustar tabelas e dados semânticos. Aí, a pessoa escuta algo como: o problema não é a burguesia, o problema é o valor. Oi? O valor? Volta a aula e agora presta atenção. O problema não é a luta de classes em si, mas o problema é a relação de sociabilidades do valor. Mano do céu? Bom, entendi isso. Pensa num desconforto diante da necessidade de dar o braço a torcer? A pesquisa acontecendo a nível *hardcode*. Como disse: era novembro. A pesquisa precisava ser disponibilizada para o orientador e para a banca em janeiro. Acho que, agora, esse é o próximo passo. Ainda me vejo repetindo... é o valor. Muitos penduricários e conceitos elaboradíssimos depois, era muito sobre valor. Como iniciou Marx no Capital I. É sobre o valor e a totalidade nas diversidades relacionais do ser. Ainda não gosto de burguês e pseudo burguês, mas é isso:

“Ninguém está bem no capitalismo. Alguns estão mal com direito à dignidade.”

Em um dia daqueles que são memoráveis por muitos motivos, conversando com o colega da GEASur Clementino Júnior, dentre muitas outras coisas, este me pergunta: pra

quem você está escrevendo este trabalho? Na ânsia em responder, eu declarei: para a academia e para os militantes antirracistas. A pergunta ficou ecoando. Na verdade, não sei pra quem escrevo esta pesquisa e elaboro este relatório. Realmente, não sei. Espero que seja para pessoas, que assim como eu, estão cansadas de mais do mesmo. Que, verdadeiramente, sintam vontade de mudar as coisas. Sem certezas absolutas, entretanto, com muita vontade. Muita água já rolou debaixo dessa ponte e o principal conflito da análise era o respeito às pessoas negras que sofreram e sofrem tentando sobreviver nesta selva econômica. Ninguém está bem... Sem embargo, outros estão piores”. Mesmo com medo, precisava ser dito. Acionar a interpretação social e educadora dos departamentos de diversidade como algo incompleto e distanciado de materialidade se fortificou nas elocubrações produzidas. O engendramento interpretativo é de que o departamento de diversidade, sendo um “remendo educacional” de caráter formativo na busca por minimizar as marcas das relações sócio-históricas e laborais brasileiras, mediante usos das intervenções consultoras de sujeitos negros, constituiu-se como uma resultante historicamente instituída para evitabilidade de confrontos com o modelo socioeconômico. Tal acepção representa análise parcial, tanto por ser em partes, quanto por ser posicionamento ideológico.

Acredito piamente na revolução, mas não abro mão das reformas, como por exemplo as cotas raciais. A reforma é o reconhecimento através de uma pedagogia do constrangimento. Fica impossível negar, fica descabido comprovar. Estatisticamente, a realidade de grande parte da população negra no Brasil são em recortes prisionais, de subempregos, de pobreza e de mortes. Envergonhar, constranger o Estado e o capital é central. Nada obstante, sonhar o horizonte de Amílcar Cabral, de Fanon, de Césaire, de Lélia, de Gorender, de Gramsci, de Lukács, de Clóvis, de Werneck, de Safiotti, de Celso Sánchez, de Marx... de todos os revolucionários da *praxis* no mundo, não nos deve ser furtado. É sonhar o socialismo. Quiçá um comunismo de diversidades.

*Obs.: o comparativo não era grandes coisas, não se impressionem!

In Memoriam:

Eu invadiria o espaço aéreo
estadunidense (isso é bem
perigoso!) e roubaria o foguete
do Elon Musk, se possível fosse
ver você novamente e ouvir:

Parabéns, minha filha
inteligente!*

Ass: Lucia Maria da Silva Ferreira

Fig. 16 - “Essa foi de lasciar o cano!” (Lucia) ... você não estar aqui.

ANEXOS

ANEXO I - QUADRO COM A COMPILAÇÃO DOS RESUMOS EXPANDIDOS
PUBLICADOS NO GT 21 DA ANPED NACIONAL - ANO DE 2019

QUADRO 10 — COMPILAÇÃO DOS RESUMOS EXPANDIDOS / GT 21 ANPED/2019.

39ª Reunião Nacional da ANPEd - GT 21 Educação e Relações Étnico-raciais/2019			
Título do resumo expandido	T/R/PC - Marx	Informações no Resumo	Temáticas abordadas - ERER
1 - Na dança dos corpos as identidades étnico-raciais se identificam na Educação Física Escolar	Sem nenhum aporte científico sobre o marxismo	Autoetnografia de uma professora que relata seus 16 anos de atuação com dança afro-mato-grossense no espaço escolar, a partir de relatos de memórias e registros	Prática Docente
2 - Educação no chão do meu terreiro: Jurema Preta a senhora é rainha!		Aborda uma educação a partir do terreiro, ao pensar novas relações que remetem à ancestralidade	Educação de Terreiro
3 - Entre a aceitação e a fuga: a juventude negra em trânsito nos currículos escolares		Uso de uma concepção sobre diferenças que questiona a identidade do ser negro, ressignificações do currículo normativo por adolescentes do EM.	Currículo
4 - Matriz curricular para a Educação das Relações Étnico-raciais na Educação Básica de Florianópolis: análises sobre a Educação Infantil		Caminhos da estruturação coletiva de um documento normativo que inseriu a ERER na Educação Infantil em um município de Florianópolis	Currículo / Formação Docente
5 - Heteroidentificação racial em concursos públicos para professores/as na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP		Processo de heteroidentificação racial em concurso público, suas experiências e conflitos	Heteroidentificação/ Ação Afirmativa

<p>6 - Políticas de ação afirmativa na educação básica: algumas reflexões</p>		<p>O estudo traz as nuances do processo de cotas raciais para discentes em uma escola pública, perante análise de dados dos discentes e percepções das equipes educacionais</p>	<p>Política Educacional /Ação Afirmativa</p>
<p>7 - O que revelam os perfis dos docentes das escolas estaduais quilombolas do Estado de Mato Grosso?</p>		<p>Traz em sua análise a percepção dos docentes de cinco escolas quilombolas quanto à aplicabilidade da modalidade educacional</p>	<p>Educação Escolar Quilombola</p>
<p>8 - Fronteiras linguísticas e decolonialidade: poder e resistência em práticas discursivas e sociais de mulheres indígenas da Amazônia</p>	<p>Com aportes sobre crítica sem ser explicitamente marxista</p>	<p>Análise crítica do discurso com enfoques pós-colonial e decolonial sobre a importância da inserção linguística (trancos diferentes) de duas mulheres nas relações de poder</p>	<p>Linguagem e Etnia Indígena</p>
<p>9 - Professoras negras e suas autorias: Um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em Universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul</p>		<p>Entendimento da trajetória autobiográfica de docentes negras no extremo sul do RS, diante seus currículos, formações e publicações científicas</p>	<p>Docência do Ensino Superior / Intelectualidade Negra</p>
<p>10 - Festa de Santo em comunidades quilombolas: encontros possíveis entre conhecimentos da comunidade e da escola</p>		<p>Uso de manifestações culturais como parte da implementação da EEQ</p>	<p>Educação Escolar Quilombola / Currículo / Prática Docente</p>
<p>11 - Quilombos urbanos, territórios étnico-raciais e Educação</p>		<p>Pesquisa-ação sobre a implementação EEQ em escolas</p>	<p>Educação Escolar Quilombola</p>
<p>12 - Livros de literatura infantil afro-brasileira em acervos de escolas municipais da Mata Norte</p>		<p>Estudo dos acervos de literatura afro-brasileira em bibliotecas de um eixo pernambucano dentre suas</p>	<p>Literatura Africana e Afro-brasileira</p>

Pernambucana		exposições e referências de qualidade	
13 - Diversidades nas políticas educacionais: Narrativas de profissionais-docentes quilombolas		Pesquisa narrativas sobre a vivência de professores quilombolas	Educação Escolar Quilombola / Política Educacional
14 - Mulheres negras: luta, resistência e libertação		Não havia um resumo no texto. De maneira breve, o texto fala sobre as questões intersseccionais que atravessam o corpo feminino negro	Feminismo Negro
15 - Mulher Negra, representação e pedagogias outras: diferentes formas de ver e fazer educação antirracista		A mulher negras e as representações que impactam sua presença nos espaços escolares	Feminismo Negro
16 - Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas: educação, antirracismo e decolonialidade		Pedagogia das encruzilhadas pautada na figura de Exu como ressignificador de de relações pedagógicas na escola	Educação de Terreiro
17 - Educação escolar quilombola: um aprendizado em construção		Acompanhamento da rotina formativa e atividades de uma escola quilombola	Educação Escolar Quilombola
18 - Retratos do cotidiano escolar de Bissau		Cotidiano nas escolas de Guiné Bissau em contextos de conflitos sociopolíticos e econômicos	Prática Docente / Formação Docente
19 - Diálogos interculturais no currículo de História: Identidades étnico-raciais, saberes escolares e vivências estudantis na rede pública do Rio de Janeiro		Não havia um resumo no texto. Brevemente se tratou da observância e conteúdos interculturais presentes em escolas	Currículo

<p>20 - O lugar da mulher negra nos cursos de graduação da Universidade Federal Fluminense - UFF</p>		<p>Estudo da trajetória acadêmica na graduação de discentes negras na UFF durante período determinado</p>	<p>Feminismo Negro</p>
<p>21 - A emergência de narrativas na voz das mulheres negras do Quilombo de Pinhões</p>		<p>Abordagem sobre as práticas de ofícios e tradições no quilombo como ferramentas de aprendizado cotidiano</p>	<p>Feminismo Negro / Educação Escolar Quilombola</p>
<p>22 - Notas de um projeto a partir do debate racial na escola e o impacto para jovens estudantes</p>		<p>Pesquisadores negros que se unem em observações e encaminhamentos sobre racismo e equidade escolar em escolas periféricas</p>	<p>Equidade Escolar</p>
<p>23 - Educação das Relações Étnico-raciais: o currículo na escola do/no território quilombola</p>		<p>Exposição de estudo sobre uma escola quilombola e os documentos encaminhadores curriculares</p>	<p>Currículo / Educação Escolar Quilombola</p>
<p>24 - A conscientização do racismo e sua inserção como objeto de estudo em trabalho de conclusão de curso - contribuições de disciplinas sobre a questão étnico-racial</p>		<p>Texto trax pesquisa em universidades sobre a inserção da lei 10.639/2003 no currículo formativo de pedagogos</p>	<p>Formação Docente / Currículo</p>
<p>25 - Impasses e possibilidades do pensamento decolonial no Ensino Superior: a experiência de uma universidade colombiana</p>		<p>Experiência em programa financiado pela CAPES sobre currículo docente em um curso de Biologia em universidade colombiana</p>	<p>Formação docente / Currículo</p>
<p>26 - As literaturas africanas e afro-brasileiras - o desafio da aplicabilidade da lei 10639/2003 de levar o leitor a uma viagem com os personagens deuses</p>		<p>Trabalho remonta o uso de bibliografias negras sobre os deuses africanos numa perspectiva de intolerância religiosa nos contextos escolares</p>	<p>Literatura Africana e Afro-brasileira</p>

afros			
27 - Povos Indígenas e Educação: estudo sobre a diversidade cultural e o estigma de ser indígena em uma escola municipal da Zona Rodoviária de Manaus		Fala sobre os estigmas de uma vivência indígena em dada escola por entrevistas e observações	Equidade Escolar / Educação Intercultural
28 - Tia, Esperança Garcia se encantou em sereia? O encontro das heroínas negras brasileiras com os mitos de ancestralidade africana		Descrição de prática curricular descolonizada no cotidiano escolar, com uso de literatura infantil sobre Esperança Garcia e a Sereia Preta	Literatura Africana e Afro-brasileira / Currículo
29 - Intelectuais negros(as) da APBN e do Neab AFROUNEB: produções e trajetórias antirracistas		Estudo a partir dos cotidianos de associações universitárias que trazem em seu escopo o tema da intelectualidade negra	Formação Docente / Intelectualidade Negra / Produção Bibliográfica Acadêmica
30 - Práticas pedagógicas: diálogo intertextual entre linguagens culturais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena		Pesquisa-ação sobre a perspectivas de docentes universitários sobre consciência histórica e etnicidades	Docência do Ensino Superior

Fonte: GT 21 - ANPed Nacional / 2019 (Adaptado)

ANEXO II - QUADRO COM A COMPILAÇÃO DOS RESUMOS EXPANDIDOS PUBLICADOS NO GT 21 DA ANPED NACIONAL - ANO DE 2021

QUADRO 11 — COMPILAÇÃO DOS RESUMOS EXPANDIDOS / GT 21 ANPED/2021.

40ª Reunião Nacional da ANPed - GT 21 Educação e Relações Étnico-raciais/2021			
Título do resumo expandido	T/R/PC - Marx	Informações no Resumo	Temáticas abordadas - ERER
1 - Estratégias de ensino escolar indígena em		Práticas docentes em contexto de ensino	Prática Docente / Educação Intercultural

contexto urbano de Boa Vista/RR: estudo de práticas e interações sociais		intercultural em escola indígena urbana (RR), com uso da ADC e do Materialismo Histórico Dialético (MHD)	
2 - Integrando estradas e rios: disposições legais da Educação Escolar Quilombola na EMEIF Santo André (Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba, Pará)		Estudo qualitativo documental da implementação da EEQ em escola municipal	Educação Escolar Quilombola
3 - Um diálogo possível entre a educação libertadora e o feminismo negro libertador		Interseccionalidade crítica presente nas obras de Lélia González e Paulo Freire	Feminismo Negro / Educação Libertadora
4 - Secularização à brasileira: relações entre cultura popular, religiosidade afro-brasileira de tradição nagô-yorubá e laicidade da escola pública		Estudos sobre religiosidades e laicidade nas escolas públicas a partir do conceito de secularização	Ensino Laico
5 - Tensões entre religiões e espiritualidades na Educação Escolar Indígena do povo Pipipã		Nuances sobre ensino escolar indígena em confronto às percepções de mundo evangelizadas por docentes convertidos	Ensino laico / Educação Escolar Indígena
6 - Professoras negras universitárias: militância e identidade		Pesquisa narrativa sobre trajetória de vida de professoras negras UFPI, racismo e práticas políticas	Docência do Ensino Superior / Intelectualidade Negra
7 - Reflexões entre as novas sínteses teóricas e o diálogo intercientífico na formação universitária dos povos indígenas		Estudos entorno da práxis e interculturalidade crítica no que tange aprendizado indígena universitário	Ação afirmativa / Educação Intercultural

<p>8 - Relações étnico-raciais na escola do Quilombo de Trigueiros - PE: abordagem teórica e sensível sobre o racismo</p>		<p>Mapeamento, por pesquisa-ação, de situações e relatos de racismo no espaço escolar quilombola</p>	<p>Educação Escolar Quilombola</p>
<p>9 - Perspectivas negras na descolonização de currículos em cursos de Pedagogia do Sul do Brasil</p>		<p>Aplicação das leis da EREER na formação de graduandos em Pedagogia</p>	<p>Currículo / Formação Docente</p>
<p>10 - Poética intercultural na universidade goecultural: aprendizagens complementares no encontro entre mundos</p>		<p>Autoetnografia aproximativa das realidades poético-existenciais no campo educacional de uma formanda universitária</p>	<p>Educação Intercultural</p>
<p>11 - Por cartas: escritas originárias de crianças e adolescentes indígenas para o mundo em tempo pandêmico</p>		<p>Atividade de cunho pedagógico no período da pandemia, realizado junto às aldeias indígenas</p>	<p>Projeto de Extensão</p>
<p>12 - Práticas educativas e disruptivas em "A flecha de Deus" de Chinua Achebe</p>		<p>Análise de obra literária em perspectiva crítica decolonial e pós-colonial</p>	<p>Literatura Africana e Afro-brasileira</p>
<p>13 - O Quilombismo: novas perspectivas para educação a partir do pensamento de Abdias Nascimento</p>		<p>Estudo da obra de Abdias Nascimento com objetivo de mapear a concepção de Quilombismo e educação antirracista</p>	<p>Quilombismo / Intelectualidade Negra</p>
<p>14 - Os processos criativos na construção de personagens negras(os) nos livros de literatura infantil do PNBE</p>		<p>Acompanhamento de autores e de produções literárias em seus processos criativos e vínculo à EREER</p>	<p>Literatura Africana e Afro-brasileira</p>
<p>15 - Os sentidos atribuídos as cotas raciais por jovens negros(as) e brancos(as) estudantes do Ensino Médio</p>		<p>Observação participante que abordou a temática das ações afirmativas raciais na terceira série do EM, entre discentes e docentes</p>	<p>Juventude / Ação Afirmativa</p>

<p>16 - Páginas em branco não contam histórias negras: o lugar das narrativas afrodiaspóricas nos cotidianos escolares</p>		<p>Disponibilidade de literatura afro-brasileira nos espaços escolares de escola pública ainda incipiente</p>	<p>Literatura Africana e Afro-brasileira</p>
<p>17 - No rastro de trilhas sensíveis para pensar as relações étnico raciais na escola</p>		<p>Estudo das relações étnico-raciais em perspectiva fenomenológica no campo da Educação</p>	<p>Educação do Sentir</p>
<p>18 - Juventudes negras e brancas e suas identidades no espaço escolar</p>		<p>Mapeamento de questões identitárias entre jovens negros e brancos</p>	<p>Juventude / Branquitude</p>
<p>19 - Letramento político como (re)conhecimento de produção de conhecimentos: narrativas de Lenira Maria de Carvalho, uma mulher negra, trabalhadora doméstica</p>		<p>Estudo de conteúdo bibliográfico que prime por uma justiça cognitiva a partir da escrita sobre uma trabalhadora doméstica intelectual</p>	<p>Letramento Racial / Intelectualidade Negra</p>
<p>20 - Literatura afro-brasileira na escola: percepções de docentes e discentes de uma escola privada de Imperatriz - MA</p>		<p>Estudo exploratório-descritivo sobre literatura afro-brasileira e combate ao racismo</p>	<p>Literatura Africana e Afro-brasileira</p>
<p>21 - Literatura de autoras negras e currículo: é possível dizer tudo?</p>		<p>Literatura de autoras negras como ferramenta curricular de acionamento às diferenças e subversão perante os controles normativos</p>	<p>Literatura Africana e Afro-brasileira / Currículo</p>
<p>22 - Memória da escravidão e ensino de história local: práticas docentes com relação à presença da população negra</p>		<p>Pesquisa com docentes de Juiz de Fora que investiga às abordagens das práticas docentes no Ensino de História a partir da temática da escravidão</p>	<p>Prática Docente / Ensino de História</p>

<p>23 - Muito além do "ponto zero": provocação para uma escrita acadêmica sem gambiarras ou distanciamentos epistemológicos</p>		<p>Apresenta temática de ausência epistemológicas e artifícios que possam apagar, inviabilizar ou menosprezar referências epistemológicas negras</p>	<p>Formação Docente / Currículo</p>
<p>24 - Mulheres negras e suas trajetórias no Ensino Superior: breves notas do que dizem os estudos</p>		<p>Estado da arte de mulheres negras cotistas na UFBA sobre os atravessamentos raciais em suas coexistências enquanto mulheres negras</p>	<p>Ação Afirmativa / Política de Permanência</p>
<p>25 - Mulheres negras quilombolas: um estudo de caso sobre agência feminina na dinâmica da geração familiar, Barrinha, Bom Jesus da Lapa - Bahia</p>		<p>Investigação aborda a observação de nuances de classe, raça e gênero no quilombo por apreensões dos estudos feministas</p>	<p>Feminismo Negro / Educação Não-escolar</p>
<p>26 - Narrando e refletindo: notas sobre o projeto PET/Pedagogia/relações raciais e educação da Universidade Federal do Amapá</p>		<p>Projeto de tutoria focado na ERER para fins de inserção das temáticas na formação de pedagogos, Estudo por vivências</p>	<p>Formação Docente / Currículo</p>
<p>27 - Gestão escolar e implementação de políticas educacionais para enfrentamento ao racismo na rede pública estadual de São Paulo</p>		<p>Levantamento sobre a inserção da ERER a partir das gestões escolares e seus domínios sobre o tema</p>	<p>Gestão Escolar / Política Educacional</p>
<p>28 - GT 21 EM 2021: Observância de caminhos percorridos na produção de conhecimento com perspectivas multiculturais e antirracistas</p>		<p>Estado da arte de 2015 - 2019 sobre as publicações no GT 21 - ERER</p>	<p>Produção Bibliográfica Acadêmica</p>

29 - Identidade negra e projeto pedagógico em uma escola		Estudo do projeto político pedagógico (PPP) de uma escola atrelado à prática docente	Prática Docente
30 - Identidade quilombola e relações territoriais		Construção histórica da territorialidade quilombola do campo estudado	Educação Não-escolar
31 - Identidades negras na universidade		Mapeamento de identidades negras docentes/discentes	Ação Afirmativa
32 - Estudo da efetivação do projeto memória e identidade: promoção da igualdade na diversidade (MIPID) em uma escola de Educação Infantil em Campinas (SP)		Programa de implementação de 10.639/2003 na Educação Infantil por pesquisa documental	Política Educacional
33 - Etnografia cosmopolítica para reativar vínculos entre práticas epistêmicas		Investiga a ciência em consonância às vivências de terreiros / ação afirmativa Encontro de Saberes	Ação Afirmativa / Educação Não-escolar
34 - Perspectivas e desafios para formação de professores atuantes em Educação Escolar Quilombola		Análise em escolas quilombolas com uso de teorias pós-coloniais e teoria crítica Educação/Currículo com a intuito de produzir material didático - Não explícita, mas cultiva caminho teórico	Formação Docente / Educação Escolar Quilombola
35 - Educação escolar quilombola: política da/na encruzilhada		Escola-território como ferramenta de visibilização das questões quilombolas e suas autorreferências	Educação Escolar Quilombola / Política Educacional
36 - Descolonizando a escola: pensando novas possibilidades para a Educação Escolar Indígena		Pesquisa traz preocupação para a manutenção da cultura de grupo indígena em espaço escolar	Educação Escolar Indígena

37 - Educação antirracista: o uso do ciberativismo de aprendizagens na cultura digital		Estudo das práticas e teorias fomentadas por conteúdos do Youtube para uma educação antirracista	Ciberativismo Negro / Cultura Digital / Currículo
38 - "Educação como prática da liberdade": o significado da Educação Superior para os povos indígenas pernambucanos?		Fala sobre a acessibilidade dos povos indígenas ao Ensino Superior e o maior nível de procura em Pernambuco	Ação Afirmativa
39 - Educação das Relações Étnico-raciais e repertórios culturais da infância quilombola		Investigação sobre o repertório cultural das crianças na Educação Infantil (EI) quilombola	Educação Escolar Quilombola / Prática Docente / Currículo
40 - Educação das Relações Étnico-raciais na Educação Infantil: motivações, possibilidades e desafios		Acompanhamento por análise qualitativa de práticas docentes negras na EI	Prática Docente
41 - Educação Escolar Quilombola: caminhos da produção acadêmica no campo da Educação		Levantamento da produção bibliográfica acadêmica sobre Educação Escolar Quilombola em várias fontes	Educação Escolar Quilombola / Produção Bibliográfica Acadêmica
42 - Construções e desconstruções nas práticas curriculares de Cuiabá - MT a partir das políticas antirracistas estatais		Perpassa o estudo de das práticas e currículos em dado contexto escolar com enfoque nos movimentos negros locais e profissionais da Educação	Currículo / Prática Docente
43 - A teoria por um fio: um encontro de cabeças, saberes e epistemes		Relato de experiência entre duas intelectuais acadêmicas em nuances pretas e travestis	Educação Não-escolar
44 - A representatividade negra em espaços de gestão escolar e os processos de identificação para os discentes da Educação Básica		Pesquisa narrativas com discentes e docentes sobre gestão escolar e os atravessamentos de raça/poder	Gestão escolar

<p>45 - A Lei 10.639/03 e a formação de professores/as para Educação Básica: outras vozes na Filosofia da Educação</p>		<p>Interroga-se a função da Filosofia da Educação na formação decolonial de professores, descentralizando de epistemes eurocêntricas</p>	<p>Formação Docente</p>
<p>46 - A memória da presença negra nos horizontes da cidade: o Festival de Arte Negra (1995-2003)</p>		<p>Influência do FAN na inserção de representações negras em Belo Horizonte</p>	<p>Educação Não-escolar</p>
<p>47 - Análise da implementação das diretrizes curriculares a Educação Escolar Quilombola no Estado do Rio de Janeiro</p>		<p>Verificação de aplicação dos planos curriculares em escolas quilombolas do Estado do Rio de Janeiro (DCNEEQ)</p>	<p>Educação Escolar Quilombola / Currículo / Política Educacional</p>
<p>48 - A pedagogia decolonial como ferramenta política para desnaturalizar a história única a partir das (re)existências e escrevivências da etnoeducadora Nilma Lino Gomes</p>		<p>Estudo por escrevivências sobre a intelectual Nilma Lino Gomes na conformação de outras formas de gerar um processo educador</p>	<p>Intelectualidade Negra</p>
<p>49 - A BNCC nas escolas indígenas do município de Dourados - MS</p>		<p>As implementação das normas curriculares em escolas indígenas</p>	<p>Currículo / Educação Escolar Indígena</p>
<p>50 - A composição racial do corpo docente do Instituto Federal de Minas Gerais: uma breve aproximação</p>		<p>Estudo da trajetória dos docentes mediante heteroidentificação</p>	<p>Heteroidentificação / Prática Docente</p>
<p>51 - A educação como aportes epistemológicos da de(s)colonialidade</p>		<p>Tema sobre ERER, decolonialidade e descolonialidade</p>	<p>Minicurso</p>

Fonte: GT 21 - ANPEd Nacional / 2021 (Adaptado)

ANEXO III - QUADROS E DESCRIÇÕES DOS RELATÓRIOS DE 2019- 20 -21 - 22 C/
TERMOS

RELATÓRIO/ANO: 2019

QUADRO 12 — PALAVRA EQUIDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Equidade - 2 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	sobre equidade de gênero	composição textual	Ampla	40
2	promoção da equidade de gênero	composição textual	Ampla	61

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: o termo Equidade é tratado na perspectiva de equidade de gênero, podendo contemplar várias nuances de conformação sociorracial.

QUADRO 13 — PALAVRA DIVERSIDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Diversidade - 25 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Diversidade e Inclusão	índice	Ampla	1- 2
2	reconhecimento 2019: melhor empresa - Guia Exame de Diversidade	dado/frase em destaque	Ampla	9
3	pesquisa online sobre práticas de diversidade	composição textual	Ampla	9
4	Saúde e Diversidade dos Trabalhadores	título/subtítulo	Ampla	12
5	Saúde e Diversidade dos Trabalhadores	título/subtítulo	Ampla	13
6	Saúde e segurança ocupacional; diversidade e igualdade de oportunidades	composição textual	Ampla	13
7	motivação laboral incentivando a diversidade e a inclusão	composição textual	Ampla	21
8	local de trabalho com respeito à diversidade e a inclusão	composição textual	Ampla	34
9	tema de destaque: promoção da diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	36
10	Diversidade e Inclusão	título/subtítulo	Ampla	38
11	denotam a importância de diversidade e da inclusão para a empresa	composição textual	Ampla	38
12	ambiente de trabalho em prol da diversidade nas	composição textual	Ampla	38

	práticas da gestão			
13	questão estratégica: diversidade	composição textual	Ampla	38
14	prioridade para o grupo: diversidade de gênero e racial	composição textual	Racial	39
15	continuidade item 14: palestras sobre diversidade para lideranças com especialistas	composição textual	Racial	39
16	Plataforma de Diversidade Carrefour (gestão)	composição textual	Ampla	40
17	todas as áreas de empresa participam da Plataforma de Diversidade (ações e indicadores)	composição textual	Ampla	40
18	Gestão da Diversidade	título/subtítulo	Ampla	41
19	governança e decisão: Plataforma de Diversidade	composição textual	Ampla	41
20	Comitê Gestor de Diversidade	título/subtítulo	Ampla	41
21	Plataforma de Diversidade p/ impactar e engajar comunidade correlata	título/subtítulo	Ampla	41
22	A 3ª Cãominhada da Diversidade (patrocínio)	composição textual	Ampla	65
23	Saúde e Diversidade dos Trabalhadores	sumário	Ampla	89
24	Diversidade e igualdade de oportunidades	sumário	Ampla	89
25	Diversidade em órgãos de governança e funcionários	sumário	Ampla	89

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: A categoria diversidade é representada amplamente como uma apreensão de todos os espectros. Enaltece a premiação na temática e apresenta o termo destacado em alguns contextos. A diversidade figura importância diante dos assuntos: saúde, oportunidades, motivação e bom ambiente de trabalho. Ainda, é tida como uma questão estratégica para as empresas do grupo. Pontualmente, aborda o questão da diversidade racial e de palestras para lideranças com especialistas na área.

QUADRO 14 — PALAVRA COMPLIANCE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: <i>Compliance</i> - 12 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Ética e <i>Compliance</i>	índice	Ampla	1- 2
2	Ética e <i>Compliance</i>	subtítulo/título	Ampla	17
3	denúncias são acompanhadas pela Diretoria de <i>Compliance</i>	composição textual	Ampla	18

4	Criação da Diretoria de Compliance (gestão de riscos)	título/subtítulo	Ampla	18
5	quatro novas políticas de Compliance criadas	composição textual	Ampla	18
6	Continuidade item 5: Monitoramento de Compliance	composição textual	Ampla	18
7	acompanhamento e operação Compliance c/ mapeamento dos riscos	composição textual	Ampla	18
8	treinamento dos colaboradores nas diretrizes de Compliance	composição textual	Ampla	18
9	Ética e Compliance	subtítulo/título	Ampla	19
10	Ética e Compliance	descrição de gráfico	Ampla	19
11	canal de denúncia pela Diretoria de Compliance	descrição de gráfico	Ampla	18
12	Iniciativa de Compliance e Sustentabilidade	composição textual	Ampla	69

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: Palavra usada em sentido amplo para mencionar área específica da Gestão de Riscos empresarial. Destacada em alguns momentos. Passa por um limiar de criação, formulações de políticas, monitoramentos, treinamentos, iniciativas práticas, denúncias e tratamentos dos riscos. Não abordo especificamente a questão racial como um risco.

QUADRO 15 — PALAVRA RAÇA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Raça - 0 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: Não há menção ao termo.

QUADRO 16 — PALAVRA ETNIA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Etnia - 0 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: Não há menção ao termo.

QUADRO 17 — PALAVRA RACISMO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Racismo - 1 vez				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	GARU: enfrentamento do racismo institucional	subtítulo/título	Racial	41

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: Grupo institucional que lida com questões raciais.

QUADRO 18 — PALAVRA RACIAL EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Racial - 2 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	temas prioritários: diversidade de gênero e racial	composição textual	Racial	39
2	GARU (Grupo de Afinidade Racial Ubuntu)	subtítulo/título	Racial	41

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: O tema racial se apresenta no trecho como tema prioritário. O CARU trata-se de um grupo especificamente para abordagens racializadas.

QUADRO 19 — PALAVRA ANTIRRACISMO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Antirracismo - 0 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: Não há menção ao termo.

QUADRO 20 — PALAVRA ANTIRRACISTA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Antirracista - 0 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: Não há menção ao termo.

QUADRO 21 — PALAVRA CONSULTORIA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Consultoria - 7 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	consultoria Croma, com publicação na revista Exame	composição textual (fonte)	Ampla	7
2	reconhecimento 2019: consultoria EY reconhece empreendedores com trajetórias socioambientais	composição textual	Outro tema	9
3	consultoria Interbrand abrangendo 25 empresas / 23ª marca posição Atacadão	composição textual	Ampla	9
4	consultoria externa para o aperfeiçoamento dos gestores	composição textual	Ampla	46
5	consultoria externa/ projetos atacadão	composição textual	Ampla	61
6	consultoria especializada outras áreas	composição textual	Ampla	80
7	consultoria Concolor/ produção textual e gráfica	créditos	Outro tema	90

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: As consultorias são tratadas de maneira superficial, ou seja, sem especificar a causa racial, podendo ser inserida na totalidade das intenções.

QUADRO 22 — PALAVRA INCLUSÃO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Inclusão - 14 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Diversidade e Inclusão	índice	Ampla	1 -2
2	reconhecimento 2019: Melhor empresa Guia Exame de diversidade e Inclusão / pesq. online	composição textual	Ampla	9
3	Valorizar a diversidade e inclusão p/ melhor experiência de compra	composição textual	Ampla	21
4	inclusão e acesso a serviços bancários	composição textual	Ampla	33
5	Gente e Gestão: proporcionar pela diversidade e inclusão melhores compras/treinamentos	composição textual	Ampla	34
6	tema com destaque positivo: promoção da diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	36
7	Diversidade e Inclusão	título/subtítulo	Ampla	38
8	diversidade e inclusão em sentido amplo para boas práticas	composição textual	Ampla	38
9	temas prioritários: inclusão de pessoas com	composição textual	Outro tema	39

	deficiência			
10	programa Mais Inclusão : voltado para pessoas com deficiência	composição textual	Outro tema	41
11	programa Pró-varejo: inclusão socioeconômica para o público-alvo	composição textual	Ampla	58
12	inclusão socioeconômica de pequenos produtores em situação de vulnerabilidade	composição textual	Ampla	59
13	projeto Atacadão: inclusão social	composição textual	Ampla	61
14	capital financeiro: a inclusão dos papéis do Carrefour	composição textual	Outro tema	84

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: O uso da palavra é usado tanto em sentido amplo, quanto em essência ao abordar as inserções sobre pessoas com deficiências. O relatório informa os seguintes processos contextuais: reconhecimento por premiação para a empresa; inclusão financeira das pessoas por produtos bancários; melhoria da realidade socioeconômica; valorização da experiência do cliente, treinando, para isso, os colaboradores; um dos temas mais citados em pesquisas juntamente ao termo diversidade. Por fim, traz a intenção de boas práticas e vinculação dos fornecedores às diretrizes do grupo.

QUADRO 23 — PALAVRA IGUALDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Igualdade - 3 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Materialidade e seus limites: diversidade/ igualdade de oportunidades	composição textual	Ampla	13
2	Diversidade e inclusão: promoção da igualdade de oportunidades e tratamento	composição textual	Ampla	38
	Diversidade e igualdade de oportunidades	sumário	Ampla	89

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: A igualdade representa o todo categorial, atrelando-se aos anseios de gerar oportunidade e melhores tratamentos das pessoas no espaço do grupo.

QUADRO 24 — PALAVRA NEGRO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Negro(as) - 3 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	meta: contratação de negros e mulheres para cargos de liderança	composição textual	Racial	38
2	apoio ao empreendedorismo de minorias: confecção de chaveiros para as mulheres (8M): artesã negra e refugiada	composição textual	Racial	40
3	GARU: representatividade de negros em posições de liderança	composição textual	Racial	41

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: O adjetivo negro aparece em metas de equalizações de proporcionalidade racial e outras nos cargos, destacando lideranças. Apoio ao empreendedorismo de pessoa negra por parte da empresa, contratando-a.

QUADRO 25 — PALAVRA PRETO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Preto(as) - 4 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Associação Comercial e Empresarial de São José do Rio Preto	composição textual	Outro tema	9
2	cordões – variando do azul, entregue na admissão, até o preto com dourado	composição textual	Outro tema	37
3	funcionária recebe comemorativamente cordão preto com dourado	composição textual	Outro tema	37
4	temas prioritários: 39% da liderança se autodeclaram pretos ou pardos	composição textual	Racial	39

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: Preto se refere em três momentos a lugar e a cor de material, sendo apenas uma vez relacionada a definição de cor racial, segundo classificação do IBGE. Conforma tema prioritário (entenda-se estratégico) para a empresa.

QUADRO 26 — PALAVRA PARDO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Pardo(as) - 1 vez				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	temas prioritários: 39% da liderança se autodeclaram pretos ou pardos	composição textual	Racial	39

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: Usada uma como definição de cor racial, segundo classificação do IBGE. Conforma tema prioritário para a empresa.

QUADRO 27 — PALAVRA AFRO (PREFIXO) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Afro (prefixo/sufixo) - 1 vez				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	temas prioritários - parceria “Empregue Afro ” na divulgação de vagas	composição textual	Racial	39

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: parceria estratégica para a contratação de colaboradores negros (pretos e pardos).

QUADRO 28 — PALAVRA PRECONCEITO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Preconceito - 0 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: Não há menção do termo.

QUADRO 29 — PALAVRA DISCRIMINAÇÃO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2019.

Palavra: Discriminação - 2 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	posição da empresa: rejeita qualquer forma de discriminação por questões de raça/cor	composição textual	Racial	39
2	tratativas de não conformidades: discriminação	composição textual	Ampla	69

	(uma delas)			
--	-------------	--	--	--

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2019.

Descrição: O Carrefour se posiciona contra qualquer forma de discriminação, incluindo explicitadamente as de raça. Insere o termo em demandas para tratativas de não conformidades.

RELATÓRIO/ANO: 2020

QUADRO 30 — PALAVRA EQUIDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Equidade - 4 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	ações para equidade de oportunidades	composição textual	Ampla	85
2	capacitação ética sobre Diversidade e Equidade Racial	composição textual	Racial	88
3	programa Mulher 360: promover a equidade de gênero	composição textual	Ampla	90
4	relato funcionário: questões de equidade (deficiências)	composição textual	Outro tema	91

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Oportunizar equidade para mulheres, negros e de oportunidades, entre ações e treinamentos, dando ênfase no item 4 às questões dos PCDs.

QUADRO 31 — PALAVRA DIVERSIDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Diversidade - 169 vezes (67 analisadas separadamente)				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Gente, Diversidade e Inclusão	índice	Ampla	2
2	(pres.) diversidade de produtos a preços competitivos	composição textual	Outro tema	5
3	O Capítulo 3, intitulado “Gente, Diversidade , Inclusão”	composição textual	Ampla	8
4	continuidade item 3: combate ao preconceito e para a valorização da diversidade	composição textual	Ampla	8

5	Ações de diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	11
6	continuidade item 5: criação do Comitê de Diversidade	composição textual	Ampla	11
7	Gente, Diversidade e Inclusão	cabeçalho da página	Ampla	14
8	diversidade e inclusão como temas trabalhados há anos/alavancados com o caso Beto	composição textual	Racial	14
9	2012: Lançamento da Plataforma de Diversidade e Inclusão	histórico	Ampla	17
10	2013: criação do comitê Gestor de Diversidade c/ reuniões internas bimestrais	histórico	Ampla	17
11	diversidade e inclusão como temas trabalhados há anos	composição textual	Ampla	19
12	diversidade de frutos do mar	composição textual	Outro tema	20
13	cultura empresarial: a inclusão e a diversidade	composição textual	Ampla	23
14	a diversidade biológica	composição textual	Outro tema	49
15	Perfil da Diversidade no Grupo	título/subtítulo	Ampla	71
16	Gente, Diversidade e Inclusão	título/subtítulo	Ampla	71
17	uma história longa de programas de diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	73
18	continuidade item 17: fazer mais para a diversidade /combate racismo estrutural	composição textual	Racial	73
19	trabalhar as questões de diversidade e inclusão de forma mais forte	composição textual	Ampla	73
20	Perfil da Diversidade no Grupo	título/subtítulo	Ampla	74
21	Perfil da Diversidade no Grupo	cabeçalho de página	Ampla	75
22	Perfil da Diversidade no Grupo	cabeçalho de página	Ampla	76
23	Perfil da Diversidade no Grupo	cabeçalho de página	Ampla	77
24	Perfil da Diversidade no Grupo	cabeçalho de página	Ampla	78
25	fomentar a diversidade nas equipes	composição textual	Ampla	78
26	Perfil da Diversidade no Grupo	cabeçalho de página	Ampla	79
27	temas prioritários: a promoção da diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	79
28	Perfil da Diversidade no Grupo	cabeçalho de página	Ampla	80
29	treinamento de questões transversais: direitos humanos e diversidade	composição textual	Ampla	80
30	Perfil da Diversidade no Grupo	cabeçalho de página	Ampla	81
31	Perfil da Diversidade no Grupo	cabeçalho de página	Ampla	82
32	posição: valorizando a diversidade e a	composição textual	Ampla	83

	convivência com todos os indivíduos			
33	Manifesto de Diversidade e Inclusão (princípios)	composição textual	Ampla	83
34	Plataforma de Diversidade e Inclusão (princípios)	composição textual	Ampla	83
35	Plataforma: Comitê Estratégico de Diversidade	composição textual	Ampla	83
36	36 - continuidade item 35: Plataforma: Comitê Gestor de Diversidade	composição textual	Ampla	83
37	temas prioritários: diversidade e inclusão racial	composição textual	Racial	83
38	contratação: aumento da diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	83
39	Atacadão e Diversidade	título/subtítulo	Ampla	84
40	Atacadão: “Semana da Diversidade ” (evento interno)	composição textual	Ampla	84
41	2020: treinamentos obrigatórios/questões integração e diversidade	composição textual	Ampla	84
42	continuidade item 41: questões de diversidade e racismo estrutural	composição textual	Racial	84
43	“Manifesto da Campanha da Diversidade ” divulgação do evento	composição textual	Ampla	84
44	patrocina fóruns de diálogo da diversidade racial do país	composição textual	Racial	85
45	continuidade item 44: Jornada da Diversidade	composição textual	Ampla	85
46	participação de Ricardo Sales (MAIS Diversidade)	composição textual	Racial	85
47	personalidades ativas em questões de diversidade (comitê externo)	composição textual	Racial	85
48	comitê planos: compromisso com a valorização da diversidade	composição textual	Racial	85
49	Maurício Pestana, Membro do Comitê sobre a Diversidade e Inclusão & Diretor executivo da Revista Raça Brasil	colaborador	Racial	86
50	Comitê Externo de Livre Expressão sobre a Diversidade (Caso Beto)	título/subtítulo	Racial	86
51	Declaração do consultor - “ <i>Muito mais que nossos slogans, são as marcas que o nosso comitê deixará como legado à luta antirracista no Brasil.</i> ” Maurício Pestana, membro do Comitê sobre a Diversidade e Inclusão e diretor- executivo da Revista Raça Brasi	dado/frase em destaque	Racial	86

52	contar com especialistas nas áreas de diversidade	composição textual	Racial	86
53	Comitê Independente pela Diversidade do Carrefour	composição textual	Racial	86
54	Fundo de Diversidade e Combate à Discriminação Racial	dado/frase em destaque	Racial	87
55	25 nov.: criação do Comitê Externo de Livre Expressão sobre a Diversidade e Inclusão	histórico	Racial	87
56	23 nov.: anúncio da criação do Fundo de Diversidade e Combate à Discriminação Racial	histórico	Racial	87
57	Tolerância zero: política de Valorização da Diversidade	composição textual	Ampla	88
58	capacitar: Ética para temas de Diversidade e Equidade Racial	composição textual	Racial	88
59	capacitar e reciclar: com temas de direitos humanos, diversidade , tolerância zero e protocolo de abordagem	composição textual	Ampla	88
60	trilha de aprendizagem de diversidade , inclusão e combate a todas as formas de discriminação	composição textual	Ampla	88
61	implantar capacitação obrigatória: Política de valorização da Diversidade e Combate ao Racismo e à Discriminação	composição textual	Racial	88
62	censo demográfico: barreiras de diversidade e mapeamento de tipos de preconceitos	composição textual	Ampla	89
63	Plataforma de Diversidade e Inclusão: impulso carreiras LGBTI+	composição textual	Ampla	90
64	deficiência: cota estabelecida por Lei, como à diversidade	composição textual	Ampla	91
65	diversidade na produção de alimentos	composição textual	Outro tema	97
66	Diversidade e Igualdade de Oportunidades	sumário	Ampla	129
67	Diversidade em órgãos de governança e funcionários	sumário	Ampla	129

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Os títulos/subtítulos: “Gente, Diversidade e Inclusão” (GDI) são descritos por 120 (cento e vinte) vezes ao longo do relatório do ano de 2020, constando em praticamente todas as páginas como cabeçalhos. Tal ocorrência acontece após o caso João

Alberto. Assim, desconsiderarei tal repetição no quadro acima para fins de compilar as representações e considerar o número total de aparições pertinentes à análise. A palavra é utilizada majoritariamente em sentido amplo e em destaque em títulos/subtítulos. Em dados momentos aparece atrelada às questões: diversidade de produtos/preços; promoção de agendas; treinamentos transversalizados e biológica (produto animal). A criação de um comitê, um manifesto (tolerância zero) com os princípios e de um fundo financeiro. A empresa expressa a longevidade das ações para a diversidade, explicitando seu marco histórico. Além de eventos e patrocínio de fóruns na temática, houve a contratação de especialistas, mapeamento e monitoramento das barreiras criadas para diversidade no grupo.

QUADRO 32 — PALAVRA INCLUSÃO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Inclusão - 172 vezes (52 vezes usada separadamente)				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	inclusão : dados gases do efeito estufa	composição textual	Outro tema	8
2	ações de diversidade e inclusão ; Criação do Comitê de Diversidade	composição textual	Ampla	11
3	diversidade e inclusão como temas trabalhados há anos/alavancado caso Caso Beto	composição textual	Racial	14
4	2012: Lançamento da Plataforma de Diversidade e Inclusão	histórico	Ampla	17
5	5 - diversidade e inclusão como temas trabalhados há anos	composição textual	Ampla	19
6	cultura corporativa: a inclusão e a diversidade	composição textual	Ampla	
7	formação EAD na pandemia: a acessibilidade e a inclusão dos colaboradores	composição textual	Ampla	37
8	inclusão do bioma Cerrado	composição textual	Outro tema	44
9	pequenos produtores para promover a inclusão econômica	composição textual	Ampla	54
10	inclusão social (sentido amplo)	composição textual	Ampla	54
11	famílias do Cerrado: programa de inclusão	composição textual	Ampla	54
12	famílias do Sertão Nordeste: inclusão socioeconômica	composição textual	Ampla	55
13	geração de renda e inclusão socioeconômica	composição textual	Ampla	55
14	compromisso c/ minorias: inclusão de pessoas com deficiência	composição textual	Ampla	71
15	à cultura de inclusão do Grupo Carrefour Brasil	composição textual	Ampla	72

16	inclusão de grupos minorizados: discriminações raciais	composição textual	Racial	72
17	história longa de programas de diversidade e inclusão : mais para a diversidade e o combate ao racismo estrutural	composição textual	Racial	73
18	influenciar nas questões de diversidade/ inclusão de forma mais forte	composição textual	Ampla	73
19	estigmas sociais históricos, investe na inclusão das minorias	composição textual	Ampla	74
20	20 - disparidades históricas: inclusão social	composição textual	Ampla	76
21	temas prioritários: promoção da diversidade e inclusão (foco cliente)	composição textual	Ampla	79
22	Manifesto de Diversidade e Inclusão (princípios)	composição textual	Ampla	83
23	Plataforma de Diversidade e Inclusão (princípios)	composição textual	Ampla	83
24	políticas e ações para maior inclusão e visibilidade dos minorizados	composição textual	Ampla	83
25	temas prioritários: diversidade e inclusão racial	composição textual	Racial	83
26	evento Dia “D”: diversidade e inclusão em seu ecossistema	composição textual	Ampla	83
27	Mais Inclusão : projeto pessoas com deficiência	composição textual	Ampla	83
28	Atacadão e Diversidade: “Semana da Diversidade”: inclusão	composição textual	Ampla	84
29	treinamento líderes: práticas de inclusão e valorização de todos	composição textual	Ampla	85
30	valor para diversidade: ênfase na inclusão de negros e negras	composição textual	Racial	85
31	Maurício Pestana, Membro do Comitê sobre a Diversidade e Inclusão & Diretor executivo da Revista Raça Brasil	colaborador	Racial	86
32	“ <i>Muito mais que nossos slogans, são as marcas que o nosso comitê deixará como legado à luta antirracista no Brasil.</i> ” Maurício Pestana, membro do Comitê sobre a Diversidade e Inclusão e diretor-executivo da Revista Raça Brasil	dado/frase em destaque	Racial	86
33	25 nov.: criação do Comitê Externo de Livre Expressão sobre a Diversidade e Inclusão	histórico	Racial	87

34	trilha aprendizagem: diversidade, inclusão e combate discriminação	composição textual	Ampla	88
35	Programa de Inclusão empreendedores/cadeia de valor: investimentos exclusivos em redes incubadoras e aceleradoras negras	composição textual	Racial	89
36	busca pela inclusão e valorização de gênero	composição textual	Ampla	90
37	Plataforma de Diversidade e Inclusão do Carrefour: LGBTI+	composição textual	Ampla	90
38	prioriza a agenda da inclusão : perfil de público LGBTI+	composição textual	Ampla	90
39	Inclusão para Pessoas com Deficiência	título/subtítulo	Ampla	91
40	Mais Inclusão (deficiência): direcionado aos colaboradores	composição textual	Ampla	91
41	Debates Para Mais Inclusão (deficiência)	título/subtítulo	Ampla	91
42	relato colaborador: há mais de dois anos, faço parte do Grupo “Mais Inclusão ”	composição textual	Ampla	91
43	visar mais ao bem-estar e à inclusão de pessoas c/ deficiência	composição textual	Ampla	91
44	inclusão socioeconômica de pequenos produtores	composição textual	Ampla	95
45	inclusão socioeconômica de pequenos produtores	composição textual	Ampla	95
46	Gastronomia que atenda a questões globais de inclusão social	composição textual	Ampla	96
47	Pró-Varejo: inclusão socioeconômica de jovens e adultos	composição textual	Ampla	98
48	Cine rodas: temas como inclusão	composição textual	Ampla	99
49	inclusão socioeconômica dos produtores	composição textual	Ampla	101
50	busca a inclusão socioeconômica e produtiva	composição textual	Ampla	101
51	mais inclusão e acesso a serviços bancários	composição textual	Ampla	122
52	Ibovespa: a inclusão das ações do Carrefour	composição textual	Outro tema	124

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Palavra: Inclusão - 172 vezes, 120 vezes como cabeçalho e título (GDI), 52 vezes consideradas para uso na análise. O item inclusão de repete - 120 vezes no cabeçalho/título - gente, diversidade e inclusão - então eu subtrai e considerei as demais formas de apresentação que não apareceram no item diversidade - inclusão aparece fora

por 52 duas vezes, mas tbm usarei alguns títulos GDI para compor o estudo. Além do uso em temas variados, como dados sobre o efeito estufa, o termo inclusão aparece muitas vezes associado à palavra diversidade (Diversidade e Inclusão). Como já explicitado, o Carrefour informa estrada nos desenvolvimento nos trabalhos com o tema, confirmando maior intensificação após o caso Beto. Passa a figurar, no texto, como parte da cultura corporativa. Na pandemia, fala-se da inclusão digital dos colaboradores para treinamentos em EAD, inclusão de PCDs, de biomas específicos em projetos, de produtores e fornecedores, além de ações de cunho social. Em dado contexto, aborda a inclusão dos minorizados e pelas perspectivas das disparidades históricas. Por fim, considero relevante a inclusão de empresa no mercado financeiro.

QUADRO 33 — PALAVRA IGUALDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Igualdade - 4 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	metas globais: Igualdade de Gênero	título/subtítulo	Ampla	21
2	disparidades históricas: busca de mais igualdade e inclusão social	composição textual	Ampla	76
3	signatário da Iniciativa Empresarial pela Igualdade	composição textual	Ampla	85
4	Diversidade e Igualdade de Oportunidades	sumário	Ampla	129

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: O uso da igualdade de gênero aparece novamente (relatório 2019). É considerada uma ação para lidar com as disparidades históricas e promover mais oportunidades. O grupos passa a ser signatário da Iniciativa Empresarial pela Igualdade.

QUADRO 34 — PALAVRA COMPLIANCE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: <i>Compliance</i> - 139 vezes (20 vezes usada separadamente)				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Ética e <i>Compliance</i>	título/subtítulo	Ampla	13
2	áreas de <i>Compliance</i> : aspectos regulatórios, peças catalisadoras	composição textual	Ampla	15
3	<i>“Fomos lembrados que sempre temos a oportunidade de fazer mais. Juntos, enchamos nossos pulmões de ar e aceleramos, com passos</i>	dado/frase em destaque	Ampla	15

	<i>firmes, nessa jornada.</i> ” Chantal Pillet, Diretora de Compliance			
4	Ética e Compliance	título/subtítulo	Ampla	28
5	Programa de Ética e Integridade: gestão da Diretoria de Compliance (Gestão de Riscos)	composição textual	Ampla	28
6	continuidade item 5: maior sincronia entre as práticas de Compliance	composição textual	Ampla	28
7	políticas e procedimentos: arcabouço de Compliance	composição textual	Ampla	28
8	eventos de Compliance (online - pandemia)	composição textual	Ampla	29
9	Semana Compliance : p/ colaboradores	composição textual	Ampla	29
10	continuidade item 9: Semana de Compliance : para colaboradores	composição textual	Ampla	29
11	Compliance tributário	composição textual	Ampla	29
12	Café com Compliance : direcionado às lideranças	composição textual	Ampla	29
13	denúncias são acompanhadas pela Diretoria de Compliance	composição textual	Ampla	29
14	Sistema de gerenciamento de risco - Ética e Compliance	composição textual	Ampla	31
15	Ética e Compliance (sistema de gerenciamento de risco)	descrição no gráfico	Ampla	31
16	protocolo social ICS (Iniciativa de Compliance e Sustentabilidade): colaboradores	composição textual	Ampla	53
17	Comitê Direitos Humanos: hortifrutigranjeiros: compliance e outros	composição textual	Ampla	53
18	cadeias abastecimento c/direitos humanos: Iniciativa de Compliance e Sustentabilidade (ICS)	composição textual	Ampla	54
19	Associação Brasileira do Varejo Têxtil (ABVTEX) / melhores práticas de compliance	composição textual	Ampla	54
20	Compliance (ação social)	composição textual	Ampla	103

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: A palavra Compliance surge por 139 vezes, sendo que delas 119 são repetições no cabeçalho. O conteúdo considerado foi das 20 outras aplicações, tendo algumas em títulos e subtítulos destacados. O resumo dos usos se aplica: a criação de comitês internos e

externos para atuação na área; eventos e treinamentos com colaboradores e fornecedores, entre outros assuntos. A formulação de diretrizes e meios de denúncia são descritos.

QUADRO 35 — PALAVRA CONSULTORIA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Consultoria - 5 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	conjunto de regras e procedimentos p/ colaboradores, contratados e consultorias externas em relação aos dados pessoais	composição textual	Ampla	27
2	<i>Due Diligence</i> de Integridade (ação): avaliação de riscos - por consultorias e por um time interno	composição textual	Ampla	53
3	consultoria especializada - redução de resíduos	composição textual	Outro tema	66
4	Ines Cozzo (T'AI Consultoria)	colaboradora	Racial	85
5	Consultoria Gri Aiurú ESG	créditos	Ampla	134

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: O vocábulo consultoria aparece de maneira esparsada, informando questões genéricas ou informando outros serviços que não racializados. A consultoria em questão para os contextos raciais é chamada de comitê.

QUADRO 36 — PALAVRA RAÇA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Raça - 3 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Maurício Pestana, Membro do Comitê sobre a Diversidade e Inclusão & Diretor executivo da Revista Raça Brasil	colaborador	Racial	86
2	<i>“Muito mais que nossos slogans, são as marcas que o nosso comitê deixará como legado à luta antirracista no Brasil.”</i> Maurício Pestana, membro do Comitê sobre a Diversidade Inclusão diretor-executivo da Revista Raça Brasil.	dado/frase em destaque	Racial	86
3	denunciar casos de preconceito e violência relacionados à raça ou ao gênero	composição textual	Racial	89

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: O termo raça aparece vinculado ao colaborador externo da empresa e também aproximado ao processo de denunciar preconceitos de raça.

QUADRO 37 — PALAVRA RACIAL EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Racial - 9 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	temas prioritários: diversidade e inclusão racial	composição textual	Racial	83
2	GARU (Grupo de Afinidade Racial Ubuntu)	título/subtítulo	Racial	83
3	patrocina os dois dos maiores Fóruns de diálogo da diversidade racial do país	composição textual	Racial	85
4	buscar eliminar barreiras para a contratação: enfoque questão racial	composição textual	Racial	85
5	contribuição de ativistas da questão racial	composição textual	Racial	86
6	comitê: desenvolvimento ações de letramento racial p/ colaboradores	composição textual	Racial	86
7	Fundo de Diversidade e Combate à Discriminação Racial	dado/frase em destaque	Racial	87
8	23 nov.: anúncio criação Fundo de Divers. e Combate à Disc. Racial	histórico	Racial	86
9	capacitar: temas Diversidade e Equidade Racial	composição textual	Racial	86

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: A questão racial é tema prioritário e figurando especificidade de tratativa no GARU. Insere-se na participação de fóruns com patrocínios. O comitê e outros especialistas passam a trabalhar na identificação e eliminação das barreiras raciais. São oferecidas capacitações de letramento racial e cria-se um fundo para o combate às discriminações e racismos, em novembro/2020.

QUADRO 38 — PALAVRA AFRO (PREFIXO) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Afro (prefixo) - 1 vez				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	parceira: frisa contratação de candidatos negros: “Empregue Afro ”	composição textual	Racial	85

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Empresa captação de recursos humanos no campo afrocentrado com quem o Carrefour tem uma parceria.

QUADRO 39 — PALAVRA NEGRO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Negro(as) - 36 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	representatividade de negros em posições de liderança	composição textual	Racial	83
2	feira: atração de profissionais negros e negras ao mercado de trabalho	composição textual	Racial	85
3	parceira: contratação de candidatos negros : “Empregue Afro”	composição textual	Racial	85
4	valor. divers.: ênfase na inclusão de negros e negras / combate à discr.	composição textual	Racial	85
5	transformação radical segurança: incentivar a formação de mulheres e negros como agentes de fiscalização/prevenção	composição textual	Racial	88
6	Investimento na Carreira de Pessoas Negras do Carrefour	título/subtítulo	Racial	88
7	Mapeamento de negros e negras: liderança do Carrefour	composição textual	Racial	88
8	Mapeamento de negros e negras : liderança do Carrefour	composição textual	Racial	88
9	trilha de aprendizagem grupos minorizados: negros/as	composição textual	Racial	88
10	programa afirmativo de estágio para jovens negros e negras	composição textual	Racial	88
11	programa afirmativo de estágio para jovens negros e negras	composição textual	Racial	88
12	fomentar Projetos de Impacto Social de empreendedores negros	composição textual	Racial	89
13	Percentual Mínimo de 50% de Negras e Negros nas Novas Contratações	título/subtítulo	Racial	89
14	Carrefour empregará profissionais negros para posições estratégicas	composição textual	Racial	89
15	contratar profissionais negros para posições estratégicas	composição textual	Racial	89
16	2021: abrir programa de trainee exclusivo para	composição textual	Racial	89

	talentos negros			
17	contratar colaboradores negros em parcerias	composição textual	Racial	89
18	Estímulo ao Empreendedorismo de Pessoas Negras	título/subtítulo	Racial	89
19	Capacitação de pessoas negras por ano como alavanca de carreira	composição textual	Racial	89
20	Percentual Mínimo de 50% de Negras e Negros nas Novas Contratações	título/subtítulo	Racial	89
21	contratação de fornecedores: empreendedorismo negro	composição textual	Racial	89
22	encubar e acelerar o empreendedorismo negro	composição textual	Racial	89
23	<i>marketplace</i> : divulgar rede de empreendedores negros	composição textual	Racial	89
24	combate às violências a população negra	composição textual	Racial	19
25	Atacadão e Diversidade: Negra Li	colaboradora	Racial	84
26	feira: profissionais negros e negras p/ mercado de trabalho	composição textual	Racial	85
27	celebrações históricas: Dia da Consciência Negra	composição textual	Racial	85
28	celebrações históricas: Dia da Mulher Negra , Latina e Caribenha	composição textual	Racial	85
29	valor. Divers.: ênfase inclusão de negros e negras / combate à discriminação	composição textual	Racial	85
30	relato: “ <i>Estímulo ao empreendedorismo de pessoas negras!</i> ”	colaborador	Racial	87
31	qualificação diferenciada: pessoas negras cargo de liderança	composição textual	Racial	88
32	capacitação 100 pessoas negras por ano como alavanca de carreira	composição textual	Racial	88
33	editais educação p/ empreendedorismo de pessoas negras	composição textual	Racial	89
34	cooperação empresarial - empregabilidade negra	composição textual	Racial	89
35	cursos técnicos para pessoas negras	composição textual	Racial	89
36	desenvolvimento acadêmico para pessoas negras	composição textual	Racial	89

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Alguns temas são centrais na abordagem do vocábulo negro(as);, representatividade nas lideranças; captação e inclusão de profissionais racializados; parceria Empregue Afro; ênfase no combate discriminatório pelas vias da inclusão; modificação do modelo de segurança e fiscalização contendo negros; investimento em carreiras negras; programas afirmativos e contratação de afroempreendedores; espaço na loja e no marketplace; aceleração de carreiras e contratação de especialistas/personalidades negras para eventos.

QUADRO 40 — PALAVRA PRETO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Preto(as) - 2 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	guia gastronômico Prato Firmeza Preto (projeto periférico Atacadão)	composição textual	Racial	96
2	cordão crachá: do azul, entregue na admissão, até preto com dourado	composição textual	Outro tema	82

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Primeiro utilização como projeto voltado a periferias e a segunda como descrição de cor de acessório.

QUADRO 41 — PALAVRA PARDO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Pardo(as) - 0 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Não há menção do termo.

QUADRO 42 — PALAVRA RACISMO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Racismo - 24 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.): compromisso que já tínhamos, de combater o racismo estrutural, ganhou mais força (Caso Beto)	composição textual	Racial	5

2	esforço amplo: outros atores p/ combate do racismo estrutural - composição textual		Racial	8
3	combate ao racismo estrutural: objetivos ODS	título/subtítulo	Racial	10
4	Materialidades e seus limites - Combate ao racismo estrutural	título/subtítulo	Racial	11
5	Responsabilidade Social: destaque 2020, combate ao racismo estrutural	composição textual	Racial	14
6	compromisso social e histórico: combater o racismo estrutural	composição textual	Racial	19
7	Combate ao Racismo Estrutural (racismo ambiental)	título/subtítulo	Racial	20
8	posição empresarial: combate ao racismo estrutural	composição textual	Racial	73
9	relato colaborador: empresa antirracista/reforçar combate ao racismo	composição textual	Racial	73
10	GARU: atua no enfrentamento do racismo estrutural	composição textual	Racial	83
11	“Semana da Diversidade”: treinamento sobre racismo estrutural	composição textual	Racial	84
12	expertises internas e externas (comitê): plano de ação de combate ao preconceito e racismo estrutural	composição textual	Racial	85
13	enfrentamento do racismo estrutural (compromissos)	composição textual	Racial	85
14	<i>“Construir e efetivar um plano de ação de combate ao preconceito e racismo estrutural na sociedade”.</i>	dado/frase com destaque	Racial	85
15	Ações Desenvolvidas Para Combater o Racismo Estrutural	título/subtítulo	Racial	87
16	21 nov.: treinamento colaboradores: racismo estrutural/práticas antirracistas	histórico	Racial	87
17	Tolerância Zero ao Racismo e à Discriminação	título/subtítulo	Racial	88
18	continuidade item 17: tratamento rigoroso para casos de discriminação e racismo	composição textual	Racial	88
19	continuidade item 17: capacitação obrigatória: Política de valoriz. da Divers. e Combate ao Racismo e à Discriminação	composição textual	Racial	88
20	continuidade item 17: criar 2021, Fórum Virtual educativo sobre o combate ao racismo	composição textual	Racial	89

21	Compromissos de Combate ao Racismo Estrutural	título/subtítulo	Racial	88
22	continuidade item 21: criação dispositivo digital: foca combate ao racismo e afins	composição textual	Racial	89
23	continuidade item 21: criar canal de ouvidoria: combate ao racismo e afins	composição textual	Racial	89
24	Combate ao racismo estrutural	sumário	Racial	129

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: A expressão racismo estrutural é citada por inúmeras vezes. A mensagem do presidente exibe proximidade e preocupação com o tema após o incidente. Em determinado momento, exprime o assunto racismo ambiental como se fosse correlato ao racismo estrutural. Eventos e treinamentos ganham este enfoque mediante uma política de tolerância zero. A capacitação passa a ser obrigatória. Para 2021, projeta-se a criação de um fórum antirracista e um canal interno para recepção de denúncias.

QUADRO 43 — PALAVRA PRECONCEITO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Preconceito - 6 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	capítulo compila projetos internos no combate ao preconceito e afins	composição textual	Ampla	8
2	plano de ação de combate ao preconceito e racismo estrutural	composição textual	Racial	85
3	<i>“Construir e efetivar um plano de ação de combate ao preconceito e racismo estrutural na sociedade.”</i>	dado/frase em destaque	Racial	85
4	censo: barreiras de diversidade/mapeamento de tipos de preconceitos	composição textual	Ampla	89
5	Mecanismo de Denúncia de Preconceito e Discriminação	título/subtítulo	Ampla	89
6	criação dispositivo digital: denúncia casos de preconceito e violência	composição textual	Ampla	89

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Se coloca em torno dos combates, planejamentos, monitoramentos, tratamento de denúncias dos preconceitos, demonstrando a posição do conglomerado empresarial.

QUADRO 44 — PALAVRA DISCRIMINAÇÃO(S) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Discriminação(s) - 19 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	aprendizados na luta contra as discriminações raciais	composição textual	Racial	72
2	ênfase na inclusão de negros e negras e no combate à discriminação	composição textual	Racial	85
3	“Tolerância Zero para Qualquer Tipo de Discriminação ” E “Nós Não Esqueceremos”	dado/frase em destaque	Racial	86
4	abertura de novos canais de denúncias de discriminação	composição textual	Ampla	86
5	Fundo de Diversidade e Combate à Discriminação Racial	dado/frase em destaque	Racial	87
6	23 nov.: anúncio criação Fundo de Divers. e Combate à Discriminação Racial	histórico	Racial	87
7	Tolerância Zero ao Racismo e à Discriminação	título/subtítulo	Racial	88
8	tratamento rigorosos para casos de discriminação e racismo	composição textual	Racial	88
9	incluir cláusula / enviar a carta antirracista e de combate a todo tipo de discriminação (fornecedores)	composição textual	Racial	88
10	Divulgação da Política de Tolerância Zero à Discriminação	título/subtítulo	Ampla	88
11	trilha de aprendizagem: combate todas as formas de discriminação	composição textual	Ampla	88
12	capacitação obrigatória: combate à Discriminação	composição textual	Ampla	88
13	Criar 2021: fórum de combate a todo tipo de discriminação	composição textual	Ampla	88
14	Mecanismo de Denúncia de Preconceito e Discriminação	título/subtítulo	Ampla	89
15	criação dispositivo digital: denuncia a todo tipo de discriminação	composição textual	Ampla	89
16	ouvidoria para denúncias virtuais de combate à discriminação	composição textual	Ampla	89

17	dispositivo denúncia: percebeu qualquer tipo de discriminação	composição textual	Ampla	89
18	Proporção salarial com discriminação por gênero	sumário	Ampla	129
19	Remuneração, com discriminação de gênero e etnia	sumário	Ampla	129

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Posicionamento radical da empresa contra qualquer forma de discriminação. Uso em sentido amplo, com maior ênfase na questão racial a partir deste relatório. A inclusão de uma cláusula de contrato com fornecedores e envio de uma carta manifesto é colocada. Assim como no termo preconceito, prevê ações e acompanhamentos. É usada em destaque em alguns títulos e sumários, dentre outros. Aborda o slogan “Nós não esqueceremos” em referência ao caso Beto e o *hotsite* da diversidade.

QUADRO 45 — PALAVRA ANTIRRACISMO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Antirracismo - 0 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Não há menção ao termo.

QUADRO 46 — PALAVRA ANTIRRACISTA(S) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Antirracista(s) - 9 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	compromissos do grupo para luta antirracista	composição textual	Racial	8
2	Luta Antirracista	título/subtítulo	Racial	71
3	somos uma empresa antirracista	composição textual	Racial	73
4	Luta Antirracista	título/subtítulo	Racial	85
5	Caso Beto: engajando-se ainda mais na luta antirracista no país	composição textual	Racial	85
6	“Muito mais que nossos slogans, são as marcas que o nosso comitê deixará como legado à luta antirracista no Brasil.” Maurício Pestana,	colaborador	Racial	86

	membro do Comitê sobre a Diversidade e Inclusão e diretor-executivo da Revista Raça Brasil			
7	21 nov.: treinamento sobre práticas antirracistas	histórico	Racial	87
8	11 dez.: divulgação plano de ação 8 compromissos antirracistas	histórico	Racial	87
9	incluir cláusula / enviar carta antirracista / combate (fornecedores)	composição textual	Racial	88

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: A empresa se coloca comprometida contra o racismo, dizendo por vezes ser antirracista. A palavra aparece em destaque em títulos/subtítulos e afins, e ainda na fala de um colaborador. Os treinamentos assumem este viés, juntamente às parcerias e aos fornecimentos.

QUADRO 47 — PALAVRA ETNIA(S) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2020.

Palavra: Etnia(s) - 3 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Colaboradores: de todas as etnias e origens	composição textual	Ampla	73
2	ação social: frear o avanço da COVID-19 entre diferentes etnias	composição textual	Ampla	104
3	Remuneração, com discriminação de gênero e etnia	sumário	Ampla	129

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2020.

Descrição: Etnia é mencionada em nuances de grupos étnicos e nas acepções de remuneração sem discriminação.

RELATÓRIO/ANO: 2021

QUADRO 48 — PALAVRA EQUIDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Equidade - 3 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) maior investimento privado feito em prol	composição textual	Racial	04

	da equidade racial			
2	ações antirracismo (compromissos): promoção da equidade na prática	composição textual	Racial	64
3	2021: Programa Inclusão, Diversidade e Equidade (implantação)	composição textual	Ampla	64

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: A equidade aparece de modo amplo e de forma a corroborar os esforços pela equidade racial.

QUADRO 49 — PALAVRA DIVERSIDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Diversidade - 47 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Diversidade	índice	Ampla	2
2	(pres.) comunidades: formação profissional, diversidade e cidadania	composição textual	Ampla	3
3	(pres.) Falando em diversidade , somos um dos maiores empregadores	composição textual	Ampla	3
4	(pres.) 2022: a plataforma de diversidade do grupo completa 10 anos	composição textual	Ampla	4
5	(pres.) posição: valores de diversidade	composição textual	Ampla	6
6	temas materiais - Diversidade e Combate ao Racismo Estrutural	dado/frase em destaque	Racial	11
7	Diversidade e combate ao racismo estrutural	título/subtítulo	Racial	12
8	ações de diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	12
9	2013: início da atuação do Comitê Gestor de Diversidade	histórico	Racial	18
10	2012: Lançamento da Plataforma de Diversidade e Inclusão	histórico	Ampla	18
11	reconhecimento 2021: Estudo Knewin de Diversidade	composição textual	Ampla	20
12	reconhecimento 2021: 20 marcas + mencionadas na mídia social no tema diversidade de equipe	composição textual	Ampla	20
13	estratégia comunicação: tema diversidade racial/combate ao racismo	composição textual	Racial	22
14	visibilidade à agenda de diversidade	composição textual	Ampla	22
15	promoção da diversidade e no combate às mudanças climáticas	composição textual	Ampla	26
16	pilares: proteger e valorizar a diversidade	composição textual	Ampla	31
17	17 - prevenção: apoio Comitê Externo Independente de Diversidade	composição textual	Racial	38

18	segurança: espelhar a diversidade da população brasileira (cliente)	composição textual	Ampla	39
19	a diversidade biológica	composição textual	Outro tema	55
20	a diversidade de insumos	composição textual	Outro tema	57
21	ações: suporte do Comitê de Diversidade Externo Independente	composição textual	Racial	64
22	a diversidade e a tolerância zero ao racismo	composição textual	Racial	70
23	posição: cultura que trata a diversidade e inclusão como prioridade	composição textual	Ampla	72
24	posição: o respeito à diversidade	composição textual	Ampla	72
25	treinamento: Academia de Cultura e Diversidade	composição textual	Ampla	75
26	continuação do item 25: capacitação p/colaboradores: diversidade	composição textual	Ampla	75
27	27 - implantado: Programa Inclusão, Diversidade e Equidade	composição textual	Ampla	77
28	Diversidade	título/subtítulo	Ampla	80
29	posição: valoriza a qualidade das relações, a diversidade	composição textual	Ampla	80
30	Plataforma de Diversidade e Inclusão	composição textual	Ampla	80
31	aspectos da diversidade	composição textual	Ampla	80
32	movimento de aprofundar a vivência da diversidade (Caso Beto)	composição textual	Racial	81
33	criação: Comitê Independente pela Diversidade	composição textual	Racial	81
34	contin. item 33: líderes pela diversidade /personalidades ativistas	composição textual	Racial	81
35	site Beto: políticas de diversidade da empresa	composição textual	Racial	81
36	afroempreendedores: letramento sobre raça e diversidade	composição textual	Racial	82
37	Dia da Diversidade	título/subtítulo	Ampla	83
38	aumento da diversidade em seu ecossistema	composição textual	Ampla	83
39	a diversidade social e a luta contra o racismo	composição textual	Racial	87
40	diretriz de fomento à diversidade e combate ao racismo	composição textual	Racial	96
41	promover a diversidade e a inclusão social	composição textual	Ampla	99
42	Percentual de Indivíduos que Integram os Órgãos de Governança da Companhia em Cada uma das Seguintes Categorias de Diversidade	descrição de tabela	Ampla	131
43	Diversidade em Órgãos de Governança e Empregados	descrição de tabela	Ampla	131
44	Percentual de Empregados por Categoria Funcional em Cada uma das Seguintes Categorias de Diversidade (gênero)	descrição de tabela	Ampla	132
45	Percentual de Empregados por Categoria Funcional	descrição de tabela	Racial	132

	em Cada uma das Seguintes Categorias de Diversidade (idade/raça)			
46	Diversidade e Igualdade de Oportunidades	sumário	Ampla	144
47	Diversidade dos grupos responsáveis pela governança e entre os colaboradores	sumário	Ampla	144

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: A palavra diversidade surge no vocabulário do alto escalão, ao informar protagonismo em contratações diversas, promoção e valorização. O presidente ainda cita os 10 anos da plataforma. A diversidade racial figura importância nos assuntos tratados. O histórico das ações é apresentado no relatório. A empresa apresenta seus prêmios na categoria Diversidade. O marketing passa a considerar as diferenças de raça. O comitê da diversidade ainda está em vigência. O termo é usado para outros temas. A diversidade é tema de políticas, capacitações sobre letramento raciais e outros, ações, eventos, fiscalizações e punições (tolerância zero). O site Não esqueceremos é criado e concentra os documentos e anúncios da empresa sobre o assunto e sobre racismo. Os dados de cargos são apresentados em diversidade de gênero, de raça e etária.

QUADRO 50 — PALAVRA INCLUSÃO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Inclusão - 43 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) pessoas negras e outras p/ a inclusão mercado de trabalho	composição textual	Racial	3-4
2	(pres.) investimento ações de inclusão e de combate ao racismo	composição textual	Racial	4
3	inclusão de minorias e empreendedorismo negro	composição textual	Racial	12
4	ações de diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	12
5	inclusão digital e financeira	composição textual	Ampla	12
6	2012: Lançamento da Plataforma de Diversidade e Inclusão	histórico	Ampla	18
7	iniciativas de inclusão : grupos minorizados	composição textual	Ampla	22
8	contratos de segurança: inclusão de cláusula antirracista	composição textual	Racial	38
9	fornecedores: anunciar a inclusão de uma cláusula antidiscriminação	composição textual	Ampla	39
10	diretrizes de inclusão : novas regras diálogo com	composição textual	Ampla	39

	cliente			
11	Inclusão dos Pequenos Produtores	título/subtítulo	Ampla	48
12	inclusão de pequenos fornecedores	composição textual	Ampla	48
13	inclusão dos produtos regionais e nativos	composição textual	Ampla	50
14	produtor: promover a inclusão socioeconômica	composição textual	Ampla	51
15	inclusão socioeconômica da agricultura familiar	composição textual	Ampla	51
16	cultura: a diversidade e inclusão como prioridade	composição textual	Ampla	72
17	implantado 2021: Programa Inclusão , Diversidade e Equidade	composição textual	Ampla	77
18	inclusão do nível de líder nos processos de avaliação	composição textual	Ampla	78
19	disparidades históricas: busca de mais igualdade e inclusão social	composição textual	Ampla	79
20	implantada 2012: Plataforma Diversidade e Inclusão /ações afirmativas raça e outros	composição textual	Racial	80
21	práticas de inclusão e valorização livres de vieses inconscientes	composição textual	Ampla	80
22	Praticamos a cultura da inclusão	composição textual	Ampla	82
23	Dia da Diversidade: ação afirmativa inclusão negra e outras em seu ecossistema	composição textual	Racial	83
24	continuidade item 23: Dia da Diversidade: negros e outros / inclusão de profissionais no mercado	composição textual	Racial	83
25	Os Processos de Formação Enfatizam a Inclusão e Valorização Livres de Vieses Inconscientes	dado/frase em destaque	Ampla	83
26	capacitação EAD pandemia: a inclusão dos colaboradores	composição textual	Ampla	84
27	projetos sociais: para a sociedade, em forma de inclusão	composição textual	Ampla	87
28	preços acessíveis: inclusão social e econômica	composição textual	Ampla	87
29	Inclusão socioeconômica de pequenos produtores	descrição de gráfico	Ampla	88
30	Inclusão social e financeira	descrição de gráfico	Ampla	88
31	pequenos produtores: inclusão no mercado	composição textual	Ampla	94
32	fornecedores: inclusão de afroempreendedores	composição textual	Racial	96
33	O Grupo Incentiva a Inclusão de Afroempreendedores na Carteira de Fornecedores para a Inserção de Produtos nas	dado/frase em destaque	Racial	96

	Lojas ou na Prestação de Serviço			
34	inclusão dos alimentos saudáveis	composição textual	Outro tema	97
35	Inclusão Socioeconômica por Meio da Política de Preços	título/subtítulo	Ampla	99
36	posição: promover a diversidade e a inclusão social	composição textual	Ampla	99
37	Com uma Estrutura Capilarizada, o Banco se Posicionou como uma Plataforma de Inclusão Financeira de Longo Alcance no Brasil	dado/frase em destaque	Ampla	116
38	banco carrefour: plataforma de inclusão financeira	composição textual	Ampla	116
39	plataformas relacionamento do banco: inclusão digital	composição textual	Ampla	116
40	banco carrefour: decisivo para a inclusão financeira	composição textual	Ampla	116
41	mercado de capitais: inclusão das ações do Carrefour	composição textual	Outro tema	118
42	inclusão de novas áreas no Desenvolvimento Sustentável	composição textual	Outro tema	149
43	orientações de ingredientes: redução e/ou eliminação e/ou inclusão	composição textual	Outro tema	150

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: A presidência também faz uso da palavra inclusão na carta à comunidade Carrefour, inserindo relevância na inclusão de pessoas negras nos espaços da empresa e de combate ao racismo. O empreendedorismo de negros e demais minorias é citado. A inclusão digital, de produtos e no mercado de capitais é um dos outros assuntos. Costuma estar atrelada ao termo diversidade, sendo muitas das inferências e intenções similares na exposição. A cláusula antirracista é inclusa para fornecedores e prestadores de serviços de segurança. As disparidades históricas são consideradas para os processos inclusórios.

QUADRO 51 — PALAVRA (DES)IGUALDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: (des)Igualdade - 5 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	tema: igualdade no relacionamento com os <i>stakeholders</i> (ecossistema)	composição textual	Ampla	12

2	posição: a desigualdade socioeconômica	composição textual	Ampla	44
3	colaboradores atacarão dizem: a igualdade de oportunidades	composição textual	Ampla	78
4	disparidades históricas: mais igualdade e inclusão social	composição textual	Ampla	79
5	Diversidade e Igualdade de Oportunidades	sumário	Ampla	144

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: O vocábulo igualdade tem a intenção de aproximar o ecossistema social da empresa. Ainda trata-se de igualdade de oportunidades, combate às desigualdades e equalização de desigualdades históricas.

QUADRO 52 — PALAVRA COMPLIANCE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: <i>Compliance</i> - 14 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Ética e <i>Compliance</i>	índice	Ampla	2
2	Ética e <i>Compliance</i>	título/subtítulo	Ampla	30
3	fornecedores: programa específico de <i>compliance</i> socioambiental	composição textual	Ampla	33
4	comitê novos comportamentos equipes e gestão: Jurídico, <i>Compliance</i> e Inteligência Corporativa	composição textual	Ampla	33
5	Ética e <i>Compliance</i> (gestão de riscos)	título/subtítulo	Ampla	36
6	Programa de <i>Compliance</i> : inteligência corporativa/incidente/denúncia	composição textual	Ampla	36
7	estrutura de gestão de risco: Ética e <i>Compliance</i>	descrição de gráfico	Ampla	36
8	revisão de processos: <i>Compliance</i> e outros	composição textual	Ampla	37
9	fortalecimento estrutura de ética e <i>compliance</i>	composição textual	Ampla	53
10	denúncias e emergências: investigadas pela Área de <i>Compliance</i>	composição textual	Ampla	66
11	responsabilidade social: Área de Gestão de Riscos e <i>Compliance</i>	composição textual	Ampla	89
12	A Gestão de Responsabilidade Social Conta com uma Sólida Governança, Vinculada à Área de <i>Compliance</i>	dado/frase em destaque	Ampla	89
13	os avanços em <i>compliance</i> e governança fornecedores	composição textual	Ampla	102

14	riscos fornecedores: Saiba mais no capítulo Ética e <i>compliance</i>	composição textual	Ampla	102
----	---	--------------------	-------	-----

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: Os dados sobre compliance se assemelham aos de 2020.

QUADRO 53 — PALAVRA CONSULTORIA(S) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Consultoria(s) - 6 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	ações antirracismo: empreendedorismo com oferta de consultoria	composição textual	Racial	64
2	investimentos sociais: apoio de consultorias e outros	composição textual	Ampla	89
3	afroempreendedores: consultoria p/ compor carteira de fornecedores	composição textual	Racial	96
4	avaliação de integridade: operação conjunta p/ consultorias / interno	composição textual	Ampla	103
5	avaliação de nutrição por uma consultoria especializada	composição textual	Outro tema	150
6	Coordenação Diretoria de Sustentabilidade Consultoria	créditos	Outro tema	152

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: A palavra consultoria se aplica a muitas áreas do negócio, assumindo pela primeira vez descrição para questões racias e de controle de riscos.

QUADRO 54 — PALAVRA RAÇA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Raça - 8 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	tolerância zero: combate ao racismo/discriminação de raça e etnia	composição textual	Racial	38
2	Perfil de Colaboradores - por Raça (%)	descrição de gráfico	Racial	73
3	segurança: ONG Odabá – Afroempreendedorismo: letramento raça e diversidade p/ lideranças e novos contratados	composição textual	Racial	38

4	Categoria Funcional e Raça (%)	descrição de tabela	Racial	132
5	Total de Funcionários por Raça	descrição de tabela	Racial	133
6	Total de Funcionários: Raça vs Gênero	descrição de tabela	Racial	133
7	Funcionários por Idade e Raça	descrição de tabela	Racial	134
8	Funcionários por Cargo e Raça	descrição de tabela	Racial	134

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: Raça surge principalmente em três contextos: combate, classificação identitária conforme o IBGE e capacitações. letramento de raça para colaboradores e demais membros correlacionados à empresa.

QUADRO 55 — PALAVRA ETNIA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Etnia - 1 vez				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	tolerância zero: combate ao racismo/discriminação de raça e etnia	composição textual	Racial	38

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: O termo etnia se apresenta no horizonte de combate ao racismo e à discriminação.

QUADRO 56 — PALAVRA RACIAL EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Racial - 6 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) educação colaboradores letramento racial	composição textual	Racial	4
2	(pres.) maior investimento privado: prol da equidade racial	composição textual	Racial	4
3	posição: agenda de diversidade racial e ao combate ao racismo	composição textual	Racial	22
4	comitê: treinamento e contratação: ênfase em letramento racial	composição textual	Racial	38
5	ações antirracismo: treinamento letramento racial p/ colaboradores	composição textual	Racial	64
6	marketing: participação – racial , etária, entre outras	composição textual	Racial	70

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: A palavra racial é usada pelo presidente, para assuntos de marketing, capacitações, equidade e combate ao racismo.

QUADRO 57 — PALAVRA AFRO(PREFIXO) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Afro (prefixo) - 9 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	ações antirracismo: editais contemplam organizações afro-brasileiras	composição textual	Racial	64
2	ações antirracismo: espaço (e)lojas para afroempreendedores	composição textual	Racial	64
3	parceria com a ONG Odabá – Associação de Afroempreendedorismo	composição textual	Racial	82
4	afroempreendedores colaboram letramento sobre raça e diversidade	composição textual	Racial	82
5	rede de parcerias: Afrobusiness (nome da empresa)	composição textual	Racial	89
6	rede de parcerias: Odabá – Associação de Afroempreendedorismo	composição textual	Racial	89
7	Afroempreendedores	título/subtítulo	Racial	96
8	medidas: inclusão de afroempreendedores carteira de fornecedores	composição textual	Racial	96
9	O Grupo Incentiva a Inclusão de Afroempreendedores na Carteira de Fornecedores para a Inserção de Produtos nas Lojas ou na Prestação de Serviço	dado/frase em destaque	Racial	96

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: Atende as questões de contratação de empreendedores negros e de oferta de cursos, capacitações e fomentos.

QUADRO 58 — PALAVRA NEGRO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Negro(as) - 31 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.

1	(pres.) inclusão de pessoas negras e outras p/ diversidade	composição textual	Racial	3-4
2	incentivo ao empreendedorismo negro	composição textual	Racial	12
3	busca por interlocutores na imprensa negra	composição textual	Racial	22
4	social: > percentual de mulheres e negros na alta gestão	composição textual	Racial	26
5	presença de mulheres e negros em cargos de direção	composição textual	Racial	27
6	quadro colaboradores: 64% negros e 36% mulheres	composição textual	Racial	38
7	continuidade item 6: representatividade: 50% de negros e de mulheres	composição textual	Racial	38
8	segurança: espelhar a diversidade c/ pessoas negras e mulheres	composição textual	Racial	39
9	ações antirracismo: apoio social a pessoas negras	composição textual	Racial	64
10	ações antirracismo: editais c/ entidades: empreendedorismo negro	composição textual	Racial	64
11	ações antirracismo: ações p/ pessoas negras	composição textual	Racial	64
12	retenção/atração de talentos: 50% de negros e 50% de mulheres	composição textual	Racial	74
13	100 Pessoas Negras Com Carreiras Aceleradas	dado/frase em destaque	Racial	76
14	30 Vagas no Programa Talentos do Futuro – Liderança Negra	dado/frase em destaque	Racial	76
15	desenvolver e acelerar carreira de minorizados: negras e outras	composição textual	Racial	77
16	programa estágio afirmativo 2021: Central Única das Favelas (CUFA)/assessoria Companhia de Talentos: custeio universidade p/ pessoas negras	composição textual	Racial	83
17	Talentos do Futuro 2021: Liderança Negra	título/subtítulo	Racial	83
18	2021: aceleração carreira p/ profissionais negros	composição textual	Racial	83
19	Dia Diversidade: grupo atento contratação mulheres/pessoas negras	composição textual	Racial	83
20	exposição/ <i>marketplace</i> : produtos de empreendedores negros	composição textual	Racial	96
21	a aceleração de empreendedores negros	composição textual	Racial	96
22	Diversidade Órgãos de Governança Negros(as)	descrição de tabela	Racial	132
23	Negros(as) (categoria)	descrição de tabela	Racial	132
24	Categoria Funcional e Raça (%) 2021	descrição de tabela	Racial	132

	Negros(as)			
25	Total de Funcionários por Raça: Negro	descrição de tabela	Racial	133
26	Total de Funcionários por Raça e Gênero: Negro	descrição de tabela	Racial	133
27	Funcionários por Idade e Raça 2021: Negro	descrição de tabela	Racial	134
28	Funcionários por Idade e Raça 2020: Negro	descrição de tabela	Racial	134
29	Funcionários por Cargo e Raça 2021: Negro	descrição de tabela	Racial	134
30	Funcionários por Cargo e Raça 2020: Negro	descrição de tabela	Racial	134
31	Nível de Cargo: negros	descrição de tabela	Racial	136

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: Os usos anteriores (2020) são retomados. Ainda se explora o termo na descrição de dados sobre cargos e espaços de liderança por raça, gênero e idade, comparando os números de 2020 e 2021.

QUADRO 59 — PALAVRA PRETO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Preto(as) - 3 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) 54,07% da liderança se autodeclaram pretos ou pardos	composição textual	Racial	4
2	2 - perfil colaboradores por raça: Pretos	descrição de gráfico	Racial	73
3	ação social: prioriza apoio pessoas pretas /outras	composição textual	Racial	89

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: Recorte de raça pelo IBGE.

QUADRO 60 — PALAVRA PARDO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Pardo(as) - 2 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) 54,07% da liderança se autodeclaram pretos ou pardos	composição textual	Racial	4
2	perfil colaboradores por raça: Pardos	descrição de gráfico	Racial	73

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: Recorte de raça pelo IBGE.

QUADRO 61 — PALAVRA RACISMO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Racismo - 25 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) responsabilidade em combater o racismo estrutural	composição textual	Racial	4
2	(pres.) investimento ações inclusão e de combate ao racismo	composição textual	Racial	4
3	(pres.) indicadores: destaque p/ luta contra o racismo estrutural	composição textual	Racial	6
4	temas materiais: Diversidade e Combate ao Racismo Estrutural	título/subtítulo	Racial	11
5	tema - Diversidade e combate ao racismo estrutural	composição textual	Racial	12
6	2020: início do Programa de Combate ao Racismo Estrutural	histórico	Racial	18
7	agenda de diversidade racial e ao combate ao racismo	composição textual	Racial	22
8	posição: combate ao racismo	composição textual	Racial	33
9	ações: combater manifestações de racismo estrutural	composição textual	Racial	35
10	tolerância zero: combate ao racismo /discriminação	composição textual	Racial	38
11	segurança: política t. zero ao racismo e à discriminação	composição textual	Racial	39
12	posição: combate ao racismo e à discriminação	composição textual	Racial	64
13	editais para organizações: enfrentamento ao racismo	composição textual	Racial	64
14	compromissos: combate ao racismo estrutural	composição textual	Racial	64
15	compromisso irrevogável de lutar contra o racismo	composição textual	Racial	64
16	práticas p/ combater o racismo	composição textual	Racial	64
17	fortalecimento dos canais de denúncia sobre racismo	composição textual	Racial	64
18	promoção de eventos de difusão do combate ao racismo	composição textual	Racial	64
19	atendente virtual: registro de ocorrências de	composição textual	Racial	70

	racismo			
20	marketing: tolerância zero ao racismo como direcionadores	composição textual	Racial	70
21	Tolerância Zero ao Racismo Estrutural	título/subtítulo	Racial	81
22	segurança (posição): não aceitamos forma racismo	composição textual	Racial	82
23	luta contra o racismo dentro e fora do negócio	composição textual	Racial	87
24	diretriz de fomento à diversidade e combate ao racismo	composição textual	Racial	96
25	fornecedores: combate ao racismo estrutural	composição textual	Racial	102

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: É um tema trazido pela presidência com mais ênfase. As aplicações de 2020 que se repetem e as práticas são descritas acerca do termo.

QUADRO 62 — PALAVRA PRECONCEITO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Preconceito - 1 vez				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	segurança: segurança (posição): não aceitamos forma preconceito	composição textual	Ampla	82

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: A empresa se posiciona contra qualquer tipo de preconceito.

QUADRO 63 — PALAVRA DISCRIMINAÇÃO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Discriminação - 15 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) políticas de tolerância zero à violência e à discriminação	composição textual	Ampla	4
2	(pres.) ações: combate à discriminação	composição textual	Ampla	4
3	(pres.) ações de combate à discriminação	composição textual	Ampla	4
4	pilares sistema de integridade: recusar qualquer discriminação	composição textual	Ampla	31
5	denúncias: aumento significativo de relatos de discriminação	composição textual	Ampla	34

6	tolerância zero: combate ao racismo e à discriminação	composição textual	Racial	38
7	ação fornecedores: t. zero combate ao racismo e à discriminação	composição textual	Racial	39
8	ações antirracismo: combate ao racismo e à discriminação	composição textual	Racial	64
9	ações: implantação da Política de Tolerância Zero à Discriminação	composição textual	Ampla	64
10	ações: eventos p/ combate ao racismo e discriminação	composição textual	Racial	64
11	denúncias: aumento nos relatos de discriminação	composição textual	Ampla	66
12	segurança: segurança (posição): não aceitamos forma discriminação	composição textual	Ampla	82
13	fornecedor: cláusula repúdio ato de discriminação	composição textual	Ampla	39
14	Proporção entre o Salário mais Baixo e o Salário Mínimo Local, com Discriminação por Gênero	descrição de tabela	Ampla	140
15	Proporção entre o salário mais baixo e o salário mínimo local, com Discriminação por gênero	sumário	Ampla	140

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: A palavra discriminação se aproxima das abordagens de 2020.

QUADRO 64 — PALAVRA ANTIRRACISMO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Antirracismo - 2 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Ações antirracismo	índice	Racial	2
2	Ações antirracismo	título/subtítulo	Racial	64

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: O antirracismo se aproxima das ações executadas e em planejamento.

QUADRO 65 — PALAVRA ANTIRRACISTA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2021.

Palavra: Antirracista - 4 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	posição: compromisso público com a causa antirracista	composição textual	Racial	38
2	cláusula antirracista / treinamento segurança	composição textual	Racial	38
3	compromissos (ecossistema): plano luta antirracista	composição textual	Racial	81
4	hotsite Não Vamos Esquecer: ações antirracistas	composição textual	Racial	81

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2021.

Descrição: A palavra antirracista exprime as questões político-organizativas, a posição do empreendimento e respostas ao caso Beto.

RELATÓRIO/ANO: 2022

QUADRO 66 — PALAVRA EQUIDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Equidade - 7 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) programas afirmativos com foco na equidade racial	composição textual	Ampla	4
2	Em busca da Equidade Racial no Grupo Carrefour Brasil	título/subtítulo	Racial	36
3	Acesse o QR Code: ações da agenda pela equidade racial	composição textual	Racial	37
4	Equidade racial na cadeia de abastecimento	título/subtítulo	Racial	37
5	compromisso: equidade/inclusão pessoas negras	composição textual	Racial	44
6	A equidade de gêneros como compromisso	título/subtítulo	Ampla	45
7	equidade de gênero no ambiente profissional	composição textual	Ampla	45

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: O presidente discorre sobre equidade racial. A palavra surge destacada em títulos e subtítulos e algumas vezes ao longo do texto. O tema também se aproxima das questões de gênero.

QUADRO 67 — PALAVRA DIVERSIDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Diversidade - 26 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Combate ao desmatamento e proteção da diversidade	índice	Ampla	2
2	(pres.) modelo de negócios: diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	4
3	reconhecimento 2022: Selo Paulista Diversidade Estado de S. Paulo	composição textual	Ampla	6
4	indicadores: compromissos com a diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	13
5	posição: chama da equipe e da diversidade	composição textual	Ampla	13
6	temas materiais: Diversidade e Combate ao Racismo Estrutural	título/subtítulo	Racial	14
7	Inclusão e diversidade	título/subtítulo	Ampla	15
8	signatário do acordo internacional para a promoção da diversidade	composição textual	Ampla	21
9	continuidade item 8: documento global da diversidade	composição textual	Ampla	21
10	posição: agenda de transformação p/ da diversidade	composição textual	Ampla	33
11	valorização diversidade ênfase pessoas negras	composição textual	Racial	33
12	posição: conceito de diversidade é aplicado de forma transversal	composição textual	Ampla	37
13	marcas próprias: diversidade de produtos	composição textual	Outro tema	39
14	promovido a diversidade internamente	composição textual	Ampla	44
15	Grupo Carrefour Brasil: diversidade seja refletida	composição textual	Ampla	44
16	relato: a diversidade e a aceleração de carreira pretos e pardos	colaborador	Racial	44
17	Ellas (programa): estratégia de inclusão e diversidade	composição textual	Ampla	45
18	Julienne L. Paula, Analista de Diversidade e Inclusão	colaboradora	Ampla	45
19	Julienne L. Paula, Analista de Diversidade e Inclusão	colaboradora	Ampla	45
20	projetos: pilares de diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	56
21	marcas próprias: diversidade de produto	composição textual	Outro tema	66

22	promover a diversidade de espécie	composição textual	Outro tema	85
23	continuidade item 22: produtos diversidade de frutos do mar	composição textual	Outro tema	85
24	pilares: Diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	95
25	Diversidade e igualdade de oportunidades	sumário	Ampla	108
26	Diversidade órgãos governança e empregados	sumário	Ampla	108

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021 nas três abordagens destacadas (ampla, racial e outros temas).

QUADRO 68 — PALAVRA INCLUSÃO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Inclusão - 28 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) compromissos transversais: diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	4
2	reconhecimento 2022: Diversidade Instituto Ethos e Época Negócios/ práticas de Inclusão	composição textual	Ampla	6
3	banco: braço decisivo para a inclusão financeira	composição textual	Ampla	9
4	indicadores: compromissos com a diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	13
5	Inclusão e diversidade	título/subtítulo	Ampla	15
6	prioridades ESG (23-26) - Inclusão de pessoas com deficiência	composição textual	Ampla	15
7	prioridades ESG (23-26) - Desenvolvimento e inclusão social	composição textual	Ampla	15
8	compromissos: Rede Empresarial de Inclusão Social (REIS)	composição textual	Ampla	31
9	continuidade item 8: práticas de inclusão no trabalho PCD	composição textual	Ampla	31
10	compromisso antirracista: agenda da inclusão e afins	composição textual	Racial	33
11	ênfase na inclusão de pessoas negras	composição textual	Racial	33
12	posição: a inclusão é uma prioridade	composição textual	Ampla	40
13	Diversidade: iniciativas de inclusão	título/subtítulo	Ampla	44
14	<i>trainne</i> : maior equidade e inclusão de pessoas negras na empresa	composição textual	Racial	44

15	ações afirmativas: o aumento da inclusão	composição textual	Ampla	44
16	foco: inclusão e aceleração de carreira p/ pretos e pardos	composição textual	Racial	44
17	ELLAS: desenvolvimento inclusão /diversidade	composição textual	Ampla	45
18	Julienne L. Paula, Analista de Diversidade e Inclusão	colaboradora	Ampla	45
19	Julienne L. Paula, Analista Diversidade / Inclusão	colaboradora	Ampla	45
20	Inclusão de pessoas com deficiência	título/subtítulo	Ampla	46
21	compromisso/prioridade: inclusão PCD	composição textual	Ampla	45
22	disparidades históricas: igualdade/ inclusão social	composição textual	Ampla	47
23	ação social: pilares de diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	56
24	produtos fornecedores: eliminação e/ou inclusão de ingredientes	composição textual	Outro tema	71
25	pesca artesanal: inclusão social e produtiva	composição textual	Ampla	85
26	pesca artesanal: inclusão produtiva pescadores	composição textual	Ampla	85
27	pequenos produtores: inclusão no mercado	composição textual	Ampla	92
28	pilares: Diversidade e inclusão	composição textual	Ampla	95

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021 nas três abordagens destacadas (ampla, racial e outros temas).

QUADRO 69 — PALAVRA (DES)IGUALDADE EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: (des)Igualdade - 9 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) combate à fome e às desigualdades	composição textual	Ampla	4
2	Combate à fome e à desigualdade	título/subtítulo	Ampla	15
3	empoderamento: signatária pela ONU/ações de igualdade de gênero	composição textual	Ampla	31
4	Igualdade de Gênero	título/subtítulo	Ampla	32
5	Paridade salarial/disparidades históricas: igualdade e inclusão social	composição textual	Ampla	47
6	rede de apoio social: desigualdades sociais	composição textual	Ampla	53
7	desempenho: Igualdade de Gênero	dado/frase em destaque	Ampla	94
8	posição: ações nos pilares combate às desigualdades	composição textual	Ampla	95

9	Diversidade e igualdade de oportunidades	sumário	Ampla	108
---	---	---------	-------	-----

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021 nas três abordagens destacadas (ampla, racial e outros temas).

QUADRO 70 — PALAVRA *COMPLIANCE* EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: <i>Compliance</i> - 15 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	unidade conta com um responsável um de <i>Compliance</i>	composição textual	Ampla	21
2	acompanhamento pela Área <i>Compliance</i>	composição textual	Ampla	22
3	Ética e <i>Compliance</i> : áreas mais expostas a risco	composição textual	Ampla	22
4	sistema de integridade: desenvolvimento de <i>compliance</i>	composição textual	Ampla	22
5	prevenção assédio moral: equipes de <i>Compliance</i>	composição textual	Ampla	23
6	reunião comitê: Área de Ética e <i>Compliance</i>	composição textual	Ampla	25
7	treinamento: Ética e <i>Compliance</i> no tratamento de denúncias	composição textual	Ampla	26
8	2022: políticas relacionadas à <i>compliance</i>	composição textual	Ampla	26
9	continuidade item 8: publicadas pela Área de Ética e <i>Compliance</i>	composição textual	Ampla	26
10	riscos: Diretoria de Riscos, <i>Compliance</i> e Controles	composição textual	Ampla	27
11	Sistema de Gestão de Riscos: <i>Compliance</i> e outros	composição textual	Ampla	27
12	ABVTEX: prol do <i>compliance</i> /trabalho digno	composição textual	Ampla	29
13	compromissos: Initiative for <i>Compliance</i> and Sustainability (ICS) / boas práticas	composição textual	Ampla	31
14	Iniciativa <i>Compliance</i> e Sustentabilidade (ICS)/condições trabalho	composição textual	Ampla	90
15	ABVTEX fornecedores: melhores práticas de <i>compliance</i>	composição textual	Ampla	90

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021 nas três abordagens destacadas (ampla, racial e outros temas).

QUADRO 71 — PALAVRA CONSULTORIA(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Consultoria(s) - 3 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	segurança alimentar: consultorias regulatórias	composição textual	Outro tema	69
2	Paiche: consultoria especializada pescado	composição textual	Outro tema	84
3	Consultoria , conteúdo e design TheMediaGroup	créditos	Outro tema	112

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021

QUADRO 72 — PALAVRA RAÇA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Raça - 3 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Colaboradores grupos por raça/etnia : negros(as)	descrição de tabela	Racial	102
2	Colaboradores grupos por raça/etnia :brancos(as)	descrição de tabela	Racial	102
3	Colaboradores grupos por raça/etnia : outras	descrição de tabela	Racial	102

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021 nas três abordagens destacadas (ampla, racial e outros temas).

QUADRO 73 — PALAVRA ETNIA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Etnia - 3 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Colaboradores grupos por raça/etnia : negros(as)	descrição de tabela	Racial	102
2	Colaboradores grupos por raça/etnia :brancos(as)	descrição de tabela	Racial	102
3	Colaboradores grupos por raça/etnia : outras	descrição de tabela	Racial	102

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021.

QUADRO 74 — PALAVRA RACIAL EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Racial - 8 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) programas afirmativos equidade racial	composição textual	Racial	4
2	(pres.) público interno: treinamento para letramento racial	composição textual	Racial	4
3	indicadores: discriminação racial auditoria externa anual	composição textual	Racial	25
4	equipe interna: programa de letramento racial	composição textual	Racial	34
5	Em busca da equidade racial no Grupo Carrefour Brasil	título/subtítulo	Racial	36
6	Acesse o QR Code: ações equidade racial	composição textual	Racial	37
7	Equidade racial na cadeia de abastecimento	título/subtítulo	Racial	37
8	relato: questão racial estrutural país	colaborador	Racial	44

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021 nas três abordagens destacadas (ampla, racial e outros temas).

QUADRO 75 — PALAVRA AFRO(PREFIXO) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Afro(prefixo) - 3 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	aceleração: promover educação empreendedora afrocentrada	composição textual	Racial	36
2	programa Aceleração ao Afroempreendedorismo	composição textual	Racial	37
3	continuidade item 2: afroempreendedores p/ apresentarem propostas	composição textual	Racial	37

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021. Além do termo afrocentrada em prol de um anseio educacional.

QUADRO 76 — PALAVRA NEGRO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Negro(as) - 41 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) chegamos a 40% de pessoas negras	composição textual	Racial	4
2	Conselho de Administração: sendo 1 negra	dado/frase em destaque	Racial	18
3	continuidade item 2: (7% de participação negra)	dado/frase em destaque	Racial	18
4	compromisso:100 negros em programas de aceleração	dado/frase em destaque	Racial	33
5	combate discriminação/racismo: valorização de pessoas negras	composição textual	Racial	33
6	enfrentamento racismo institucional: ênfase inclusão pessoas negras	composição textual	Racial	33
7	ações: investimento qualificação profissional de negros e negras	composição textual	Racial	33
8	continuidade item 7: qualificação profissional de negros e negras	composição textual	Racial	33
9	ações: apoio à formação profissional de jovens negros e negras	composição textual	Racial	33
10	continuidade item 9: profissional de jovens negros e negras	composição textual	Racial	33
11	ações: fixação percentual mínimo 50% de negros novas contratações	composição textual	Racial	33
12	ações: estímulo ao empreendedorismo negro p/ aceleradora	composição textual	Racial	33
13	agentes fiscalização (uso bodycams): formação de mulheres e negros	composição textual	Racial	34
14	ações afirmativas: bolsas estudos acesso/permanência p/ pessoas negras (CEBRASPE)	composição textual	Racial	35
15	bolsas priorizam cursos: baixa representatividade estudantes negros - -	composição textual	Racial	35
16	Inova Tec: bolsa estudo (jovens) pessoas negras	composição textual	Racial	35
17	Gastronomia Periférica: grande parte beneficiadas mulheres negras	composição textual	Racial	35
18	2022: com 59% de pessoas negras entre os seus colaboradores	composição textual	Racial	36
19	O Grupo Carrefour Brasil encerrou 2022 com 59% de pessoas negras entre os seus colaboradores.	dado/frase em destaque	Racial	36

20	continuidade item 19: Na liderança, 40% dos cargos são ocupados por pessoas negras .	dado/frase em destaque	Racial	36
21	contratados 44.359 colaboradores negros (meta 30 mil)	composição textual	Racial	36
22	abertura espaços: visibilidade social p/ pessoas negras	composição textual	Racial	36
23	40% Percentual de headcount de pessoas negras na liderança (gerência e acima).	dado/frase em destaque	Racial	41
24	23% Percentual de headcount de pessoas negras na Diretoria.	dado/frase em destaque	Racial	41
25	59% Percentual de headcount de pessoas negras	dado/frase em destaque	Racial	41
26	Diversidade: iniciativas de inclusão de pessoas negras e outras	composição textual	Racial	44
27	2022: 1ª edição do Programa de Trainee Liderança Negra	composição textual	Racial	44
28	2022: 2ª edição do Trainee de Liderança Negra	composição textual	Racial	44
29	programa: maior equidade e inclusão de pessoas negras	composição textual	Racial	44
30	avanço: balanço do programa tecnologia p/ pessoas negras	composição textual	Racial	44
31	relato: pude participar do programa de liderança negra	colaborador	Racial	44
32	Diretoria e gerencia ocupação: Negros(as)	descrição de tabela	Racial	44
33	Objetivos estratégicos da liderança feminina (%) - Posição executiva de mulheres negras Dir+	descrição de tabela	Racial	46
34	34 - Objetivos estratégicos da liderança feminina (%) - Posição executiva Mulheres negras Ger+	descrição de tabela	Racial	46
35	Acelera Iaô (Bahia): maior percentual de pessoas negras	composição textual	Racial	57
36	Colaboradores do grupo: % do headcount por raça/etnia – negros e negras	descrição de tabela	Racial	102
37	Colaboradores do grupo: % do headcount por raça/etnia – negros e negras	descrição de tabela	Racial	102
38	Headcount (número de funcionários) em cargos de gerência e acima: Sendo pessoas negras	descrição de tabela	Racial	102
39	Headcount em cargos de gerência e acima: Sendo mulheres negras	descrição de tabela	Racial	102
40	Headcount na Diretoria: Sendo pessoas negras	descrição de tabela	Racial	102
41	41 - Headcount na Diretoria: Sendo mulheres	descrição de tabela	Racial	102

	negras			
--	---------------	--	--	--

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021. Foca também nas ações internas e externas para a busca pela equidade racial na empresa e na sociedade.

QUADRO 77 — PALAVRA PRETO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Preto(as) - 2 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	relato: liderança para a aceleração de carreira para pretos e pardos	colaboradora	Racial	44
2	relato: Acelera Iaô: profissional, empreendedora e mulher preta	colaboradora	Racial	57

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021. E ainda autorreferênciação como mulher preta.

QUADRO 78 — PALAVRA PARDO(AS) EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Pardo(as) - 1 vez				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	relato: liderança para a aceleração de carreira para pretos e pardos	colaboradora	Racial	44

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021.

QUADRO 79 — PALAVRA RACISMO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Racismo - 13 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) combate incondicional todas formas de racismo /discriminação	composição textual	Racial	4
2	temas materiais: Diversidade e Combate ao	título/subtítulo	Racial	14

	Racismo Estrutural			
3	Prioridades ESG: Combate ao racismo	composição textual	Racial	15
4	canal de denúncia: relatos de discriminação e racismo	composição textual	Racial	25
5	continuidade item 4: concepção humanizada ao tratar racismo	composição textual	Racial	25
6	agenda antirracista: combate ao racismo estrutural	composição textual	Racial	33
7	plano de ação: enfrentamento do racismo institucional	composição textual	Racial	33
8	ações antirracistas: tolerância zero ao racismo e à discriminação	composição textual	Racial	33
9	segurança: sem qualquer preconceito, discriminação e racismo	composição textual	Racial	34
10	programas de aceleração: combate ao racismo	composição textual	Racial	36
11	visibilidade: questões de combate ao racismo estrutural	composição textual	Racial	36
12	ESG compromissos: combatendo o racismo estrutural e outros	composição textual	Racial	95
13	Investimento social: Total de recursos aplicados de combate ao racismo (TAC + Orçamento Extra TAC)	descrição de tabela	Racial	104

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021.

QUADRO 80 — PALAVRA PRECONCEITO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Preconceito - 1 vez				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	segurança (regra): sem qualquer forma de preconceito	composição textual	Ampla	34

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021.

QUADRO 81 — PALAVRA (ANTI)DISCRIMINAÇÃO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: (anti)Discriminação - 16 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	(pres.) combate formas de racismo e discriminação	composição textual	Racial	4
2	Atendimento exclusivo antidiscriminação	título/subtítulo	Ampla	25
3	canal de denúncia: relatos de discriminação e racismo	composição textual	Racial	25
4	canal atendimento exclusivo à antidiscriminação	composição textual	Ampla	25
5	denúncias no canal exclusivo antidiscriminação	composição textual	Ampla	25
6	indicadores: discriminação racial (auditoria externa)	composição textual	Racial	25
7	linha de atendimento antidiscriminação : acesse o QR Code	composição textual	Ampla	25
8	agenda antirracista: combate à discriminação	composição textual	Racial	33
9	ações transversais: combate à discriminação pessoas negras	composição textual	Ampla	33
10	combate à discriminação enfrentamento do racismo	composição textual	Racial	33
11	tolerância zero ao racismo e à discriminação	composição textual	Racial	33
12	divulgação da política de tolerância zero à discriminação (racial)	composição textual	Racial	33
13	sem preconceito, discriminação e racismo	composição textual	Racial	34
14	Proporção entre o salário mais baixo e o salário mínimo local, com discriminação por gênero	sumário	Ampla	106
15	Não discriminação	sumário	Ampla	109
16	Casos de discriminação e medidas corretivas	sumário	Ampla	109

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021 nas duas abordagens: ampla e racial.

QUADRO 82 — PALAVRA ANTIRRACISMO EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Antirracismo - 0 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Não há menção do termo

QUADRO 83 — PALAVRA ANTIRRACISTA EXTRAÍDA DO RELATÓRIO DO ANO DE 2022.

Palavra: Antirracista(s) - 10 vezes				
Nº	Contexto semântico	Local no texto	Abordagem	Pg.
1	Compromisso com a agenda antirracista	índice	Racial	2
2	Compromisso com a Agenda Antirracista	título/subtítulo	Racial	32
3	Compromisso com a agenda antirracista	título/subtítulo	Racial	33
4	agenda permanente de ações afirmativas e antirracistas	composição textual	Racial	33
5	plano dividido em oito ações antirracistas	composição textual	Racial	33
6	ação: sensibilizar agenda antirracista (on-line)	composição textual	Racial	35
7	complementar a pauta antirracista	composição textual	Racial	35
8	evolução dos programas antirracista	título/subtítulo	Racial	36
9	compromissos realizados: Programa de Ações Antirracista	composição textual	Racial	36
10	promoção de um ambiente antirracista	composição textual	Racial	37

Adaptado: Relatório Anual de Sustentabilidade - Ano 2022.

Descrição: Os usos se aproximam dos mesmos de 2020/2021.

CAMINHOS BIBLIOGRÁFICOS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial, 2019.

ANPED. Anais da 39ª Reunião Nacional da ANPEd - Educação Pública e Pesquisa: ataques, lutas e resistências. GT - Educação e Relações Étnico-raciais. Niterói, 2019. Disponível em:

<http://39.reuniao.anped.org.br/?_ga=2.257628867.919529589.1706556711-1245572347.1704832832>. Acesso em: 3 set. 2023.

ANPED. Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd - Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo!. GT - Educação e Relações Étnico-raciais. Niterói, 2019. Disponível em:

<https://40reuniao.anped.org.br/?_ga=2.235271753.919529589.1706556711-1245572347.1704832832>. Acesso em: 3 set. 2023.

BAKER, Andrew et al. Diversity Washing. Ssrn Electronic Journal, [S.L.], 2022. *apud* FREIRE, Thiago Monteiro. Diversity Washing: corporatização da diversidade, capitalização da discriminação. Monografia de graduação, UFOP. 2023, 12-19 p. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/5310/6/MONOGRAFIA_DiversityWashingCorporatiza%c3%a7%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.

BARATA-MOURA, José. Totalidade e contradição acerca da dialéctica. Edições Avante. 1977.

BARATA-MOURA, José. Marxismo-leninismo em debate. Edições Avante, 2010.

BARDIN, Laurence. São Paulo: Edições 70, 1997, 9 p.

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 38.

BENEDITO, Beatriz Soares; CARNEIRO, Suelaine; PORTELLA, Tânia. Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e

afro-brasileira. São Paulo: Instituto Alana, 2023. Disponível em: <<https://alana.org.br/wpcontent/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. O pacto da branquitude. Companhia das Letras, 2022.

BIANCHI, Alvaro. Revolução passiva: o pretérito do futuro. *Crítica Marxista*, v. 1, n. 23, p. 11, 2006. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/A_Bianchi_23.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.

BLOCK, Peter. Consultoria: o desafio da liberdade. Makron, 1991. Tradução Andréa Filatro Revisão Técnica Dr. Roberto Kanaane . Roka Consultoria em Recursos Humanos S/C Ltda. Pearson Education. 2 ed., 2011, 4 p. Disponível em: <<http://www.rpd.iroll.com.br/resources/BLOCK%2C%20P.%20Consultoria.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2023.

BOITEMPO, TV. Lançamento de LUKÁCS, UMA INTRODUÇÃO, de José Paulo Netto. Youtube, 6 set. 2023, s.p. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q4w4E6njLY4>>. Acesso em: 27 out. 2023.

BRASIL. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do imperio. Coleção de leis do império do Brasil. Lei de 15 de outubro de 1827, v. 1, p. 71-71, 1827. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm>. Acesso em: 15 dez. 2023.

BRASIL. Decreto Nº 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854. Aprova o regulamento para a reforma do ensino primário e secundário do Município da Côrte. s.p. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>>. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRASIL. Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 3 mar. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. ROMÃO, Jeruse (org.). História da Educação do Negro e outras histórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. 278p.(Coleção Educação para Todos). Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. ROMÃO, Jeruse (org.). História da Educação do Negro e outras histórias. In: Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas, 65-78 p. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. (Coleção Educação para Todos). Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 3 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Parecer 05/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da

Pandemia da COVID-19. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Brasil assina relatório da Conferência de Combate ao Racismo da ONU. 2009, s.p. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/tv/195610-brasil-assina-relatorio-da-conferencia-de-combate-ao-racismo-da-onu/>>. Acesso em: 9 out. 2023.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 8, n. 1, 6011 p., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v8n1/v8n1a28.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CARREFOUR, Grupo. Um Verdadeiro Ecossistema de Negócios. S.d, s.p. Disponível em: <<https://www.grupocarrefourbrasil.com.br/grupo/quem-somos/>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

CARREFOUR. Relatórios Anual de Sustentabilidade dos anos 2019. 90p. Diretoria de Sustentabilidade. Consultoria Concolor Disponível em: <<https://www.grupocarrefourbrasil.com.br>>. Acesso: 11 ago. 2023.

CARREFOUR. Relatórios Anual de Sustentabilidade dos anos 2020. 135 p. Diretoria de Sustentabilidade. Consultoria Aiurú ESG. Disponível em: <<https://www.grupocarrefourbrasil.com.br>>. Acesso: 11 ago. 2023.

CARREFOUR. Relatórios Anual de Sustentabilidade dos anos 2021. 153 p. Diretoria de Sustentabilidade. Consultoria TheMediaGroup. Disponível em: <<https://www.grupocarrefourbrasil.com.br>>. Acesso: 11 ago. 2023.

CARREFOUR. Relatórios Anual de Sustentabilidade dos anos 2022. 113 p. Diretoria de Sustentabilidade. Consultoria TheMediaGroup. Disponível em: <<https://www.grupocarrefourbrasil.com.br>>. Acesso: 11 ago. 2023.

CASSIN, Marcos. Louis Althusser e a sua contribuição para a sociologia da educação. Marxismo e ciências humanas. São Paulo: Xamã, 10 p., 2003. Disponível em:

<https://www.marxismo21.org/wp-content/uploads/2014/08/Louis-Althusser-e-Sociologia-da_Educacao-M-Cassin.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.

CARVALHO, Camila Maranhã Paes de; MORAES, Vitória Lucia Silva de. Relatório blackwashing [livro eletrônico] : as corporações estão engajadas na pauta racial?. São Paulo, SP : ACT Promoção da Saúde, 2023, 5 p. PDF. Bibliografia. ISBN 978-65-996409-2-6. Disponível em: <<https://actbr.org.br/uploads/arquivos/OUTUBRO-23---SUMARIO-EXECUTIVO-BLACKWASHING.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2023.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. A análise crítica do discurso. Estratégias críticas para pesquisa social , p. 262-271, 2004 *apud* FAIRCLOUGH, Norman; DE MELO, Iran Ferreira. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. Linha d'agua, v. 25, n. 2, 1999. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/47728/51460>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

CONGRESSO EM FOCO. Entidades Processam Carrefour Por Novos Casos de Racismo. 2023, s.p. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/entidades-processam-carrefour-por-novos-casos-de-racismo/>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

DA SILVA, Gisele Rose. Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros. 2020. 163 p. Dissertação de Mestrado. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Disponível em: <https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/149_Gisele%20Rose%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

DA SILVA, Alcione Ferreira. Educação formal e população negra no Brasil: caminhos de (des)encontros. IV Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: Desafios Contemporâneos. V Seminário Nacional de Território e Gestão de Políticas Sociais. IV Congresso de Direito à Cidade e Justiça Ambiental. Londrina PR, de 24 a 27 de maio de 2022, 12 p. Disponível em: <<https://www.uel.br/pos/sersocial/pages/arquivos/Congresso%202022/Relacoes%20etnico>>

raciais%20povos%20indigenas%20povos%20e%20comunidades%20tradicionais%20e%20Políticas%20Sociais/6498-408016-56810-2022-04-07.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2024.

DE SOUZA MORAIS, Danilo. Política de Reconhecimento das Diferenças Étnico-Raciais no Brasil: Ações Afirmativas e a política para a Educação Superior Pública no Governo Lula. *Ideias*, v. 2, n. 2, p. 81-99, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649317/15872>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

DUSSEL, Enrique. 1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Tradução de Jaime A. Clasen. 1993. Petrópolis/RJ - Ed. Vozes. Disponível em: <https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/45.1492_O_encobramento_do_outro.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Boitempo. 1997. 44-105 p.

FAIRCLOUGH, Norman; DE MELO, Iran Ferreira. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. *Linha d'agua*, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/47728/51460/57826>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

FERREIRA, Dayana da Silva Ferreira. Estado atual da educação para as relações étnico-raciais no Brasil. *Revista nuestraAmérica*, n. 22, 8 p. 2023. Disponível em: <<https://nuestramerica.cl/ojs/index.php/nuestramerica/article/view/e8434160/pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2023.

FERRO, Marc. *O ressentimento na História: um passado mais presente que o presente*. 1ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Tinta da China, A Urgência da Teoria, 2007. 45 p.

FRUTUOSO, Maria Fernanda Petrolí; VIANA, Cássio Vinícius Afonso. Quem inventou a fome são os que comem: da invisibilidade à enunciação—uma discussão necessária em

tempos de pandemia. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 25, 5 p., 2021. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/icse/a/LPHP93S94TgNtKbGtRZtDcs/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em: 22 jan. 2024.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da informação*, v. 6, n. 1, 58 p., 2019. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835/4187>>. Acesso em: 21 out. 2023.

GELEDÉS, PORTAL. Brasil e Durban: 20 anos depois. São Paulo, 13-53 p., 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2021/08/brasil-e-durban-20-anos-depois.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2023.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Editora Vozes, 2019.

GONÇALVES, Amanda Melchioti et al. Os intelectuais orgânicos da base nacional comum curricular (BNCC): aspectos teóricos e ideológicos. 2020, 52 p. Disponível em: <<https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/4776/5/AMANDA%20MELCHIOTTI%20GON%20c3%87ALVES%20.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2024.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais. Breve histórico do Grupo de Trabalho (GT) 21 Educação e Relações Étnico-Raciais. ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. s.d, s.p. Disponível em: <<https://anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt21-educa%C3%A7%C3%A3o-e-rela%C3%A7%C3%B5es-%C3%A9tnico-raciais>>. Acesso em: 2 set. 2023.

HOEVELER, Rejane Carolina. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. *Revista Práxis e Hegemonia Popular*, v. 4, n. 5, p. 149, 2019.

Disponível em:
<<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/PHP/article/download/10792/6715/35032>>.
Acesso em: 28 dez. 2023.

HILTON, Deputada Federal Erika (PSOL/SP). Ofício nº 40/2023. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 07 mai. 2023. Disponível em:
<<https://static.poder360.com.br/2023/05/erika-hilton-oficio-racismo-carrefour.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2023.

HOOKS, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 2013, 2013.

KONDER, Leandro. O que é dialética / Leandro Konder. — São Paulo : Brasiliense, 2008. — (Coleção Primeiros Passos : 23). Disponível em:
<<https://afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Konder,%20Leandro/O%20que%20e%20dialectica.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2023.

KPMG. Guia prático do Compliance: O que você precisa saber para começar. Curso Certificação em Compliance. Livro Colaborativo. KPMG Business School. Nov. 2020, 35 p. Disponível em: <<https://midia.kpmg.com.br/comunicados/arquivos/livro-digital-guia-pratico-do-compliance-KPMG-v2.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

LIGUORI, Guido & VOZA, Pasquale. Dicionario Gramsciano 1926-1937. Roma: Carocci Editore, 2009 apud HOEVELER, Rejane Carolina. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. Revista Práxis e Hegemonia Popular, v. 4, n. 5, p. 148, 2019. Disponível em:
<<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/PHP/article/download/10792/6715/35032>>.
Acesso em: 28 dez. 2023.

LIMA, Márcia. Desigualdades raciais e políticas públicas: ações afirmativas no governo Lula. Novos estudos.-CEBRAP, São Paulo, n. 87, 2010, 82 p. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/nec/a/P7jQbyjZbNLcfvRFFjgCkCp/?format=pdf&lang=pt>>.
Acesso em: 11 dez. 2023.

LUKÁCS, Georg. Para uma ontologia do ser social: II/György Lúkacs. Tradução Nélio Schneider (com a colaboração de Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes). Revisão técnica Ronaldo Vielmi Fortes (com a colaboração de Elcemir Paço Cunha). Prefácio Guido Oldrini. II. Boitempo, 2013, 100-239 p.

MAIA, Juliana. “No dia 13 de maio, cativo acabou e os escravos gritavam, liberdade senhor” 133 anos após a abolição da escravatura a luta continua contra o racismo e as diferenças sociais!!. s.p. Facebook, 13 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=2296624190469610>>. Acesso em: 26 dez. 2023.

MARTINS, Etiene. Antirracistas profissionais. Jornal Estado de Minas. 2023, s.p. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/colunistas/etiene-martins/2023/08/24/noticia-etiene-martins,1551129/antirracistas-profissionais.shtml#google_vignette>. Acesso em: 10 set. 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O manifesto do Partido Comunista. 1ª Edição. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2008, 15-16p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7638358/mod_resource/content/1/MARX%20E%20ENGELS_MANIFESTO%20DO%20PARTIDO%20COMUNISTA.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2023.

MARX, Karl. Manifesto do partido comunista. Germinal: marxismo e educação em debate , v. 1, pág. 194-220, 2013.

MARX, Karl. O Capital-Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital. Boitempo Editorial, 2015.

MARX, Karl. Miséria da filosofia. Boitempo Editorial, 2017.

MATUMBI, Lazzo. 14 de Maio. YouTube, 19 nov. 2019. s.p. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sQo8gKGdH2U>>. Acesso em: 7 dez. 2023.

MAURICIO, Juliana Menezes Mendes. Sociabilidade capitalista, autovalorização do capital e produtividade do trabalho: subsídios teórico-metodológicos para análise do trabalho do assistente social. 19 p. 2014. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/ppgservicosocial//files/2014/01/juliana.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MOURA, Clovis. O Negro: de bom escravo a mau cidadão?. Rio de Janeiro: Conquista, 1977, 17-22 p. São Paulo: Ática.

MOURA, Clóvis. História do negro brasileiro. 2ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1992, 58-59 p.

MPF. Ministério Público Federal. Termo de compromisso de ajustamento de conduta. Ministério Público do Estado Do Rio Grande do Sul, Ministério Público do Trabalho, Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul, Defensoria Pública da União, Carrefour Comércio e Indústria Ltda, Comercial de Alimentos Carrefour Ltda, Atacadão S.A, Educafro - Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes, Centro Santo Dias de Direitos Humanos, Terceiros Interessados, 2021, 10 p. Disponível em:<<https://www.mpf.mp.br/rs/atos-publicacoes/termo-de-ajustamento-de-conduta-tac/tac-carrefour/termo-deajustamento-de-conduta-tac-assinado-com-o-carrefour>>. Acesso em: 19 dez. 2023.

MUNANGA, K. O Anti-racismo no Brasil. In: MUNANGA, K. (org.). Estratégias e políticas de combate à discriminação racial. São Paulo: Edusp, p.79-111, 1996 *apud* MOEHLECKE, Sabrina. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. Cadernos de pesquisa, n. 117, p. 197-217, 2002. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n117/n117a11.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

NÓVOA, António; FINGER, M. O método (auto) biográfico e a formação de professores. 2014, 21 p.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*, v. 27, p. 382, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

Racismo?Combate-se. Entrevista com: Professor Clóvis Moura - Brasil País Inconcluso. Youtube, 14 out. 2020. s.p. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=81iRUkOehU>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ROBINSON, Cedric. *Marxismo negro. La formación de la tradición radical negra*. 1965, 45 p. Disponível em: <https://traficantes.net/sites/default/files/pdfs/PC_25_ROBINSON_web_baja.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2024.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Bazar do Tempo, 2021, p. 42.

SHAKESPEARE, William, 1564-1616. *A tragédia de Otelo, o Mouro de Veneza / William Shakespeare; tradução, introdução e notas de Lawrence Flores Pereira; ensaio de W. H. Auden*. — 1a ed. 139-140 p. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/85155.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2024.

SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*, v. 30, n. 63, , 2007, 50 p.. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>>. Acesso : 25 mai. 2023.

SILVA, Sabrina Aparecida Da. *O conceito de ideologia: Tracy, Marx, Engels e Gramsci*. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/180623/Eixo_2_21.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 out. 2023.

UNIperiferias. “As influências de Durban 20 anos depois... : educação básica e territórios periféricos”. Youtube, 8 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oOX5Te2I8eM>>. Acesso em: 3 nov. 2023.

STALIN, Josef. Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico. Marxists, 2012. Tradução: Fernando A. S. Araújo. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm>>. Acesso em: 09 mai 2023.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 1, n. 1, p. 07–17, 2010. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303>>. Acesso em: 29 jan. 2024.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e métodos. Bookman Editora, 2015, 17-18 p.